

O periquitinho Profeta e a nossa primeira reunião

Quando um icebergue se parte do vasto deserto nevado de um dos dois pólos terrestres, apenas uma parte mínima do mesmo sobra para se apresentar aos nossos olhos. Na verdade, esta parte visível que permanece por cima do nível das águas oceânicas costuma corresponder apenas a dez por cento de sua massa total. Mas coisa bem parecida é possível dizer do assim chamado mistério também: Este é justamente portador do seu nome por haver regularmente 90 % ou até mais das informações a seu respeito discretamente ocultas. E mais uma vez, teremo-nos contentar com apenas dez por cento ou até menos para chegarmos ao todo, sendo que esta chegada é a condição para que finalmente sejamos capazes de solucioná-lo.

Vamos ter que deduzir, portanto, deste pouco que possuímos para o restante que nunca vai chegar á nossa mão. Mas deduzir do escasso para o total no seu sentido próprio somente poderemos se formos capazes de encontrar estes dois ou três grãos básicos de informação que sempre estarão á mostra.

Mas onde vamos iniciar essa nossa procura? No sótão, para começar? No porão, num passo indeciso que se segue? Ou mesmo na praia, onde por certo teremos de enfrentar a tarefa quase impossível de destacá-los no meio de outros bilhoões ou mesmo trilhoões de grãos? E isso com a disposição de aceitar o desafio fantástico de identificá-los numa vastidão de areia constantemente revirada por verdadeiras legiões de ondas inteiramente consumidoras no seu avanço incessante? Bem, vamos encerrar por vez este tipo de comparação. Eis o meu relato fiel do que se passou nas férias de Julho do meu quarto ano primário.

*

Éramos quatro. Duas garotas e dois rapazes de Reconquista, um povoado afastado que se encontra bem no interior do Estado de Minas Gerais. Ou mesmo cinco, com quatro sendo de Reconquista e mais um sendo originário do cerrado dos arredores. Mas deste último falo depois, com cada fato assumindo o seu devido lugar nesse relato no momento justo e propício para ele.

Um pouco afora da nossa vila residia um jovem casal. Me lembro deles porque ocupavam um barracão simples e desbotado na ponta sul da fazenda Góis Serrano.

Não fazia um ano que a mulher havia dado luz a duas filhas lindas e gêmeas, enquanto que o homem arrecadava o dinheiro necessário para o sustento da família prestando serviços na carpintaria do velho Antão, em Reconquista.

Tudo ía bem, até o dia em que a mãe das duas meninas pequenas desapareceu repentinamente. Se mandou sim senhor, e isso de uma hora para a outra, como se a terra vermelha do cerradão a tivesse engolido para sempre.

Houve rumores e boatos, claro. Gente sussurrando a respeito de um escândalo, e outros se referindo a uma morte súbita e inesperada na família. E dirigindo-se finalmente perguntas ao marido que se viu abandonado de uma maneira tão brusca, nunca se ouvia outra resposta além de um murmúrio mal audível >>minha muiê tá é de viagens, ora essa, de visita a família ...<<

Mas na verdade, o que sobrara no final das contas passou logo a se amontoar a um problema – e até a uma complicação das mais sérias. Pois, com as filhas gêmeas precisando do pai, se tornou impossível para o mesmo fazer duas coisas em um só dia. Era isso trabalhar de um lado e cuidar das pequenas do outro – o que levaria á necessidade do pobre homem chegar á capacidade fantástica de partir-se em dois.

E sem emprego, a falta de dinheiro foi logo se elevando a uma fatalidade notável. Um desenvolvimento expressamente negativo se deslaçara, que já a curto prazo chegava a culminar no colapso financeiro completo da pequena família. A notícia que chegou mais rapidamente aos nossos ouvidos aqueles dias foi o triste fato do pai das meninas ter acumulado um montão de dívidas. No final, contaram que ele ficou devendo até o aluguel do barracão que ocupavam.

O inverno se aproximou, e com ele vieram os primeiros dias das férias escolares de Julho. E com toda a nossa alegria sobre todo esse tempo de folga, me lembrei do velho ditado de que o raiar do sol é sempre seguido por um vasto número de sombras que não vão cessando mais. E uma destas sombras me pareceu ter aumentado de maneira assustadora, até de chegar assumindo a forma de um artigo pirotécnico respeitável. De uma bombinha que mal tardou um momento para dar o seu estouro.

Mas o que veio primeiro foram as já mencionadas férias. Sim, o tempo das nossas férias, das férias escolares e mais uma vez do tempo maravilhoso de folgas...

O sinal tocou, com um bando barulhento de alunos saindo da escola. E meus olhos logo foram seguindo os contornos meigos da minha adorada Eva Maria, que de

pronto tomou rumo ao gramado lateral, para desamarrar o seu pônei Fradinho. Mas ao desenlaçar o nó, ela virou a cabecinha para se dirigir a nós.

- Papai disse ontem que o velho Góis Serrano quer hoje expulsar o pai das gêmeas de suas terras - ela saiu desabafando. E foi dizendo isto no justo momento de montar o animal com um saltinho cheio de graça e habilidade. Filha primeira e única do dono de uma das maiores fazendas da região, ela dependia do animalzinho bondoso e fiel a fim de chegar seguramente á escola como para voltar á casa depois.

E, com Eva Maria soltando repentinamente uma revelação chocante como esta, todo mundo parou prontamente para escutá-la.

Foi o momento do Professor tomar uma pronta decisão. E era esta uma atitude típica do meu amigo de cor. Portava o apelido de <<Professor>> devido aos óculos tipo <<fundo de garrafa>> que costumava usar.

- Reunião de emergência – o Professor decidia. E logo adicionou: – Ás duas horas em ponto.

- Mas os deveres de casa - protestou a minha belezinha loura, falando do alto de seu pônei que já tinha montado.

Mal tinha finalizada a sua frase quando outra menina do nosso grupo foi disparar numa risadinha violenta.

– Dever de casa, e isso logo no nosso primeiro dia de férias? – a nossa <<Índiazinha>> Olinda exclamou. E foi intonar isto de um jeito igualmente estridente como ainda ofegante devido a exaltação da sua jocosidade anterior. E – rindo até mais um pouco – passou a agitar a cabeleira já quase azulada de tão negra num gesto de pretendido desespero.

Já apressando o passo do seu pônei com os saltos de suas botas, Eva Maria fez o Fradinho cair num trote tão ligeiro como elegante também. – Maldita rotina, ela continuou, maldito hábito, este meu, de não parar de pensar em deveres mesmo em tempo de folga...

- Vai passar logo - gritou um outro dos que justamente estavam sainda da escola.

- Não se esqueçam da hora marcada - lembrou o Professor num tom de voz severo e já quase militar. – Ás duas da tarde, ouviram, logo depois do almoço, e na costumária Via Galinácia Número Três!

É, a Via Galinácea Número Três... E quanto a este estabelecimento, não se tratava de nada mais do que o galinheiro extremamente largo e particularmente confortável da Sinhá do Carmo Pimentel.

Este galinheiro - como também a casa da Sinhá – ambos se encontravam na assim chamada 'Península.'

Esta recebeu o seu nome depois de um incidente que se passou numa época em que o Brasil ainda fazia o precário papel de ser uma entre várias colônias do Império Luso. Como me contaram, uma das enchentes do rio Paraopeba separou, na <<nossa>> curva do seu leito, um pedaço considerável de pasto da terra firme.

Esta ilha foi mais tarde ocupada por tropas do colonizador português. E quando um esquadrão do jovem Brasil independente sucedeu em reconquistar a >>Península<<, a vila recém-fundada acabou por fim obtendo o seu nome atual, ou seja: Reconquista.

Primeiro, houve receios de popular a ilha devido á preocupação da mesma ser á curto prazo engolida pelas águas do rio Paraopeba no decurso de uma das suas cheias seguintes. Assim, os primeiros habitantes preferiam edificar as suas casas na segurança da terra firme vizinha. Mais tarde, uma ponte passou a unir a ilha á nova vila, até que o clero acabou estabelecendo uma capela na pontinha norte da assim chamada >>Península>>.

Esta parte nordestina da ilha foi logo fortificada com uma barreira protetora composta por blocos de granito massivos. E, como consequência desta medida, a confiança aumentou tanto que finalmente as primeiras casas começaram a ser construídas na ilha também.

Hoje, a capela é seguida por duas sequências paralelas de três casas em linha a cada lado, com o galinheiro se encontrando colado contra o muro traseiro comum do último par destas construções. Aí, uma rua curta e estreita corta a ilha verticalmente e separa este galinheiro de mais uma casa solitária que ainda segue na ponta sul, que é aquela pertencente á Sinhá do Carmo Pimentel.

*

Ao passar pela ponte, o som de um tambor chegara aos meus ouvidos. Era este um ruído ôco e penetrante, lembrando ao rolar lerdo e pesado de uma trovoadas distante. E me veio á cabeça no mesmo momento que se tratava justamente do nosso sinal

costumário. A tamborada com a qual a Eva Maria estava dando uma chamada. Rolando o tambor, a fim de convocar o Zé do Mato para a nossa reunião.

Alcançada finalmente a Via Galinácia Número Três, a próxima tarefa minha era de juntar a habilidade necessária para descer uma escadinha de pedra torcida e bastante estreita. Era isso o único caminho que levava ao local do nosso encontro.

E vindo da claridade do dia ensolarado, não havia outra escolha do que acostumar os meus olhos à escuridão dos arredores cavernóides, depois de ter aberto a porta.

Primeiro, não vi nada, mas realmente nada. E quando consegui destacar os pontos marcantes da minha vizinhança alguns momentos depois, notei o largo sorriso do Professor que se encontrava bem à minha frente. Com os braços cruzados, ele parecia de ter me observando o tempo todo seriamente e com muita atenção, e isso no silêncio mais profundo que se pode imaginar.

Quando justamente queria abrir a boca para soltar um comentário irônico, a porta do galinheiro se abriu mais uma vez, nas minhas costas. E ao me tornar, notei que quem entrou foi a nossa bela <<Índiazinha>> Olinda. Mas, ao contrário do que justamente acontecera comigo, ela não parecia enfrentar o menor problema de destacar os seus arredores. Ah, mas nem de longe, porque obviamente tinha toda facilidade de adaptar a sua vista à escuridão que se estendia em volta de nós.

- Ah, a Chiquinha – ela exclamou, se dirigindo a um dos muitos caixotes estofados com palha. – A Sinhá te deixou chocar, queridinha? Deixou mesmo?

Era óbvio que a galinha em cima dos ovos a conhecia, já que agora começara a soltar uma série de cacarejos baixinhos que me pareciam transbordar de amizade. E tanto o Professor como também eu estávamos bem a par do que se passava. O que quero dizer é que estava plenamente presente nas nossas mentes que a Olinda costumava ganhar um dinheirinho extra ajudando a Sinhá a cuidar dos animais dela. Apesar das galinhas havia ainda um bando de cabras bastante esquivas, apesar de mais alguns grupos de gansos e porcos.

Foi justamente aí que o Professor levantou a voz, se dirigindo a Olinda. – E se a Sinhá se movimentar para cá, a fim de dar uma olhada para ver por que está piando a Chiquinha?

A nossa amiguinha prontamente sacudiu a impressiva cabeleira escura, e isso num gesto claramente negativo.

– A Sinhá sempre cata os ovos cedinho na madrugada – ela respondeu com firmeza. – E voltar mais uma vez depois, não, uma voltinha deste tipo ela nunca deu.

E mesmo com a eventual necessidade da palha nos caixotes ser revirada mais tarde, isso será da minha própria conta, como vocês todos devem saber!

E, se inclinando para a frente, Olinda passou instantaneamente a ser banhada por uma estreita faixa de sol vindo de uma das duas janelinhas que se encontravam á altura da calçada de fora. Mas que maravilha! Era este um quadro tão fascinante que eu mal podia imaginar a possibilidade dele ser ultrapassado mesmo por uma fotografia artística. Fato sólido era que – pelo menos por voto unânime de todos os rapazes do meu conhecimento – a Olinda foi inoficialmente eleita a menina mais bela do nosso colégio. Com seus olhos um pouco melancólicos e o nariz fininho e refinado, ela era bem capaz de passar por uma bela senhorita da Roma histórica do império antigo.

Mas neste momento, algo me fez dar uma viradinha para trás. E me veio á mente que um – ou mesmo dois – do nosso grupo ainda estavam faltando.

- E a Eva Maria? – eu não pude me restringir a perguntar, com a questão saindo quase que involuntariamente da minha boca.

- Já com saudades? – o Professor prontamente saiu picando num tom cheio de ironia. Permanecendo imóvel, ainda encostado numa das caixas cheias de palha, eu já pude notar no próximo instante que ele se descontraía um pouco, reassumindo uma posição mais relaxada. E, em seguida, pondo um dedo indicador no nariz como um filósofo clássico, ele prosseguia: – Deixem-me fazer os cálculos rapidamente – e agora já exibindo um ar decididamente pensativo, ele passou a nos dar um discurso, como um contabilista profissional:

– Galopar de volta para a casa grande da fazenda são no máximo quinze minutos, cumprimentar os pais dela mal passa dos cinco, tomar assento e almoçar mais dez, e voltar ainda montada no final mais quinze minutos – e aí está ela!

E realmente, a porta do galinheiro sofreu uma empurrada tão rude neste mesmo instante que ela quase caiu das dobradiças. Mas quem entrou foi baixinho, branco e chifrudo – e era nenhum outro do que ...

- O bodinho Visconte! – exclamou a Olinda, visivelmente encantada com a chegada do animal.

Ouvindo a voz dela, o bodinho prontamente virou a cabeça, dando desafiantes olhadas de um de nos para o outro. E, ao reconhecer o Professor, o bodinho passou já no momento seguinte a tomar posição para um primeiro avanço.

- Calma aí, rapaz – gritou o meu amigo. E avançando rapidamente, ele sucedeu com habilidade admirável agarrar os chifres do animal que estava prestes a atacar com toda fúria.

Absorvidos nesta cena, nenhum de nos notou que, no entretanto, mais uma pessoa havia entrado no galinheiro.

– Problemas, meu caro Professor? – ouvimos a voz irônica da Eva Maria soar do lugar da porta. E – erguendo a minha cabeça imediatamente - eu pude ver a minha adorada colega se aproximando rapidamente. Uma fração de segundo mais tarde, ela atravessou a mesma faixa de sol que a Olinda tinha passado um pouco antes, com sua cabeleira loura e comprida chegando a brilhar como uma verdadeira catarata de ouro líquido e resplandescente. E foi neste instante que um largo sorrisinho foi adornar a carinha linda dela.

– Culpa sua, de mexer com este bodinho que só conhece travessura – ela deixou seguir, agora já com uma risadinha maliciosa.

Mas o Professor não parecia ter escutado as palavras dela. Ainda segurando os chifres do Visconde com toda firmeza, ele passou a encarar com um olhar muito sério e profundo a cara decididamente safadinha do animal.

- Vá buscar o Zé do Mato – ele disse devagarinho, acentuando cada sílaba da sua frase como se fosse prega. – Vai, Visconde, ele não pode estar longe. E não ouse de voltar sem o nosso amigo preto!

Prontamente, o bodinho deu uma virada na pontinha de suas patas. E quanto á Eva Maria, ela mal conseguia abrir a porta para o Visconde, quando ele já tinha passado rapidamente, se mandando com grande pressa em rumo á rua momentos depois.

- Muito bom – suspirou o Professor, visivelmente aliviado. E depois de ter inhaledo profundamente, ele passou a se dirigir á minha pessoa.

– Já viu seu primo Túlio hoje, Queijinho? – ele quis saber.

Bem, Queijinho...Neste ponto, não me resta nada mais do que a divulgação do fato de como fui honrado com este apelido ridículo. No ano anterior, havia sido lançada na televisão um trecho de propaganda que tinha como conteúdo o diálogo entre uma (suposta) mãe e o seu igualmente suposto filho. Começara a mãe:

- Gostoso este queijinho, hein, meu filho? – E o filho, visivelmente chateado, respondera: - Não é queijinho, mãe, é o Phantom F 5!

Meu problema - a partir da apresentação daquela cena - era que eu me assemelhava de maneira espantosa com o <<filho>> daquela propaganda, ou seja,

como um gêmeo se parece com o outro. E foi desta maneira que o apelido >>Queijinho<< não tardou a pegar.

Com o Professor então me fazendo esta indagação a respeito do meu primo Túlio, eu prontamente me pus a responder: - Quanto ao Túlio, te digo que ele acabou de almoçar com a gente, lá em casa!

– Muito bem – disse o Professor, dando o seu assento grave com a cabeça. – E onde está o seu primo agora, meu querido amigo Queijinho?

– O Túlio? – eu me exaltei. – Mas onde pode estar? Deve ter voltado logo para o seu trabalho na carpintaria, ora essa!

– Ouvimos, e não é preciso gritar – bradou o Professor, que embora da repreensão deu sinal de estar bastante satisfeito com a minha resposta. – E o seu primo vai nos emprestar duas serras até a tardinha, vai ou não vai, Queijinho?

Agora, esta sua terceira pergunta acabou me deixando boquiaberto. – Serras, e duas de uma vez, Professor? – eu finalmente conseguí responder. E, depois de um suspiro, adicionei: – Bem, sem que o patrão dele ver e chegar a saber, talvez haja alguma possibilidade...

E, neste mesmo instante, palavras roladas e não muito claras soaram roucamente pelo galinheiro: – Idiotas, todos vocês!

Mas, ao ouvir estas palavras ásperas, todos nos reviramos de súbito e involuntariamente, como se um enxame de marimbondos estivesse prestes a cair sobre nos.

Inteiramente surpresa, eu ví a Eva Maria nos encarando com olhos grandes.

- Ah, meus queridos amiguinhos – ela saiu bradando no próximo momento num júbilo agudo e fino. – Vejam só quem o nosso Profetinha finalmente acordou...

E estendeu o braço levantado, para mostrar-nos o periquito que justamente estava dando a sua estréia no palco. Com passos medidos de seus pequenos pés, a avezinha foi devagarinho saindo da manga da camisa dela.

- Acordou, e só pra xingar a gente – resmungou a Olinda, fingindo um aborrecimento que não existia.

E era só ouvir a voz da Olinda que o periquito já deu um salto para a mão dela.

– Idiotas, idiotas – o animalzinho repetiu. E sendo branco como um fantasma, a escuridão do galinheiro sugeria que a nossa amiga estava segurando algo como um picolé na mão. Um picolé de coco, que se mexia como só uma ave se mexia.

Olhando para a Eva Maria, essa passou a juntar as mãozinhas dela, para bater palmas uma vez, e sem dúvida numa sensação de grande alegria.

- Amanhã é o dia do meu aniversário – ela anunciou em voz alta e excitada. – E a minha tia Amélia vem de Belo Horizonte, e certamente para me fazer uma surpresa maravilhosa, como o sucedeu fazendo da última vez...

A tia da Eva Maria era uma boa conhecida de todos nós. Se tratava de uma senhora de porte baixo, mas assim mesmo decididamente enérgica e extremamente resoluta. Ela tinha presidiado o Tribunal de Justiça em Belo Horizonte como juiz de corte até o dia em que se aposentara, dois anos atrás. Mas a verdadeira paixão dela era a tradição gaúcha. Assim, ela tinha muitos amigos no Rio Grande do Sul, motivo pelo qual ela regularmente passava uma considerável temporada do ano lá. No último ano, Eva Maria tinha recebido um arreio de primeira para o seu pônei Fradinho na data de seu aniversário. Era um trabalho esplêndido de couro, com uma sela originária do mais elaborado artesanato gaúcho, que agora enfeitava as costas do pônei da nossa amiga.

E quanto ao relacionamento entre Eva Maria e a avezinha falante, ela nunca se separava do seu periquito. Levava-o mesmo para a escola, onde o animal costumava ficar quieto, debaixo da camisa dela ou sob uma das mangas da mesma. No mês de Junho do ano passado, com a professora da sala Ana Lúcia faltando por motivo de gripe, um dos garotos bagunçeiros da última fila tinha denunciado a presença do periquito ao professor substituto. Mas, mesmo com o professor rogando insistentemente, a Eva Maria se recusara ferreamente a mostrar a ave, alegando em voz decidida e estridente que esta não estava com ela. E quando uma colega recebeu a ordem de apalpar a camisa da Eva Maria para verificar esta alegação, não resultara êxito absolutamente nenhum desta ação. Naturalmente, isto logo deu alimento a rumores, sobretudo devido ao fato de que a saia de Eva Maria obviamente tinha permanecido isenta da revista manejada pela colega.

Agora, a Eva Maria deu uma batida de palmas novamente. – Diz aí, meu querido Profetinha – ela exclamou, com a voz trêmula da antecipação da resposta. – Me diz o que a tia Amélia me vai dar como presente de aniversário!

E o periquito, ainda na mão da Olinda, prontamente foi virar a cabecinha para encará-la. Mas quando finalmente resolveu começar a falar, as palavras apareciam roucas e mal inteligíveis. A única coisa que me parecia distinguível foi a palavra <<traje>>. Ou será que tinha me enganado desta feita?

– Diz de novo, Profetinha – insistiu a Eva Maria. – Diz mais uma vez, meu querido amor!

– Traje gaúcho! – repetiu a avezinha branca, agora num tom já um pouco mais claro. Era só captar a voz fininha do adorado animal que a nossa amiga loura já foi estourar num júbilo tão frenético como se mostrava despegadamente exaltada.

– Um traje gaúcho, um traje de cavalheira gaúcha – ela exclamou no auge de sua alegria, enquanto que já se afastava, disparando numa dança completamente enlouquecida pelo galinheiro. E, com os olhos arregalados, ela agitava e sacudia os braços como uma selvagem que se tornava doida no apogeu de sua transe. – Minha tia vai me vestir toda num couro macio, como uma cavalheira do sul – ela continuou, agora num canto já quase religioso, e com os olhos azuis brilhando no esplendor que parecia expressar toda a sua felicidade.

Mas, com todo este comportamento exagerado, quem não pôde se conter foi a Olinda. – Cuidado, querida – ela avisou num tom sério e reprimante. – Veja só como você assustou a Chiquinha. Mais um pouco, e ela vai deixar os seu ninho e sair correndo dos ovos ainda não chocados!

Mal acabamos de dar uma viradinha para ver a pobre ave doméstica, quando um berro gravíssimo vindo de fora do galinheiro nos fez tornar novamente - e agora todos de uma só vez.

– Abram a porta, abram a porta – a voz gritava num tom estranhamente rouco e aflito.

E quem foi atender a este rogar extremamente insistente e suplicante foi – ah, sim, mas você adivinhou certo, meu querido leitor – justamente a Eva Maria, cuja dança bárbara tinha levado-a para as proximidades imediatas da entrada do galinheiro.

Mas, com a nossa amiga loura abrindo a porta de uma só vez e com força, quem foi nos honrar com o seu aparecimento não foi ninguém outro do que o nosso amigo Zézinho do Mato – e montado no nosso bodinho Visconte como num pônei tão esquivo como era chifrudo!

E, embora sendo da nossa idade, ele não me parecia ter crescido nem um pouquinho. Não, nada mesmo - ao menos desde o dia no qual tive a oportunidade de vê-lo pela última vez. Sendo que tempo passado entre esta última vez e o tempo atual podia bem ter abrangido um verdadeiro bocadão de tempo. Um tempo que na minha memória era mesmo capaz de completar um ano inteiro ou até um pouco mais.

Com uma voz rouca e desgastada, o garoto miúdo e fininho nos deu algo como um ríspido e desgastando <<bom dia>>. E quando ele finalmente desmontou, o seu porte se revelava tão delicado e miúdo como uma peninha no vento! Um porte fino e sem peso que obviamente o fazia capaz de montar mesmo um bodinho!

- Seja bem vindo, Zézinho – respondeu o Professor. E acrescentou: – Você surgiu no justo momento em que era para aparecer, amigo!

- Oh sim, assim que dava pra ouvir o tambor da Eva Maria eu resolvi me aproximar com o devido cuidado. E quando o Vicente de repente saltou pra fora de uma moita de bambú, eu finalmente me convenci de que tinha que haver uma reunião marcada para hoje!

O Professor então passou a lhe explicar os problemas que o pai das duas filhas gêmeas encarava. Que estavam prestes a ser expulsos da habitação deles. E que era o nosso dever como cristãos de impedir que uma atrocidade deste tipo fosse posto em cena. Uma barbaridade cometida contra duas criancinhas completamente inocentes e mais o paizinho delas.

E, dando o seu assento com a cabeça, o Zé do Mato parecia chegar a compreender a urgência da situação.

Quis então saber o nome do culpado. O nome de quem estava decidido a cometer este <<crime>> contra a pequena família. E o Professor lhe respondeu que o provável responsável por esta ação lhe parecia ser o fazendeiro Góis Serrano.

Era só ouvir este nome que o Zé do Mato já deixou sair um assobio baixinho.

– Justamente o fazendeiro mais rico e influente da região – ele avisou. E continuou, com testa franzida e um ar sério: - Não se esqueçam que este homem manda em todo mundo aqui!

Imediatamente, a Eva Maria o interrompeu dizendo que isso podia bem ser o caso com qualquer outro, mas não com o seu pai e alguns outros fazendeiros da vizinhança.

E, rápido como um tiro disparado de uma pistola, o nosso amigo das selvas deixou ouvir uma curta risada, replicando que isso não era capaz de surpreendê-lo nem um pouquinho. Disse que o Góis Serrano por um lado, e o dono da segunda maior fazenda por outro, naturalmente tinham que ser os melhores amigos. E este outro fazendeiro, ele concluiu, era, como todos nos sabíamos muito bem, o pai da Eva Maria. Finalmente então, o Zé do Mato passou a chamar a nossa atenção para o fato de que a presença da nossa amiga loura no campo de batalha certamente iria

causar problemas para o relacionamento entre os dois mais ricos fazendeiros da região. Mas Eva Maria prontamente respondeu que isso a interessava bolufas – o que no meu entendimento significava: nem um pouquinho.

Foi quando o Zé do Mato perguntou a que hora era que aguardaríamos a ação contra a pequena família.

– Vamos perguntar ao nosso Profetinha – respondeu Eva Maria com um sorrisinho ambíguo. E, dirigindo-se ao periquito que justamente neste momento estava deslizando da mão da Olinda de volta para a palma daquela da nossa amiga loura, passou a interrogá-lo: – Vamos, Profetinha, diz aí quando é que vai começar a peladinha?

Ouvindo a voz dela, a avezinha inclinou a cabecinha, como para concentrar melhor a atenção.

– A hora, por favor, Profetinha – insistiu a Eva Maria.

E nos todos nos inclinamos para a frente no mesmo instante. Afinal, o que é que nos iria dizer este papagaio branco de miniatura?

– Duas e meia, duas e meia – a voz rouca do bichinho crocitou.

Silêncio. Comprêendendo devagarinho, começamos a olhar um para o outro. E o Professor me parecia sehr o primeiro capaz de reagir.

– Tempo de partir – ele já decidira. E, acabando de articular a última palavra da sua frase, já foi se dirigindo para a porta.

– Venham – ele gritou para trás.

Chegados lá fora, a Eva Maria imediatamente montou o seu pônei Fradinho. E isso com o seu costumeiro saltinho elegante.

– Vamos, vamos – ela disse suavemente, guiando o animal para o meio-fio da rua.

Olhei para trás, boquiaberto. Testemunhando então - e como se fosse a coisa mais natural do mundo - o Zé do Mato justamente se metendo nas costas do bodinho Vicente. E, já montado, ele foi se dirigindo para mim no momento seguinte.

– Vamos atrás dela, Queijinho – ele sussurrou, me convidando para acompanhá-lo lado a lado.

E assim, nos precipitamos para a rua. Movendo em frente, fomos passar as frentes de três das quatro casas que formaram a parte traseira do único quarteirão na ilha. Atravessando a ponte um pouco depois, as águas turvas e lamacentas do braço interior do rio Paraopeba foram logo chamar a minha atenção. E chegados do outro lado, passamos então a seguir a assim chamada Esplanada. Esta era a única rua

asfaltada da nossa Reconquista. E além disso a mesma que passava ao lado daquele leito curvado do rio que separava as duas partes da vila fluvial na qual todos nos vivíamos.

Passando pela Esplanada, o <<claque-claque>> das ferraduras do pônei no asfalto foram imediatamente chamar a atenção dos habitantes vizinhos. Crianças pequenas saíram correndo de suas casas para ver a gente. E mesmo mães com bebês no braço seguiram os seus filhos maiores, a fim de poder destacar melhor o estranho grupo que desfilava pelo asfalto. Finalmente, ao menos ao meu ver, quem chamou mais atenção foi o Zé do Mato ao meu lado. Este chegou a provocar mesmo risadas no meio da platéia. Risadas e até gargalhadinhas, já que estava montando inalteradamente e com cara decididamente austera o seu bodinho Vicente.

Um pouco depois, chegamos á rua General Médici. Esta começou a nos afastar do rio, levando-nos sem desvio para fora da vila. Demos uma curta paradinha na frente da Carpintaria do Antão. E enquanto os outros permaneceram na rua esperando, o Professor entrou comigo.

– Que querem? – cochichou o meu primo alertado, que logo viera ao nosso encontro. Parecia-me estar transbordando de suspeitas, como também a sua cara revelou.

O Professor ajustou seriamente os seu par de óculos.

– Duas serras – ele respondeu, num tom de voz igualmente baixo e abafado.

Túlio, o meu primo, foi então puxar-nos para uma porta lateral, onde saímos para o monte de madeira que estava lá fora.

– Que besteira é essa? – ele chiou, num tom desconfiante e pouco amável.

E o Professor deu a sua explicação.

– Eu falei com o chefão á respeito deste cara – o Túlio logo respondeu. – Pois é, este tal de Josías pode voltar ao trabalho aqui logo amanhã. Digam isso a ele!

– Mas como, com as duas filhinhas pequeneninhas? – eu exclamei.

Túlio então voltou á carpintaria para buscar algumas edições velhas do Estado de Minas e mais duas serras compridas. E quando voltou, o ajudamos a embrulhar as lâminas dentadas das serras nas folhas dos jornais, para proteger-nos do corte delas.

Despedimo-nos, e voltamos para a rua, onde logo retomamos o nosso curso.

Um minuto depois, eu já me encontrei numa profunda conversa com o Zé do Mato.

O grande problema dele era o de nunca ter realmente visitado uma escola. No ano passado, ele tinha me dito a esse respeito que estava bem longe de sentir falta alguma de salas de aula e coisas parecidas. Passar horas preso e imóvel num mesmo lugar, ele me informara, não era coisa de que ele iria sentir falta alguma aquela altura e nem em qualquer momento futuro.

Mas hoje, do decorrer desta conversinha nossa, ele já me parecia ter mudado de idéia. Disse-me que estava cansado de sempre fugir, e que sentia falta de um lar como todos nos o tínhamos.

Acentuou que o pai dele, o assim chamado Zezão do Mato, nunca roubara e nem tivera necessidade alguma para cometer um crime qualquer. Pois, quando queriam comer, íam colher frutas selvagens, caçar perdizes ou procurar para uma pescaria a margem de um dos rios. Mas infelizmente era só sumir gado de uma fazenda dos arredores, e encontrar o culpado já era coisa demasiadamente fácil. Como não havia mais onças na região, logo iam vindo todos para incriminar o pobre paizinho dele.

Fazia duas semanas, o Zé do Mato prosseguiu, que uma inteira dúzia de cabeças de gado da raça Gir desaparecera da Fazenda Natal, localizada ao norte de Sete Lagoas. Foi quando o tenente Miranda, da seção da polícia militar de Paraopeba, iniciou uma nova busca com cachorros de rastro a fim de finalmente capturar os dois Zés – o Zézão e o seu filho -, que não era ninguém diferente do nosso amigo Zézinho.

E o Zé do Mato ainda montado no bodinho continuou que ele imediatamente se declarara de acordo com o seu pai. Pois este decidira que o melhor era retirarem-se logo para o Morro dos Espinheiros. Era esta uma vasta área elevada e muito seca coberta por uma vegetação espinhosa e muito semelhante á caatinga do nordeste.

– Papai sempre carrega uma latinha com essência de gambá consigo – explicou-me o Zé do Mato. – Começou então a passar a essência em vários arbustos espinhosos que cobrem aquele Morro. E com enxadas de cabo curto que sempre levamos conosco, cavamos duas covas. E estas bem debaixo de um outro espinheiro que se mostrava bastante largo. Deitei-me então na primeira cova, onde papai me cobriu com galhos e folhas largas. Depois, ele foi-se esconder da mesma maneira. E quando apareceram os cachorros, eles se machucaram em vários açoutes espinhosos. Sangrando e uivando como lobos, os policiais finalmente arrancaram os animais feridos para trás. Obrigados então de se retirarem, eu os ouvi soltando uma série de palavroês da pior espécie.

E lá já estava á nossa frente a velha ponte que atravessava o Corrego das Almas. Este último, que com o decorrer de muitos anos tinha cortado o seu leito profundamente no barranco, ainda estava fora da nossa vista. Mas do outro lado, uma cadela feia e amarela começou a latir de maneira lenta e preguiçosa da porta do barracão.

– Calma aí, Morceguinha – chamou uma voz de uma das janelas do pardiero. – Não vai assustar a nossa visita, ou vai?

E já veio saindo da casebre o pai magrelo, com um chapéu de palha na cabeça e uma filha sustentada no braço direito, a outra no esquerdo.

Chegando á metade da ponte decaída, já podíamos destacar o ruído distante de um automóvel que parecia estar nos seguindo.

Baixei o meu olhar, para ver o Corrego das Almas marulhando apressadamente lá no fundo.

– Rápido – tilintou a voz do Professor nos meus ouvidos. – Queijinho, me ajude a tirar as serras dos jornais!

Erguendo novamente a minha cabeça, eu ví que o pai estava se aproximando, com as duas meninas gêmeas no braço e a cadela atrás deles.

– O que vocês estão planejando?- o pai das miúdinhas quis saber.

- Impedir a chegada da polícia – retorquiou o Professor.

A cara do pai das meninas se alongou, até assumir a forma torcida de um sinal de interrogação.

Mas aí, a Eva Maria prontamente se virou para ele. - Atrapalha aí? – ela o interrogou.

Este sacudiu a cabeça, negativamente. – Há mais uma passagem estreita um pouco mais acima – ele a acalmou, apontando com um gesto da cabeça para a mata cobrindo o leito do córrego numa altura do curso um pouco mais elevada.

Neste momento, o estalo ríspido de um tiro partiu o ar á meia distância. Ao mesmo tempo, tomando um susto violento, as pequenas irmãs gêmeas foram disparar num choro verdadeiramente clamoroso. E isso ao agitar as mãozinhas e esperneando com toda fôrça nos braços do pai delas.

– Eva Maria, Olinda – berrou o Professor. – Depressa, ajudem este rapaz a trazer as pequenas filhas para dentro da casa.

E, se voltando para o Zé do Mato: - Zézinho, você vai atrás e vê se tranca bem a porta, ouviu? E cuide bem de trazer o bodinho para dentro do barracão também, entendeu? E não se esqueça da cadela Morceguinha!

Todos se afastaram com grande pressa em direção do barracão, enquanto que o Professor deu uma virada imediata para então se dirigir a mim.

– Queijinho, á ponte, temos pouco tempo. Você toma a viga á direita, e eu aquela á esquerda.

Comecei a serrar, e a madeira podre cedia sem grande dificuldade. Chegado já quase na metade da viga, quando um grito estridente vindo da janela do barracão rachou o ar. E, virando a cabeça, notei o fluxo da cabeleira loura da Eva Maria, que estava chamando e dando sinal para nos.

– Cuidado que a ponte vai tombar – ela berrou. – Saem de lá, rápido!

E, como para confirmar as palavras dela, um ruído feio e lascante veio a molestar os nossos tímpanos.

– Vamos – gritou o Professor. – Vai correndo, Queijinho, dá no pé com toda rapidez!

Mas depois de atravessar a ponte, eu logo passei a retardar o meu passo.

– Que? – perguntou o Professor já completamente ofegante, ao meu lado direito.

– Veja que a ponte não caiu – eu balbuciei, indicando para trás.

– Não caiu?

- Não, nem um pouquinho!

Paramos – e ao tornar para a ponte, também o Professor se convenceu de que eu tivera razão.

– Macacos me mordam! – ele exclamou.

Mas, neste momento, eu notei um jipe militar todo coberto com a poeira ruiva da região que justamente deixara a curva e estava agora se aproximando da ponte. E, com minha sangue quase chegando a congelar nas minhas veias, a buzina aguda do automóvel foi cortar o ar – e isso ainda mais por duas vezes consecutivas.

Neste mesmo instante, um movimento massivo atrás de mim atraíu irresistivelmente a minha atenção. E, virando a cabeça, eu vi a boiada da fazenda se aproximando da cerca de arame farpado. Esta passava em linha reta entre o fundo do barracão e o córrego.

O mencionado movimento meu, porém, estava longe de poder haver escapado da atenção do Professor. E ele logo se dirigiu á minha pessoa para me informar que o fazendeiro Góis Serrano costumava presentear a sua boiada duas vezes por ano

com sete sacos de milho da primeira qualidade. E isso, como o meu amigo prosseguiu explicando, sempre no dia do casamento dele como também na data do aniversário do mesmo fazendeiro. Era só ouvir o ruído do jipe chegando, ele concluiu, e obviamente a boiada logo vinha se pondo em movimento, indo ao encontro dele.

A buzina do jipe soou de novo. E, tornando em direção do córrego mais uma vez, eu ví que o automovel já tinha avançado até o começo da ponte neste instante. Instantâneamente, as portas foram abertas, com três pessoas pulando para fora do carro: dois homens uniformizados e mais um que portava roupa civil.

– Policiais militares – eu ouvi a voz do meu amigo sussurrar. – E o terceiro me parece ser o capataz da fazenda Góis Serrano, o Andrés Figueira.

– Seu Josías – berrou este último em direção do barracão, pondo as duas mãos em torno da boca como para formar um megafone. – Damos a você dez minutos para juntar as suas coisas e deixar as terras do meu patrão. E não se esqueça que você está devendo o aluguel de dois meses inteiros a ele!

– Ele não tem onde ir – respondeu o Professor em voz igualmente alta. – E com as filhas pequeneninhas, como ele vai trabalhar, hein? Vai dizer ao seu patrão para dar-lhe um prazo justo para poder acertar as suas contas.

– As filhas não são o nosso problema – o capataz berrou como resposta. – Seu Josías, me faça o favor de mostrar-me a sua cara, você ouviu o que eu disse?

Era só o Andrés Figueira pronunciar a última palavra, e a porta do barracão já se abría devagarinho, com o pai das duas pequenas se apresentando.

– E então? – gritou o capataz

– Como o rapaz já disse, eu não tenho onde ir – respondeu o pai das meninas.

– Muito bem – constatou o Figueira, que em seguida logo se dirigiu aos dois policiais. – Vamos então ao avanço, senhor tenente Salesiano. Este rapaz parece não nos deixar outra escolha! E obviamente, seremos obrigados de removê-lo de lá! E, com os três retornando ao carro, ouví as batidas das portas que eram fechadas com toda força.

– Cuidado – avisou o Professor, que neste instante acabava levantando uma das serras do chão. – Justamente terminamos o trabalho de partir a ponte, senhor Figueira.

– Alto lá – eu ouvi dizer a voz de um dos policiais. – Veja só que eles realmente estão com serras aí!

– Estes garotinhos? – a voz do capataz gritou de volta. E isso num tom cheio de desprezo. – Estes miúdinhos, e serrar uma ponte toda? Ah, mas estão blefando, senhor tenente, mas blefando – e isso sem uma sombra de dúvida!

E, com estas palavras, o motorista foi instantâneamente pisar no acelerador, para por carro em movimento. Mas, com as rodas dianteiras alcançando a ponte, um ranger horrível partiu o ar. Um som tão alto que já quase estava acabando com os tímpanos dos nossos ouvidos.

– Poë a ré, poë a ré – gritou a voz do tenente.

E, com o motorista puxando o carro para trás, a ponte foi agora se partindo com um estalo realmente terrível. Por um segundo, as extremidades das duas vigas se erguíam para cima. E já no próximo momento a ponte toda ia se derrubando córrego abaixo com um barulho verdadeiramente apavorante. E quanto á poeira, uma nuvem completa de serragem começou lentamente a subir do nível da água.

– Isso não vai lhe ajudar nem um pouquinho, mais nada mesmo – berrou o capataz. E este berro já estava quase fumegando de tanta raiva que o homem parecia estar sentindo, de tanto que tremia no volante-

– Ah não, este sujeito pode estar certo que voltaremos amanhã – confirmou o tenente. – E desta feita equipados com uma ponte móvel de primeira!

Forçando o motor do jipe extremamente, eles começaram a virar o carro com grande barulho em direção do caminho de volta á Reconquista. E, buzinando mais duas vezes, um minuto mais tarde já tinham sumido atrás da próxima curva .

E se sucedeu neste momento seguinte uma coisa inesperada. Era este o fato do pai das duas pequenas gêmeas se aproximar para abraçar cada um de nos.

– Obrigado, meninos – ele disse, enquanto que uma pequena lágrima começava a escorrer do olho esquerdo.

– Muito obrigado mesmo, meus caros amigos. Embora que a famosa palavra <<adiado>> não queira de maneira nenhuma dizer <<revogado>>, neste caso.

– Pode contar conosco – assegurou-lhe o Professor, com um sorriso cúmplice e um piscar de olho decididamente conspirativo.

O avanço da polícia e um braço torcido

Não me lembro do nosso caminho de volta a Reconquista. Nem da paradinha na frente da carpintaria para devolver as serras ao meu primo Túlio. E nem do resto da

tarde que devo ter passado em casa. E isso certamente não muito distante do televisor da sala.

O que recordo ainda é que ascendí a escada a uma hora ainda relativamente moderada esta noite, para procurar o meu quarto e me deitar.

Mas – já de madrugada – um pesadelo tão inesperado como terrível veio me tormentar. Um homem todo vestido de preto apontou uma arma na minha direção, gritando: – Fora da minha terra, fora da minha terra!

Ainda sei até hoje que acordei, todo suado. E que logo avancei, procurando as proximidades da janela.

Era uma noite escura, de céu negro e de lua nova. Abrí a janela e apoiei os meus cotovelos no beiral dela. E gozei de uma brisa noturna refrescando a minha cara úmida e febril.

Lá estava o nosso jardim frutífero e escuro, com as velhas árvores parecendo uma tropa de soldados numa formação negra e sombria. Ouí o crepitar das folhas no vento, e o gemido do cão da Anastasinha cortando o silêncio como golpes súbitos de machete.

E voltei á cama. Não me lembro quanto tempo dormí, quando o telefone começou a tocar, lá em baixo e na sala.

Um momento depois, um súbito ataque de aflição me fez olhar para o despertador. Seis e meia!

– Ah, mas tenho férias! – eu prontamente me lembrei com um suspiro aliviado. Mas não ousei descer a escada para atender o telefone. Papai iria se levantar as sete horas, para tomar café e partir rumo ao trabalho logo depois.

Acho que cochilei mais um pouquinho, quando ouví o telefone tocar de novo.

E desta feita, o som do despertador unido á luz intensa do sol me disseram que já eram oito horas e cinco minutos.

Com pressa máxima, eu me precipitei escada abaixo, antes que minha mãe e a minha irmã Isabel acordassem com as chamadas consecutivas.

– Alô? – eu perguntei em voz baixa, ao atender o telefone.

– Eva Maria já tentou te ligar bem cedo hoje – me repreendeu a voz metálica e enervada do Professor. – Por que você não atende, hein? O periquitinho Profeta previu a baixada dessa cambada danada para o meio dia em ponto! Creio que escolheram essa hora para se livrarem da gente, pensando que as nossas famílias não nos deixarão sair, com o almoço já na mesa!

E me parece que para ele, através da linha telefonica, era bem possível ouvir o meu suspiro.

Um curto período de silêncio se seguiu.

– Como vamos proceder? – eu finalmente quis saber.

– Passarei na sua casa às onze horas, rapaz! Vê se inventa uma boa desculpa, porque vamos então partir sem perder mais um minuto!

Onze horas, ele dizia! – Mas, como todo mundo sabia, meu amigo era homem de palavra!

E com ele chegando de fato às onze em ponto, saímos logo, e eu notei que além dele, não havia mais ninguém mais lá fora. Me tornando para o meu amigo, os nossos olhos não tardaram a se encontrar.

– Não se preocupe, os outros estão informados – ele me sossegou.

Apressando-nos bastante, necessitamos menos de uma meia hora para alcançar o córrego mais uma vez. E, devido á destruição da ponte, nos vimos obrigados de atravessá-lo balançando pelo tronco estendido sobre o seu curso superior um pouco mais acima. Mas, quando chegamos ao barracão do pai das meninas gêmeas, ainda estavam faltando os outros.

– Problemas, novamente? – perguntou o Josías, que justamente saía e levantava a mão piscando, com o sol já no alto do céu molestando os seus olhos. E como ontem, ele estava segurando as filhinas no braço.

– Provavelmente vamos tê-los – respondeu o Professor. – E agorinha mesmo, por volta do meio dia.

E, se dirigindo a mim, realçou: – Você vai-se plantar junto ao portão do curral, está compreendido, Queijinho amigo?

E, vendo o meu assento, continuou: - Não tire os olhos de mim. Nem um segundo, ouviu? E assim que eu levantar o braço, você sai abrindo este mesmo portão, okay?

– Está combinado – eu respondi.

– Ei! – estava chamando uma voz neste justo instante, e da meia distância.

Dirigindo os nossos olhares para o alto do curso do córrego, pudemos ver a Olinda e o meu primo Túlio, que justamente tinham atravessado o tronco.

Novamente, os olhos meus e do meu amigo se encontraram.

– Ai estão eles – disse ele, num tom de voz que revelava uma profunda satisfação por parte dele.

Mas, neste justo momento, um barulhão tremendo começou a chamar a atenção de todo mundo. E vimos que uma linha de três jipes e mais um rural estavam emergindo do final da curva nesse exato momento.

Boquiaberto, o Professor precisou apenas alguns segundos para soltar os seus olhos da cena. Repentinamente, ele se virou em direção do pai das pequenas.

– Por favor, seu Josías – ele pediu nervosamente. – Por favor se retire para dentro do barracão, porque a dança está para começar. E não queremos que as suas filhas pequenas se assustem, ou será que quer tomar esse risco?

– Mas... – balbuciou o pai das pequenas, que de repente parecia visivelmente preocupado.

– Por favor, Josías, vai indo, e tenha pelo menos um pouco de confiança em nos!

Finalmente, o pai das meninas cedeu. Vagarosamente, ele começou a retirar-se para dentro da casebre, levando as suas filhas no braço consigo.

Ouvindo respiradas rápidas e profundas, eu tornei no calço e me ví capaz de avistar Olinda e Túlio, que estavam justamente nos alcançando numa corrida ofegante.

No entretanto, o primeiro jipe tinha parado á margem íngreme do córrego. E, quando as portas se abríam, eu reconhecí a figura venerável do delegado Valentino, de Sete Lagoas. Atrás dele e deixando outro jipe, destacei a cabeleira cinzenta do velho fazendeiro Góis Serrano.

– A ponte móvel – ordenou o delegado, que era um senhor alto, moreno e resoluto.

E prontamente, quatro oficiais vieram correndo do rural atrás deles com o equipamento pedido. Não necessitaram nem dois minutos para desdobrar a ponte e estendê-la sobre o leito do córrego.

Neste justo momento, notei do canto do meu olho um movimento lá no alto do barranco coberto de arbustos, que se elevava atrás do barracão. E, quando a moita um pouco mais acima se partira, eu reconhecí a Eva Maria e o Zé do Mato. Lá se aproximava a minha adorada amiga loura. E como de costume montada na sela de seu pônei Fradinho, enquanto que o Zé vinha nas costas do bodinho Visconde.

Mas, no decorrer desses segundos, não me sobrou mais nada do que arregalar ambos os meus olhos! Ah, meu Deus, mas que figura impressionante e quase que já bélica oferecia esta amiguinha minha, a Eva Maria!

Vestida no traje de cavaleira óbviamente proveniente do Rio Grande do Sul e certamente presenteado pela tia, ela se mostrava toda vestida em couro. Chapéu de vaqueiro, jaqueta com franjas, calça reforçada e botas *boxcalf* com esporas nos

tacoões – e tudo couro trabalhado sofisticadamente e ornamentado remarcavelmente, com exceção apenas das esporas metálicas e do lenço azul-marinho que ela portava em torno do pescoço.

– Ah, a pequena Eva Maria – saiu escorvejando nesse instante a voz rouca do fazendeiro Góis Serrano, ao reconhecê-la. – E você, tomando agora parte do lado da injustiça, meu bem? Acho que devo ter uma conversinha bem séria com o meu amigo, o seu honrado pai, minha princesinha!

Mas, enquanto este anúncio não parecia estar impressionando a nossa amiga loura nem um pouquinho, o delegado por sua vez agora vinha tomando conhecimento do rapaz que montava o bodinho Visconde.

– Será que estou vendo direito? – ele exclamou, protegendo os seus olhos contra o sol com a mão direita. – O Zé do Mato – ele continuou em voz alta - e ousando de aparecer aqui bem na minha frente? – E, inalando o ar parado e quente do meio dia profundamente, prosseguiu com a devida gravidez: – E o seu pai me faça o favor de se apresentar na minha delegacia dentro de um prazo de duas semanas. Que tal, Zézinho, você vai dar este recado ao seu procriador, rapaz?

E com o eco da sua voz brusca se perdendo córrego abaixo, um silêncio preocupante começou a descer sobre o curso de água.

- Papai não fez nada – resmungou o Zé do Mato finalmente.

O delegado sacudiu a cabeça, negativamente. – Isso eu prefiro discutir pessoalmente com ele, garoto – ele berrou com pouca amabilidade. - O que me basta saber agora é apenas se você está disposto de lhe dar o recado, menino.

E desta vez, o Zé do Mato preferiu logo acenar com a cabeça.

Neste mesmo instante fui capaz de notar que uma outra porta estava se abrindo, no terceiro jipe da fila no outro lado do córrego. E quem saiu foi ninguém outro que a figura alta do nosso velho padre Celestino. Coroado com um topete de cabeleira competamente branco, ele começou a olhar na nossa direção.

Mas a essa altura, o fazendeiro Góis Serrano deu um passo inesperado para a frente.

- Ò de casa? – ele saiu berrando súbitamente, se dirigindo para o barracão.

Um ranger de dobradiças me fez tornar. E logo pude ver que o pai das meninas gêmeas abrira a janela, arriscando agora uma olhadinha para fora.

- Você está ocupando as minhas terras sem me pagar um único centavo – gritou a voz crocitante do fazendeiro. – Está de acordo em deixar o barracão agorinha mesmo, meu chapa, ou não está?

Mas antes que o pai das meninas pudesse responder, o Professor já se apoderara da palavra. – Não, ele não vai deixar casa nenhuma – o meu amigo berrou de volta.

- Não te perguntei, rapaz – advertiu o Góis Serrano num tom de voz decididamente venerável. – Eu estou perguntando o ...

Neste instante, porém, o pai das gêmeas parecia ter resolvido de cuidar dos seus negócios pessoalmente.

- Por minha parte, está igualmente faltando qualquer disposição de chegar a um acordo deste tipo – ele se apressou a responder.

- Esta conversa não leva a nada – decidiu a voz calma e determinada do delegado. – Senhores, por favor voltem aos seus respectivos automóveis. E depois vamos avançando, e isso bem devagarinho!

Gritos ecoavam sobre o leito do córrego, e portas foram cerradas com altas batidas. Mas á minha direita, no entretanto, eu notei que a Eva Maria já desmontara o seu pônei.

– Venha – ela disse, tomando a mão da Olinda e puxando esta atrás de si.

E rapidamente, as duas meninas saíram correndo para a ponte móvel, onde chegaram a uma parada apenas quando já tinham alcançado a metade dela.

- Avancem – ordenou o delegado da janela do primeiro jipe, que já havia se posto em movimento. E adicionou: – Em frente, meu motorista. As pequenas já vão ceder, com todos os carros se aproximando, aí pode estar certo.

Mas ele estava enganado em respeito às nossas duas heroínas – e como estava!

Aparentemente petrificadas, as duas menininhas não deixaram esta imobilidade completa assumida nos últimos dois minutos, já que ainda se conservaram inteiramente estáticas no meio da ponte.

E ainda de mãos dadas, as nossas amigas. Com ambas sendo igualmente miúdinhas. E dotadas de cabelos compridos. Uma loura, e uma com os cabelos pretos - tão pretos como a noite de São João, a mais escura do Brasil.

Ouví o barulho dos motores e pude testemunhar que o primeiro jipe veio freiando bruscamente, ao quase ter alcançado as duas meninas. Sim, a nossa Eva Maria e a Olinda, que não tinham cedido nem um milímetro sequer.

– Cumpadre Josías – berrou a voz raivosa do fazendeiro do segundo jipe. – Você quer mesmo sacrificar as vidas destas bonequinhas tão inocentes por uma causa completamente injusta, quer realmente isso, seu safadinho?

– Sim, isto seria decididamente um crime – constatou a voz sonora do delegado. – E isso sem uma sombra de dúvida!

Mas no entretanto, o padre Celestino já tinha deixado o seu jipe novamente.

– Sim, um crime – ele se exaltou. – Um crime que só uma pessoa incrente, só um verdadeiro ateu seria mesmo capaz de cometer. – E, se dirigindo ao pai das gêmeas: – Ouviu isso, incrente? Um ateu você é, seu sem-vergonha, mas um verdadeiro ateu, e da risca do cabelo a estes pés descalços seus!

Quanto a mim, porém, eu tenho que confessar que tive sérias dificuldades de reconhecer a voz do nosso venerável padre neste instante! Este homem bondoso e confidente, que eu conhecia de tantas missas e confissões – e sair gritando da maneira na qual estava gritando?

Embora que a sua voz enfurecida não chegou a fazer outra coisa do que refletir todo este clima nervoso e saturado com a animosidade que estava sendo encenada na frente do barracão.

– Ateu, um verdadeiro ateu! – a voz transbordando de raiva prosseguia, como um programa de rádio mal afinado.

A esta altura, nada mais parecia poder segurar o velho Góis Serrano no seu carro! E, com saltos tão rápidos como surpreendentes para os anos que eu lhe dava, ele já avançara para o meio da ponte, rumo às duas meninas.

Mais um movimento inteiramente inesperado e súbito dele – e ele já tinha agarrado o punho direito da Eva Maria.

– Ah, mas você vai apanhar, e como, sua menina teimosa – ele berrou, sacudindo o braço dela violentamente. – Ah, mas como você vai apanhar, e de quem, já adivinha, minha praga pequena, adivinha, hein? Ah, mas do seu próprio pai, sua cabecinha.dura, exatamente do seu velho pai, que sempre foi e sempre vai ser o meu melhor amigo neste mundo cruel!

E lá estava ele, o velho fazendeiro, puxando e sacudindo o braço da nossa amiga, enquanto que a Eva Maria gritava como se estivesse sendo massacrada!

– Solta ela! – berrou a Olinda. – Solta a Eva Maria, seu brutamontes!

E, adicionando um suplicante 'Por favor, senhor Góis Serrano, mas isto é demais, definitivamente demais', o delegado Valtentino também interveio advertindo o fazendeiro, e isso num tom já quase que chocado.

Só agora eu fui capaz de destacar uma mancha branca no ombro da Eva Maria. O periquitinho Profeta! – me veio a cabeça imediatamente. E realmente a avezinha parecia não ter agüentado mais debaixo da manga da camisa da nossa amiga loura. Porque justamente agora mesmo, o Profeta começou a xingar o fazendeiro Góis Serrano com palavras tão horríveis, que não tenho coragem de repetir nenhum deles aqui. Mas o bichinho não ficou sózinho, porque o padre agora também se manifestou de novo.

– Ateu, maldito ateu! – gritou a voz histérica e exaltada dele, do terceiro jipe.

Como se tudo isso não bastava, a Olinda agora baixava a cabeça, dando uma mordida forte no punho do atacante.

Finalmente e uivando de dor como um lobo, o fazendeiro soltou, com a Eva Maria imediatamente pulando para trás. E, de mãozinhas dadas novamente, as duas meninas saíram correndo na nossa direção.

– É agora ou nunca – eu ouvi prontamente ordenar a voz rouca do fazendeiro, que voltara rapidamente ao seu automóvel. – Para a frente, avanço!!!!

E com este seu grito, os carros foram se pondo em movimento mais uma vez. Com o barulhão dos motores e extremamente devagar, eles começavam a mover lentamente sobre a ponte.

Mas, chegando ao outro – ao nosso – lado do córrego, eu percebi que o Professor justamente tinha erguido o braço dele para cima. Era o meu sinal, o sinal finalmente anunciado por ele!

Só agora pude tomar o tempo de examinar mais de perto o ferrolho do portão, que se apresentava completamente enferrujado. Mas mesmo assim, a tarefa de abrir a tranca não se revelava nada fácil. E, contemplando os meus esforços, a boiada esperando atrás da cerca me observava como uma cambada de cachorros famintos. Finalmente, o ferrolho cedeu, e a manada prontamente passou a empurrar e pressionar vigorosamente para fora do curral.

– Cuidado, Ateu! – advertiu o Professor, vendo que este último estava justamente a ponto de deixar o barracão.

– Corra, Fradinho! – gritou a Eva Maria em direção do pônei dela. Mas este já estava fugindo da boiada o barranco acima, e isso num galope realmente impressionante.

– Rápido, para dentro do barracão - berrou o Zé do Mato.

Ouvindo as palavras dele, nos todos imediatamente saímos correndo, refugiando-nos nas confinidades da casebre do Ateu. E por fim, me assegurando que o bodinho Visconde e a cadela Morceguinha tinham seguido a gente, eu finalmente tornei para fechar a porta.

– Vejam, meus amigos – disse o Ateu, chamando a nossa atenção para o fato dele justamente estar abrindo a janela novamente. – Vejam só!

Lá fora, nos destacamos boi ao lado de boi, e um par de chifres quase tocando o outro. Um verdadeiro mar de corpos massivos e cobertos de pelo, que pressionava lentamente em direção da ponte, na espera da doação habitual de sete sacos de milho.

– Oh, meu Deus, o bando inteiro – eu ouvi a voz do velho fazendeiro.

Logo em seguida, foi a vez do delegado tomar a sua decisão, dando as ordens adequadas:

– Retirada – ele comandou, para depois deixar seguir: – Recuada imediata!

E, com o ruído dos automóveis saturando mais uma vez o ar, todos os carros saíram se retirando da ponte em marcha ré.

Quanto ao nosso quarteto de homens, este vinha se aproximando como numa repetição em câmara lenta. E isso agora para recolher a ponte, antes que a manada pudesse alcançá-la.

– Eh, vocês aí – berrou o fazendeiro Góis Serrano da janela do seu jipe, de onde agitava o punho num gesto claramente ameaçante. – Se eu perder só uma única vaca leiteira, Ateu, é você quem vai me pagar! E se vai pagar-me, rapaz!

E com isto, os quatro automóveis viraram de uma só vez, para então se afastarem apressadamente de volta á estrada que levava a Reconquista.

Com a poeira se abaixando novamente lá fora, o Ateu tornou no barracão e passou a abraçar cada um de nos, chamando-nos os seus soldados valentes e expressando a sua gratidão repetidamente. Feito isto, a Olinda sugeriu procurarmos uma vaca chamada Lili, que – segundo ela – era uma das chefes de toda a manada. E, atraindo a vaca repetindo o nome dela, esta veio logo se separando do grupo para chegar perto do barracão.

Olinda então conduziu a vaca de volta ao curral, e – milagre! – toda a boiada foi no mesmo instante se juntando a eles. Fechamos a tranca atrás do último animal, e o serviço já estava completado.

– Mais uma vez: um grande obrigado! – sorriu o Ateu, enquanto coçava a barbinha mal raspada.

Logo depois, nos todos ajudamos a Eva Maria de procurar o pônei Fradinho. E o achamos finalmente atrás de uma colina, de onde aparentemente justamente estava procurando o caminho de volta.

Mas nos não ousamos de deixar o Ateu sózinho. E isso resultou no fato dele logo começar a brincar conosco, chamando o Professor de seu capitão, a Olinda de sua escoteira, a Eva Maria de cavalheira, o Zé do Mato de seu guia, e finalmente a mim de tenente Queijinho.

Quando o pôr do sol de tardinha se aproximava, o Ateu por fim insistiu da gente voltar para casa.

– Não quero que as suas famílias se preocupem por vocês – ele explicou com um sorriso.

E então, nos agradeceu mais uma vez, para depois sair se despedindo de cada um de nos.

*

Mas já no dia seguinte, a bomba estalou.

Embora que inicialmente, o dia começou a se desenrolar de um jeito ainda relativamente sossegado.

Mamãe me acordou às sete e meia da manhã, não ligando para meus protestos de que minhas férias já tinham começado.

Tomamos o café da manhã juntos na cozinha. E logo depois, ela me deu uma lista de compras.

– Precisamos de tudo – ela disse. – Começando com abobrinha e terminando com zebu, ou melhor: o filé dele, é claro. E vê se não passeia, porque no sábado fecham quando querem, como você deve saber. Aqui está o dinheiro...

Me deu a carteira com a soma minuciosamente contada, e fui deixar a casa logo em seguida.

Passei primeiro pelo Armazém do Galo – a única loja um pouco maior que temos em Reconquista. E logo depois pela Padaria da Raposa, cuja dona é a nossa >>alemãzinha<< Anastasinha.

Lá, o capataz pouco simpático da fazenda Roque Antão estava na frente de mim na fila, perguntando no seu jeito rude quantas horas que eram.

– Oito e cinco – respondeu a Anastasinha prontamente ao homem forte e barbudo que a encarava.

– Tarde já. Embrulhe o pão, e rápido.

– E pãozinhos doces para o senhor fazendeiro, como de costume? – perguntou a padeira cuidadosamente.

Sem ligar para mim atrás dele e como se eu fosse transparente, o capataz se dirigiu á porta. E, gritando pela abertura dela para o Ford Rural que esperava lá fora, ele quis saber:

– Pãozinhos, senhor Roque?

E, com o patrão dele respondendo com a buzina duas vezes da rua, o capataz novamente se virou para a Anastasinha: - Sim, pãozinhos, como você acabou de ouvir!

Fiz as minhas compras aqui também, e quando voltei para casa, havia começado a chover num pinga-pinga bem ligeirinho.

Deixando as minhas compras com mamãe na cozinha, eu retornei á copa. Quando justamente queria dirigir-me a escada rumo ao meu quarto lá em cima, a voz da minha irmã me fez parar.

– Pelo que ouvi, o seu amorzinho teve aniversário ontem – observou Isabel com lábios apontados. E isso num tom já ostentativamente irônico.

E, me virando para ela, eu notei que ela não estava me concedendo sequer um olhar passageiro. Ao contrário, ela parecia estar completamente absorvida no ato de passar esmalte vermelho na unha alongada do dedo indicador dela.

– Posso saber qual foi o seu presente, maninho? – ela continuou, fitando rigidamente a sua obra ainda em desenvolvimento. – O seu presente, Queijinho? E para a sua namoradinha loura?

Ah, mas como eu odiava quando a Isabel se referia á Eva Maria na minha frente! E confesso que o meu presente para a minha amiga tinha sido uma coisa completamente proibida a ela própria. E como havia informantes dos pais dela em toda parte, eu era a única pessoa de confiança capaz de satisfazer o desejo mais íntimo e ardente de Eva Maria. E isso sem que ninguém perceba o que estava se passando. Sendo que este desejo ardente era um batom tão vermelho como o era o esmalte da minha irmã!

Mas com toda franqueza: Eu teria preferido cortar a minha língua antes de comunicar este fato a Isabel. E assim, eu respondi a ela com as palavras seguintes:

– Adivinhe, maninha. Você tem três tentativas antes de perder.

Agora, Isabel deixou a mão cair, fitando-me com um olhar radiante.

– Bolsa – ela disse.

– Errado.

– Brinco, colar, pulseira ou outra jóia – ela foi me dando a sua segunda dica com grande rapidez.

– Falhou novamente.

– Algo para enfeitar o cavalhinho dela? – ela investigou, agora com bem mais cuidado.

– Perdeu, acabou, finito, minha querida maninha.

E ela, completamente decepcionada: – Ah, pelo amor de Deus, Queijinho! Me dê mais uma - mais uma única dica pelo menos!

Mamãe veio saindo da cozinha, perguntando: – Qual é o problema? Posso ajudar?

– Não, estamos prontos – eu respondi, com um sorrisinho malicioso.

– Nada – gritou a Isabel, furiosa no auge da sua imensa curiosidade. – Assim você não me escapa, Queijinho!

Neste momento porém, o toque da campainha me salvou.

– Eu atendo – disse mamãe tediosamente, se dirigindo para a porta de entrada.

Isabel me encarou com um olhar desafiante, quando uma voz bem conhecida gritava de fora:

– Isa, Isa, já sabe a mais nova?

E meu ânimo se evaporou como uma poça no sol de verão, ao ver Alice, a melhor amiga da minha irmã, entrar com rapidez e uma elegância um tanto afetada. No ano passado, meu primo Túlio tinha dito a ela que Alice estava linda como uma princesinha com o cabelo arrumado em tranças. E desde então, ela infalivelmente continuara enfeitando a cabeleira desta maneira.

– Ah, o Queijinho – ela cantou com charme e alegria. – Não é verdade que a sua noivinha teve aniversário ontem, meu chapa?

Ah, mas será possível, eu pensei, ô pesadelinho que não acaba mais.

– Você tem três dicas para adivinhar o presente dele, Alice – disse em voz bem baixa e risonha a minha irmã. – Mas não venha com bolsa, jóia e nem peça para cavalo!

Alice olhou para mim. E os cabelos dela eram tão pretos que chegaram a brilhar num tom já quase azulado. Ela podia bem ser a irmã mais velha da nossa amiga Olinda – e realmente o era.

Foi quando o telefone começou a tocar na sala.

– Não vai atender? – perguntou Isabel, me encarando desafiantemente. – Você é aquele que está mais perto da porta, Queijinho!

Todo embaraçado, eu saí tropeçando em direção da sala, com as duas me seguindo ao pé. E rezei para que não fosse a Eva Maria – mas em vão, porque era justamente ela – e nenhuma outra!

– Você já ouviu que coisa horrível se acabou de passar? – a voz da minha lourinha soou do auscultador num tom interrogativo e todo ofegante de tão aflito.

– Coisa ho - horrível? – eu gaguejei, com minha irmã e a sua amiga Alice me fitando como duas suçuaranas. E aos poucos cheguei a sentir que eu – diante desses olhares - ficara totalmente vermelho de tanto embaraço.

– Sim, o Ateu acabou de ser preso pela polícia, Queijinho, imagine só.

– O que? – eu disparei apavorado e bem longe de qualquer compreensão imediata. E pela linha telefonica, ouvi a Eva Maria inalar profundamente.

– Olha, vamos passar de carro na frente da sua casa daqui a dez minutos – ela me informou. – Vê se põe roupa de chuva adequada, ouviu? E se escutar a buzina duas vezes, por favor se meta rua afora imediatamente!

– Entendido – eu respondi, embora inteiramente confuso á essa altura. E desliguei, já quase sufocado no meu estado de profunda agonia.

E as duas senhoritas ainda estavam me encarando, como duas leoas famintas.

– Foi o seu amorzinho, não é, Queijinho? – a Alice quis saber.

Mas isso a minha irmã já sabia muito bem.

– Vamos, que foi que ela disse? O que foi tão horrível? – ela indagou.

Bem – uma já era difícil de aguentar, mas as duas eram definitivamente demais para mim!

– Casamento – eu menti, sem pensar muito. – Vão me apanhar de carro, e vamos diretamente á igreja.

– O que? – saiu gritando a Alice, já quase caindo numa histeria estridente de tão surpreendida.

– Casar, você, baixinho? – gozou minha irmã. – Tem padre pra casar bebês por essas bandas, querido Queijinho?

Mas eu já tinha escapado, escada acima e rumo ao meu quarto, onde no instante seguinte fui trocar a minha roupa.

Depois, eu fiquei aguardando o sinal da buzina. E quando ela tocou, eu prontamente me precipitei escada abaixo, e isso com o devido cuidado.

– Onde vai? – perguntou mamã na copa.

– Sair, com Eva Maria – eu respondi. E isso num alívio incrível, porque Isabel e Alice pareciam ter-se retirado rumo ao quarto da minha irmã.

Uma pedida de desculpas e uma visita na prisão

Lá fora, uma perua gigante já estava esperando, com o motor correndo. E, com a porta traseira se abrir chiando, eu pulei para dentro.

– Estamos completos? – perguntou uma voz enérgica da frente.

Esticei o pescoço, porque parecia não haver motorista no assento diante de mim. Mas então reconheci a tia da Eva Maria, que era tão baixinha que mal chegava à altura do volante.

– Todo mundo a bordo? – ela tornou a perguntar.

– Só falta o Professor – respondeu a Olinda, que se encontrava ao meu lado, no banco traseiro. E, apontando com o dedo indicador: - Ele mora lá, naquela casa verde!

– Infelizmente não sobrou tempo para chamar o Zé do Mato – explicou Eva Maria. E logo foi adicionar: – Bater o tambor realmente teria demorado demais.

E com a buzina sendo tocada de novo, a porta da casa verde se abria, e o Professor veio correndo para se juntar à gente.

– Muito bom – constatou a tia, que justamente tornou pondo o carro em movimento. E continuou: – O que quero saber primeiro é se o fazendeiro Góis Serrano realmente puxou o braço da Eva Maria.

E, com nos todos começando a gritar de uma vez, ela levantou a mão, pedindo silêncio. – Um de cada vez – ela decidiu. – E o primeiro será...

– O Professor – sugeriu a Olinda.

Com a Eva Maria adicionando com uma risada: - O nosso novo capitão!

– Muito bem – concluiu a tia. – Vamos, então, rapaz.

– Sim, é verdade – confirmou o meu amigo, que estava ocupado esfregando as lentes embaçadas e grossas de seus óculos no pano da sua camisa. – Ele realmente sacudiu e puxou o braço dela, e isso com toda violência!

– Correto! – gritou a Olinda, numa voz tão alta que quase chegou a acabar com o tímpano do meu ouvido direito. – Foi exatamente assim como tudo se passou!

– Concordo – eu adicionei um pouco irritado, esfregando a minha orelha dolorida.

– Muito bem – concluiu a tia, que tinha parado o carro diante do único sinal de Reconquista. – Vamos ir á fazenda do Góis Serrano então, para sermos capazes de obter as devidas satisfações deste senhor!

E, enquanto o limpador de para-brisas fazia o seu trabalho, o sinal se tornou verde e a tia saiu arrancando o majestoso Chevrolet Veraneio adiante. Dois minutos depois, nos já estávamos deixando Reconquista.

Neste exato momento, a Olinda se virou para mim, me informando a respeito das novidades. E o que ela me contou foi o seguinte:

O fazendeiro Góis Serrano havia mandado uma de suas empregadas para o barracão do Ateu bem cedinho de madrugada para tomar conta das duas filhas. E isso para encapacitar o pai das meninhas de ir á carpintaria para ver se era possível continuar trabalhando lá ao menos meio horário. Mas quando chegou á oficina, foi informado que o chefe Antão tinha ido á capela na ilha, para atender a missa das oito horas. E com o pai das pequenas passando pela casa dos Palco Ferreira, por volta das oito e quinze, a voz da dona de casa Dalva gritara: - Pega ladrão, pega ladrão!

Ouvindo estas palavras, o Ateu disparara prontamente numa corrida, só para ser apanhado logo depois pelo cunhado e pelo primo da mesma senhora.

O problema era que – como Olinda seguiu me explicando – da casa dos Palco Ferreira havia sido roubada uma preciosidade, um bodinho de jade – e isso apenas poucos minutos antes do Ateu passar pela casa.

Neste momento, a Eva Maria estendeu o braço e apontou para a frente.

- Á direita agora, titia – ela gritava. – Senão, você vai parar no Córrego das Almas rolando logo ribanceira abaixo. Isso porque a ponte que passava sobre ele já tinha se ido para o brejo anteontem.

Ouvindo as palavras da sobrinha, a tia virou o volante na direção indicada.

- Ah, lá já estamos – ela comentou poucos minutos depois.

E realmente estávamos passando justamente um mata-burros, enquanto um anúncio á direita dizia: >>Bem vindo á fazenda Góis Serrano<<.

- Vejam, lá já está a casa grande – gritou a Olinda.

Devagarinho, a tia dirigia a perua para o estacionamento coberto de cascalho na frente da casa. Parou entre duas palmeiras miúdas e pintadas de branco até meia altura.

A porta da casa se abriu súbitamente, e um empregado atencioso já vinha correndo com um guarda-chuva para abrir a porta dianteira da perua para a tia. E logo depois, a bem-conhecida figura do velho fazendeiro Góis Serrano apareceu, ocupando de uma vez toda a abertura da entrada.

- Ah, a senhora presidente, e em pessoa – ele exclamou. – Qual é o motivo que me dá a honra da visita de uma senhora tão distinta?

E a tia, que justamente tinha deixado o carro com um suspiro: - Tenho que ter uma conversa séria com o senhor, e se terei de me meter nesse bate-papo!

- Mas não aqui – retrucou o fazendeiro. – A senhora aceita de tratar o seu assunto tomando um cafézinho comigo, não aceita?

E, vendo que a tia acenava com a cabeça debaixo do guarda-chuva repartida com o empregado, o Góis Serrano gritou para dentro da casa: - Dois cafézinhos, para mim e para a senhora presidente, e agorinha mesmo!

Ao chegar a notar que a tia, o empregado e o fazendeiro estavam desaparecendo dentro da casa, nos outros permanecemos atrás, nos encarando boquiabertos por um momento. Mas só para então saírmos logo correndo todos juntos contra uma cortina de chuva para o lado oposto do cascalho também. Mas já na entrada, uma mulher gorda – que eu suponhava ser a cozinheira – nos perguntou se queríamos refrigerantes. E, ouvindo a nossa confirmação unânime, ela foi então guiar-nos á cozinha.

- Só tem guaraná na geladeira – comentou uma outra empregada que se encontrava na área de serviço lavando louça, com um lenço branco na cabeça.

- Guaraná é uma jóia – declarou o Professor, falando – como sempre - em nome de todos nós.

Quando a cozinheira estava acabando de abrir quatro garrafas, eu aguçei os meus ouvidos para poder seguir o que estavam conversando na sala.

- Pelas minhas informações, o suposto ladrão foi conduzido para Sete Lagoas, pela polícia militar– a voz abafada do fazendeiro veio explicando do outro lado da porta.

Mas logo depois, as palavras estridentes e impressionantes da tia passavam a madeira: - E quanto ao seu comportamento em relação á minha sobrinha, o que diz o senhor?

- Ah, mas claro que vou me desculpar pessoalmente, senhora presidente! – foi a resposta.

Quando já estávamos todos no caminho de volta para a perua, ouvimos novamente a voz do fazendeiro. Com a chamada dele vindo da casa, o que logo nos fez parar.

- Eva Maria, será que eu cheguei a te machucar ontem? – ele quis saber.

E a nossa amiga loura sacudiu imediatamente a cabeça negativamente.

Continuamos andando, alcançando logo o carro.

- Estávamos todos muito nervosos – ele disse em seguida, chegando perto da perua, na qual nos justamente estávamos tomado assento. – E se te molestei, Eva Maria, quero lhe pedir as devidas desculpas!

- Ouviu, meu bem? – perguntou também a tia, que acabava se posicionando diante do volante. – O senhor Góis Serrano faz questão de te pedir desculpas!

- Aceito – respondeu a Eva Maria, que esticou o braço para fora da janela para dar a mãozinha ao fazendeiro.

Este logo correspondeu a este gesto amistoso. Em seguida, ele sinalizou para a tia, que tinha posto a marchá ré, para deixar o estacionamento. Um minuto depois, estávamos novamente na estrada de terra chuvosa e coberta de poças.

- E agora? – perguntou a Eva Maria.

- E agora, e agora! – repetiu a tia tediosamente, agitando uma mão ligeiramente irritada no ar. – Para Sete Lagoas, ou será que alguém tem uma sugestão melhor?

Não tínhamos, e assim fomos seguindo a estrada pelo sertão úmido e cinzento.

Vinte minutos depois, passamos a entrada para a fazenda Lagoa Dourada.

- A lagoa é grande – explicou o Professor. – E é cheia de curimatãs – um peixe velhaco demais ao menos para os pescadores deste mundo. Realmente não vai ao anzol com isca nenhuma!

- Para cada peixe há uma isca adequada – contestou a tia prontamente. E isso com um sorrisinho esperto, como pude conferir no espelho. – A questão é apenas o preço da mesma – ela adicionou em voz baixa.

Pouco depois, o Armazém Curiango apareceu á direita, em pleno cerrado.

- Ah, o Curiango – exclamou a tia. – Este já conheço desde a minha infância!

Finalmente, alcançamos a BR 040, seguindo então rumo a Sete Lagoas pela rodovia asfaltada.

- Lá está o posto Tupis – disse a Eva Maria. – Não quer abastecer, titia?

- Abasteci na ida, meu bem. E o tanque ainda está quase cheio.

Mais uma meia hora, e já tínhamos Sete Lagoas pela frente. E a tia não demorou cinco minutos para alcançar a polícia e manobrar o carro para dentro do estacionamento.

Aqui não chovia, mas mesmo assim o céu estava coberto por uma camada espessa de nuvens pesadas e negras. Um guarda havia observado a tia estacionar o carro, na frente da delegacia. Mas agora, a porta foi aberta e a aparência alta e imponente do delegado Valentino se apresentou aos nossos olhos.

- Ah, mas que surpresa – ele exclamou. – A senhora presidente, e aqui, em Sete Lagoas?

- Sim, queremos visitar um tal de Josías – respondeu a tia, que justamente deixava o carro.

- E os meninos na sua companhia já tive o imenso prazer de conhecer – constatou o delegado, com um sorrisinho equívoco.

- A lourinha é a minha sobrinha – explicou a tia. – E os outros são os amigos dela. Mas quem vai visitar o Josías são só a Eva Maria e estes seus amigos – ela completou.

O delegado olhou para o seu relógio. – O homem foi justamente interrogado pelos meus detetives – ele explicou. – Mas a senhora aceita um cafézinho, não aceita?

- Sempre, e com o maior prazer – gritou a Eva Maria, numa explosão de temperamento tão súbita como me pareceu atrevida. – A minha tia adora café, senhor delegado!

Um olhar reprimante da tia – que já estava sendo levada pelo delegado a essa altura, porém, e isso rumo ao escritório dele.

O guarda estendeu um braço. – Um momento – ele disse, parando a gente bruscamente. – Sómente três visitantes são permitidos durante a custódia.

- Epa! – saiu bradando a Eva Maria, cujo humor parecia haver de súbito piorado.

Mas ouvindo a exclamação dela, o delegado logo parou, olhando para trás.

- E agora, senhor Valentino? – a tia investigou provocantemente, aconchegada já quase íntimamente contra o lado dele.

- Vamos fazer uma execução hoje, ouviu? – ordenou o delegado, num tom curto e rude. Puxou a porta do escritório depois – e os dois já tinham sumido.

- Por aqui – disse com desgosto o guarda, que me parecia de repente por sua vez mal-humorado.

Levando-nos para uma sala de espera pequena e de paredes manchadas, ele nos deu a ordem de esperar. Dois minutos depois, ele reapareceu com o Ateu. Este logo sorriu de uma orelha para a outra de tanta alegria de nos encontrar aqui.

Quando acabamos de tomar assento em torno de uma mesinha de um verde manchado e desbotado, o guarda foi logo embora. Deu três passos grandes, para então abrir um jornal sobre uma outra mesa, que ficava bem perto da porta.

- Mas que surpresa – o Ateu exclamou, visivelmente contente. E logo depois, cumprimentou cada um de nos com o título militar que havia nos concedido.

Perguntamos como estava, e ele respondeu que estava muito preocupado por causa das suas pequenas filhas gêmeas. Disse que a empregada do Góis Serrano iria provavelmente ter que voltar á fazenda de tarde, e o que seria então com as princesinhas dele? – E nos prometemos sólidamente que iríamos encontrar uma solução para elas.

- Você realmente furtou aquele bode de jade da casa dos Palco Ferreira? – indagou a Eva Maria.

O Ateu reagiu arregalando os olhos cor de alambre visivelmente indignado. – Mas claro que não – ele exclamou num tom um pouco ofendido. – O meu único erro foi de parar no local errado numa hora ainda mais incorreta. E isso já é tudo que posso dizer a respeito deste incidente desagradável.

Na mesa vizinha, o guarda agora levantava a sua cabeça do jornal. – Acho que a sua tia já está de saída – ele avisou, se dirigindo á Eva Maria.

O Ateu prontamente estava de pé. Perguntamos se ele precisava de alguma coisa, mas ele respondeu que não. Abraçou cada um de nos, logo em seguida. E antes da gente sair, ele disse, com um ligeiro sorriso:

- Ordem do seu comandante Ateu, meus caros soldadinhos. A missão é apanhar o verdadeiro ladrão da jóia desaparecida. Entendido?

E nos todos saudamos militarmente, com as mãos erguidas para os bonézinhos imaginários.

- A ordem será efetuada dentro do prazo mais breve possível – respondeu o Professor, com toda seriedade que o título de capitão a ele concedido exigia.

- Obrigado – respondeu o nosso comandante, com os olhos cor de âmbar brilhando de alegria.

E partimos, enquanto o guarda se dirigira á nossa mesa, para levar o Ateu de volta á sua cela.

- E mais? – eu ouvi a tia perguntar ao delegado. E percebí que os dois já haviam alcançado a porta da saída.

- A senhora presidente seja assegurada que a lei de habeas corpus será observada ao pé da letra – prometeu ele .

- Mais alguma coisa?

- Lamentávelmente, ao menos do ponto de vista do culpado, temos três testemunhas que viram o Josías correndo do lugar do crime – o policial respondeu.

- E o corpo de delito? – insistiu a tia.

- Bem, o incriminado teve dois minutos – explicou o delegado, com a mão na cabeça, coçando-se. – Dois minutos para deixar sumir o corpo de delito ou de entregá-lo, talvez, a um cúmplice.

- O famoso terceiro desconhecido – exclamou a tia.

- Esteja certa, senhora presidente, que vamos informá-la imediatamente se o corpo de delito ou uma outra prova decisiva for encontrada – lhe assegurou o delegado.

E com estas palavras, nos voltamos ao carro, para então retornarmos á nossa velha Reconquista.

*

Mal tive tempo de almoçar com mamãe e Isabel, quando a campainha foi apertada com toda a força.

Minha irmã já parecia saber quem era. - O seu amorzinho, a Eva Maria – foi a dica impertinente dela.

Mas quem entrou com grande rapidez quando mamãe abriu foi nada menos do que o meu amigo, o Professor.

- Ah, o crânio, o crânio de Reconquista – gritou Isabel com uma batida de palmas, agora completamente entusiasmada.

O Professor tinha trazido a sua maletinha. E, para salvá-lo da minha irmã caduca, rapidamente o conduzí escada acima e para o meu quarto.

- Of – suspirou ele, deixando-se cair sobre a minha cama. – Esta chuva danada. Mas temos tudo que precisamos aqui, na minha maletinha.

Esta maleta foi um presente do pai dele, na ocasião do último aniversário do meu amigo. Ela contía tudo que um detetive necessitava. O equipamento completo para colocar o pequeno investigador na posição para solucionar um crime.

Pelo que o Professor me contou, o pai dele sustentava a família com os seus vencimentos de policial que ganhava em Belo Horizonte. Pelo grande orgulho do meu amigo, o pai fora encarregado com o ofício responsabilíssimo de detetive por dois anos inteiros. Mas para a ainda maior infelicidade dele, o pai havia sido transferido para a polícia de trânsito, um ano atrás. Imaginar o pai públicamente em pé num cruzamento e regulando apenas o tráfico lá – ah, mas isso era um pensamento já quase insuportável para o pobre Professor. E isso mesmo com a Olinda lhe assegurando várias vezes com toda firmeza que isso era um trabalho igualmente honesto. Ainda assim, o meu amigo tinha um grande objetivo na vida: O de realizar o seu sonho mais ardente e ser um grande investigador criminal um dia tão distante como também glorioso.

- Olinda e Eva Maria nem retornaram para casa para almoçar – revelou o Professor, acariciando com a sua mão grande e negra a maletinha adorada.

- Não retornaram? – eu perguntei, surpreso.

- Não, porque a tia voltou com as duas para o barracão do Ateu, a pedido da Eva Maria, para apanhar as duas meninas gêmeas. Voltando a Reconquista, deixou todos sair na frente da casa das >>irmãzinhas<<. E com a tia retornando á fazenda, Olinda e Eva Maria queriam perguntar se as >>irmãzinhas<< aceitassem tomar conta das pequenas enquanto que o Ateu estava preso.

- E como você ficou sabendo de tudo isso? – eu quis saber, com minha surpresa se intensificando de um momento para o outro.

Algumas gotas de chuva faziam com que os óculos do meu amigo brilhassem como uma lanterna.

- A Olinda me ligou brevemente, da casa das >>irmãzinhas>>.

- E que tal? – eu perguntei. – As nossas amiguinhas tiveram sucesso?

- Ainda estavam negociando aquela altura – foi a resposta do meu amigo.

As duas >>irmãzinhas<< não eram nem parentes e nem sequer maninhas, como o nome por sí poderia bem estar sugerindo. A razão deste apelido foi o fato das duas mulheres terem sido unidas por um funesto destino comum.

Dez anos atrás, uma das duas foi casada, na capela da ilha, com o proprietário do Armazém do Galo, na nossa Reconquista. Um ano depois, o substituto do dono do armazém também se casou. E com mais um ano se passando, cada uma das duas mulheres deu luz a uma filha pequena – e isso no mesmo dia e ainda mais quase á mesma hora.

Mais um ano depois, o proprietário e o seu substituto partiram com a camionete para Sete Lagoas, a fim de comprar uma carga de bebidas para o armazém. Já na ida, a camionete foi envolvida num acidente fatal com um pau-de-arara originário de Montes Claros, na qual ambos perderam a vida.

Como a viúva do dono e a sua filhinha pequena se tornaram herdeiros do armazém, ela convidou a outra viúva, que não possuía nada, a vir com a filha dela e viver com eles na casa que tinham construído na ilha.

As filhas agora já tinham chegado a idade de oito anos e eram também alunas do nosso colégio. E a partir do dia quando saíram morando juntos, as mães delas receberam em toda nossa vila o apelido >>as irmãzinhas<<.

Partí logo com o Professor, rumo á casa onde o crime foi cometido. E me veio á cabeça que finalmente a chuva tinha cessada.

Passamos pela ponte, para seguir depois a pequena rua que separava a capela na ponta norte da casa dos Palco Ferreira.

- Ei, vocês aí! – eu ouvi uma voz feminina chamar, da casa onde foi cometido o crime. – Pensei que fosse a polícia mais uma vez, até perceber o tamanho de vocês dois, ha, ha!

- A polícia? – exclamou o Professor imediatamente - e obviamente fingindo que ainda não estava sabendo de nada. – Podemos saber o que se passou, senhora?

- Sim, entrem, por favor – convidou a mulher obesa que agora aparecia na abertura da porta da casa. – Fomos roubados descaradamente, imaginem só! Mas graças a Deus, meus parentes conseguiram apanhar o ladrão logo depois do furto – ela continuou, e agora num tom de profunda satisfação.

Entramos, e ela nos levou para a sala. No canto oposto á porta desta última, reconheci o avô dela, e assentado com uma colcha sobre os joelhos. Com olhos brilhando de alegria sobre a nossa visita, e acomodado numa cadeira de balanço confortável, bem ao lado da janela.

- Ah, o Queijinho e o Professor – exclamou o velho, ao estender o braço apontando na nossa direção.

- Aceitam um refrigerante? – perguntou a dona da casa. – guaraná, guarapan ou mesmo água tônica?

Optamos ambos por mais uma garrafa de guaraná, depois da que tínhamos já tomado na fazenda Góis Serrano.

E quando ela saiu, o velho se inclinou para a frente. Só agora eu notei que ele balançava um cachimbo entre o indicador e o dedo médio. Fechando os olhos de tanto prazer, ele tomava uma inalação ávida e profunda neste justo momento.

- Querem saber de onde aquele bodinho de jade é que foi roubado? – ele perguntou logo depois com uma voz baixa e confidencial, expirando uma nuvem de fumaça na nossa direção.

E como nos dois estávamos dando o nosso assento com a cabeça, ele prosseguiu:

- Fui eu que trouxe o objeto do furto do nosso campo de operação na Itália, em 1944!

- Da Itália? – nos saímos gritando de plenos pulmões, agora completamente surpresos.

- Sim – confirmou o velho, sacudindo a cabeça esbranquiçada com ímpeto. – Depois de declarar guerra á Alemanha nazista e á Itália fascista, o Brasil mandara 25.000 soldados, que chegaram á Itália no mes de julho de 1944.

- Ha, ha, ha – começou súbitamente alguém a rir. Um homem que ostentava ao mesmo tempo um vasto bigode e óculos de arame prateado. Havendo surgido neste momento na entrada, eu fui imediatamente capaz de identificar este senhor como o já mencionado primo da dona de casa. E quem estava seguindo-o ao pé era a própria senhora, que vinha na nossa direção carregando uma bandeja com copos e garrafas.

- Não acreditem nas fábulas deste velho – acrescentou o primo, ainda rindo e agora tomando assento na frente de uma mesinha coberta com um tampo de pedra de sabão. E, estendendo uma mão convidatória: - Por favor, meninos, sintam-se em casa. Que estão esperando, juntem-se a nos e tomem assento também!

Foi o que fizemos – e exatamente do lado oposto dele – quando o Professor perguntou:

- Mas o que o senhor queria dizer em relação a nos não acreditarmos....

Ouvindo as palavras dele, o primo imediatamente disparou numa nova risada, metendo a sua mão na sua coxa com um estalo forte, de tanto contentamento.

– A maldita verdade é que o pessoal aqui fugiu todo pro mato – ele gaguejou, ainda exageradamente alegre e risonho. – Era só os agentes do governo encarregados com a tarefa da conscrição aparecerem aqui, e já sobrou mais ninguém, hu, hu, hu.... Nada apesar de um povoado fantasma, hi, hi, hi, com todos os homens alistáveis tendo sumido no cerrado! E não só aqui, por que coisa parecida deve ter se passado em várias populações vizinhas também, he, he, he!

– Covarde foi talvez o seu pai, querido primo – retrucou a dona de casa, que estava depositando a bandeja sobre a mesa neste momento, com uma cara muito tensa e séria. – Pois, quanto ao meu avô, nos todos sabemos muito bem que ele lutou com coragem e bravura em várias batalhas na Itália fascista, sendo até mesmo decorado!

– Exatamente – exclamou o velho com um brilhar entusiasmado nos olhos e levantando o punho com veemência. E, com a dona enchendo os nossos copos, ele prosseguiu: – Tínhamos tomado a cidade de Turim...

– Turim? – o interrompeu o primo em voz alta e gozadora. – Hu, hu, hu, não esta engandado, titio? Pois, pelas minhas informações, a cidade reconquistada pelas tropas nacionais foi Monte Castelo!

– O ignorância lamentável! – bradou o avô, que se inflamava mais e mais. – Mesmo uma criança do curso primário já sabe que o nosso comando heróico acabou libertando as cidades de Montése e Turim também.

– Por favor – se intrometeu num tom encorajante o Professor a esta altura, dirigindo-se ao avô. – Me faz o favor de prosseguir, senhor!

– Boatos correndo por Turim diziam que tropas alemãs de segunda linha planejavam retomar o bairro comercial da cidade, durante a noite que estava vindo – continuou o avô. – E com vários comerciantes chegando com pedidas de ajuda ao nosso comando, eu tomei prontamente a decisão de ocupar a entrada da zona de compras principal, com todos os meus subordinados.

– Você era tenente, não era, vovô? – indagou a dona de casa.

E, acenando com a cabeça, o velho prosseguiu: – Realmente houve um tiroteio de noite, e quando amanheceu, o dono de um armazém chinês veio para me agradecer pessoalmente, presenteando-me com este bodinho de jade – o mesmo que nos acabamos de ver sendo roubado esta manhã!

– Mentira, mentira e outra vez mentira! – gritou o primo. E isso num tom de voz tão insolente, que o achei completamente impróprio em vista ao trato com uma pessoa que já contava tantos anos de vida como este avô aí. Mas não só isso, o bigodudo

se atreveu mesmo de adicionar: – Ha, ha, ha, todo mundo sabe muito bem que um membro das forças armadas é espressamente interdito de aceitar presentes da população civil, ora essa, mas mesmo uma criança já vem com este fato óbvio gravado na sua cabecinha!

Mas o velho, que justamente tinha tomado outra tragada do seu cachimbo, respondeu com um sorrisinho ligeiro, enquanto exhalava a fumaça lentamente pelas narinas: – Realmente conversei sobre este assunto com o meu tenente-coronel, o senhor Seixas Monteiro. E, pelo que me lembro, também o comerciante chinês foi ouvido. Mas o comandante então decidiu que nesse caso especial o bodinho de jade era permitido de permanecer na minha posse.

– Sim, até hoje, às oito da manhã – lamentou a sua neta.

E como se tivesse esperado justamente por estas palavras, o Professor imediatamente passou a se dirigir á dona de casa, que ainda estava de pé ao nosso lado.

– A senhora conseguiu surpreender o pai das meninas gêmeas roubando a jóia, Dona Dalva? – ele quis saber.

– Não exatamente, rapaz – foi a resposta. – Não, não, eu estava subindo a escada para fechar a janela, lá em cima. E se tratava justamente por aquela janela no beiral da qual se encontrava o bodinho em questão. Mas, vendo que a preciosidade estava faltando, logo comecei a gritar ‘Santa Maria da Misericórdia, um roubo, pega ladrão, pega ladrão’ ou algo parecido pelo menos.

Um silêncio seguiu as palavras dela, durante o qual todos os presentes olhavam para a gente. E um ruído me fez virar a cabeça para a esquerda, onde o vovô justamente estava exhalando uma nova nuvem de fumaça do seu cachimbo.

Sómente o meu amigo não tinha tirado os seus olhos por um momento sequer da dona de casa.

– E então? – ele finalmente insistiu.

– Bem, olhando da janela para baixo, eu ví este tal de Josías fugindo na direção da capela. Mas meu cunhado e este bicho de um primo mal educado aqui já estavam com toda firmeza atrás dele.

– Ele nem se atreveu de oferecer resistência – exclamou o primo numa voz que súbitamente me parecia orgulhosa e cheia de brio. – Pois eu logo o dei entender em voz alta ‘nada de brincadeiras, camarada, ou você vai se arrepender para sempre.’ Sim, foi exatamente isso que eu lhe deixei saber.

– Não o interrogou a respeito do bodinho de jade? – o meu amigo indagou, com a testa franzida.

– Perguntei, mas o sem-vergonha disse que não o tinha no seu poder – o primo respondeu, com a face agora tensa e arroxeadada de raiva. – Iniciamos então uma intensa procura na frente da capela e também no quintal, mas ele provavelmente já tinha passado a jóia para um cúmplice. E isso certamente logo depois do roubo.

– O famoso terceiro desconhecido – saiu repetindo o Professor as exatas palavras que a tia tinha dirigido ao delegado, em Sete Lagoas. E, com o primo mal educado fitando-o com um olhar de quem não ouviu direito, o meu amigo esvaziou o seu copo, para então prosseguir:

– A senhora nos permite de dar uma olhadinha no quintal, dona Dalva?

Esta trocou um olhar com o avô, que acenou ligeiramente com a cabeça. - Não tenho nada contra – ela respondeu então. E adicionou: – Mas saiba que a polícia já esteve aqui. Se o gramado não tivesse sido arruinado já pela construção de um adicionamento a este querido lar nosso, o pisoteamento pelas botas dos policiais certamente teria dado-lhe o fim.

Levantamo-nos todos de uma vez. Isso para então seguir a dona de casa, que já estava marchando para o fundo oposto da casa. E, enquanto estávamos caminhando colados nos pés dela, fui capaz de captar a voz atrevida do primo, que neste instante soltava o comentário seguinte atrás de nos: – Não vejo nenhum proveito com estes meninos pequenos sendo levados para o local do...

– Deixa eles, deixa eles – logo o interrompeu a voz do velho bradando do canto da janelinha da sala. – Não seja um desmancha-prazeres mais uma vez, meu chapa...

Naquele momento, tínhamos justamente alcançados a cozinha, onde a dona Dalva abriu uma porta que saía diretamente para o quintal.

– Cuidado, está imundo daí pra frente, tudo um mar de lama – ela nos avisou em voz alta.

Desejamos-lhe uma boa tarde, e a porta se fechou atrás de nos com uma batida forte.

E realmente, uma área coberta por poças e solo lamacento se estendia até uma cerca, detrás da qual começava o gramado da parte do quintal que me parecia pertencer á casa cuja frente saía para o leito principal do rio.

– Ei, vocês aí! – exclamou uma voz bem conhecida que vinha da direita. E, mudando o nosso ângulo de vista, notamos a Olinda e a Eva Maria, que estavam vindo correndo na nossa direção.

Silêncio então, com elas nos alcançando, e completamente ofegantes.

– Tudo resolvido – anunciou a nossa amiga loura finalmente, e ainda respirando com bastante pressa.

– Resolvido? – eu repeti. – Quer dizer que as irmãzinhas aceitaram, não é?

– Não exatamente – me corrigiu a Olinda, que também ainda respirava com dificuldade. – As duas irmãzinhas primeiro hesitaram, mas com a Júlia e a Bernadete estando de férias escolares também e oferecerem a sua ajuda na cuida das pequenas, foi finalmente combinado que as gêmeas poderiam ficar lá até o reinício das aulas.

E o Professor reagiu prontamente sacudindo a cabeça, visivelmente satisfeito.

– Isso quer dizer que temos quase um mês inteiro para resolver este caso – ele concluiu acenando.

– E agora? – perguntou a Eva Maria, com as mãos afundadas nos bolsos da sua calça.

Quanto á Olinda, ela já parecia decepcionada, depois de ter examinado o quintal com olhares atentos.

– Aqui está tudo pisoteado – ela exclamou visivelmente abatida. – Uma bagunça tremenda, isso sim!

– Foi o que eu disse – disse a voz da dona de casa, que estava vindo de cima.

E olhamos todos para o alto, só para vê-la observando as nossas ações da justa janela da qual o bodinho foi roubado.

– A senhora me permite uma pergunta? – indagou o Professor, que estava fitando-a através de seus óculos grossos.

– Mas claro, rapaz. Fale! – foi a resposta.

– Se o Ateu... bem, eu digo este tal de Josías... Se ele fosse libertado pela polícia, Dona Dalva...

– Liberado? – ela respondeu prontamente. – Mas porque a polícia iria liberá-lo, se ele é o responsável pelo roubo?

– Vamos supor que não se encontrem provas suficientes para comprovar a autoria dele pelo crime – continuou o meu amigo. – Dona Dalva, quem poderia ter cometido o crime neste caso?

A dona de casa soltou o ar audívelmente pelas narinas, em cima das nossas cabeças. Até que finalmente perguntou:

– Caso? Que caso?

– O caso do Josías ser considerado inocente. Dona Dalva, eu gostaria agora de ouvir a sua opinião honesta.

– Ha – disse a dona de casa, e com um gesto amplo que cobria todos os quintais vizinhos se pôs a adicionar: – Vocês sabem muito bem que todas as casas desta linha pertencem á família dos Andrade Antão.

Olhamos um para o outro, nos quatro aqui em baixo.

– Todas, Dona Dalva? – o professor finalmente indagou.

– Sim, senhor – ela confirmou com muita decisão. – Vamos começar com os nossos vizinhos imediatos aqui – e aí, eu ví ela apontando para o quintal adjacente. Isso para perguntar a gente logo depois: – E então? Aquela ricaça entre as duas irmãzinhas, que é proprietária da casa como também do armazém, é uma Andrade Antão, correto? E o quintal que se segue pertence ao Vasco Antão, o dono da carpintaria. Finalmente, a larga casa transversal no fundo, que limita o espaço criado pelos quintais contíguos, se encontra povoada por duas famílias ao mesmo tempo: A parte direita pela viúva Emília Barreto Antão e o filho dela, e a parte esquerda é justamente o lar que o fazendeiro Roque Antão mantém aqui, em Reconquista, para a sua família.

Foi neste ponto que eu me intrometí. – Pois é, está na boca de toda gente aqui esse velho rancor entre os Palco Ferreira e a família Andrade Antão, não é verdade?

– Rancor, rancor? – ela gritou num tom agudo, da janela. E, baixando um pouco a voz, acrescentou: – Existe uma velha história, rapaz. Uma história entre o meu avô e os Andrade Antão, que não vou repetir aqui. Mas eles foram prometer vingança de punhos erguidos naquele tempo. Basta dizer que eles adorariam a gente sair mudando daqui, para comprar esta casa e ocupá-la com um membro da família Andrade Antão também.

E logo depois, com um murmúrio ininteligível, ela fechou as venezianas com força, para desaparecer em seguida.

Vendo ela se mandando, o Professor se dirigiu imediatamente a nos. E me parecia que ele queria nos dar uma avaliação da situação, quando ele começou a nos informar:

– Este é o momento mais importante da nossa investigação. Como isto aqui é o justo local onde o crime foi cometido esta manhã, ainda podemos ser capazes de encontrar aqui um indício que nos leve diretamente à pessoa responsável pelo roubo. Um indício desta qualidade é muito difícil de ser encontrado naqueles dias que se seguem ao roubo. E muito menos num lugar diferente.

– O que é um indício? – perguntou a Eva Maria, com a cara pura da inocência.

E sorrindo ligeiramente, o Professor tornou, dirigindo-se à Olinda. – Você sabe a resposta, querida? – ele quis saber.

– Uma coisa que o delinqüente perdeu, ao fugir do local do crime? – a nossa belezinha cabeluda sugeriu.

– Muito bem, Olinda! Mas também qualquer vestígio deixado involuntariamente pelo criminoso, como por exemplo cabelos dele arrancados ao tentar passar uma cerca viva, ou a impressão dos sapatos dele no chão, ou qualquer outra indicação deste tipo.

– Aqui há marcas de sapatos sem fim – exclamou a Eva Maria, agora por sua vez me parecendo estar um tanto desanimada.

– Sim – concordou o Professor, ainda sorrindo. – E a maioria delas ainda se apresentando bem cheias de água das chuvas. Quanto a estas impressões apagadas e destruídas, digo que dificilmente teremos êxito nesse ponto.

– E quanto à velha briga entre os Palco Ferreira e os Andrade Antão? – perguntou a Olinda.

Foi aí que o Professor deu o seu assento vigorosamente, com a cabeça.

– Realmente uma boa dica, essa – ele confirmou. – E provavelmente, o autor do crime realmente vai ter que ser procurado entre aqueles pertencendo à família Andrade Antão.

– Mas então ele deve ter fugido em direção às casas deles – eu dei a entender, me intrometendo. E continuei, já com mais ânimo: – Mas nesse caso, ele necessariamente saiu correndo na direção oposta da trajetória tomada pelo nosso amigo Ateu!

– Excelente proposta, Queijinho – sorriu o meu amigo. – Mas saindo correndo aqui pelos quintais, é muito difícil acreditar que ninguém foi capaz de presenciar a fuga deste ladrão nosso!

– Mas a família Andrade Antão talvez não tenha interesse na revelação do nome dele – sugeriu Eva Maria.

– Muito bem, lourinha! Só que a linha das casas dianteiras, às quais pertencem as partes dos quintais que se encontram atrás da cerca, pelas minhas informações não pertencem a membros da família que você mencionou.

Neste momento, um grito estridente vindo da rua entre a capela e a casa dos Palco Ferreira fez todos nos virar de uma vez.

– Por aqui, doutor Curvelo, por aqui, doutor!

E vimos o Pintinho e o velho médico de Reconquista fazendo a sua aparecida na esquina entre a casa e a rua. Os dois estavam vindo aquela altura com grande pressa na nossa direção.

– Maldito pintor! – exclamou o doutor Curvelo, ofegante e arrastando uma perna mancando clamorosamente. – Já o avisei hoje de manhãzinha para não obstruir a passagem entre as casas, mas quem sou eu para ainda limpar as orelhas daquele molenga!

– Adoeceu alguém, doutor? – perguntou o Professor.

Ao ouvir a voz dele, o doutor arrancou a cabeça para cima, como um galo que está súbitamente encarando um adversário

– Sim, foi o Heitor que adoeceu! – ele finalmente respondeu. - E ainda esteve quase chorando por estar perdendo o ensaio do teatro lá no colégio dele! Agora tenho que trocar a garrafinha de soro dele. Ah, mas este não-presta-nada deste pintor danado! E, apontando para a escada do pintor ainda encostada contra o muro da casa das irmãzinhas, o velho doutor saiu mancando com sua maleta médica, rumo a casa da viúva Barreto Antão. Não perdendo um segundo, o Professor foi logo se dirigindo ao Pintinho.

– O que há com o Heitor? – o meu amigo quis saber.

– Houve uma chamada de emergência hoje cedinho – o garotinho se apressou a contar num escorrer de palavras extremamente rápido. – E como o doutor está com mal dos quadris, a viúva chamou o advogado Raúl Almeida, que é o genro do velho médico. Este veio com o seu Ford Landau de Paraopeba, e eu os levei até a cama do doente. E a mãe dele quase sufocando de choro ao lado do leito dele!

– A que hora chegaram? – perguntou o meu amigo, agora visivelmente atento.

O rapazinho pensou um pouco antes de responder. – Ah, sim – ele finalmente disse, levantando o dedo indicador. – Me lembro o doutor olhar para o relógio dele e dizer que já tinha passado das oito horas.

– Havía mais alguém aqui neste quintal? – o Professor continuou.

– Só o pintor.... E como o doutor já disse, ele logo se envolveu numa discussão com aquele. O pintor foi embora um pouco depois, porque tinha esquecido os pincéis no banho de limpeza, no tanque de sua casa.

– E o que tem o Heitor? – a Olinda se atreveu repetindo a pergunta inicial do meu amigo como um papagaio retardado.

Coçando a sua cabecinha, o rapazinho lhe deu um olhar confuso.

– Ah, mas ele tinha vomitado a noite inteira e tava com uma diarreia tremenda – o Pintinho finalmente continuou. – E a família dele pensava que era gripe intestinal, mas o doutor os corrigiu energicamente. É, o velho médico decidiu que tinha que ser gastrenterite. Logo lhe deu uma injeção, para então montar o suporte para o soro. Feito isso, fomos embora no momento que se seguia.

– Viram alguém quando deixaram os quintais? – o Professor perguntou.

– Não, ninguém. Mas quando o advogado tinha virado o carro e já estávamos partindo, me pareceu que uma vizinha gritava algo como ‘pega ladrão, pega ladrão.’ Acho que veio do outro lado da casa – ele concluiu.

A esta altura, meu querido leitor, você certamente já deve estar se perguntando quem é este tal de Pintinho, correto? - Pois bem, saiba então que o Pintinho é o primo do Zé do Mato. Mas ao contrário do Zé do Mato, que tem pelo menos o pai ainda, o Pintinho é, segundo as minhas informações, um menino inteiramente órfão. E contrário ao primo dele que é originário das selvas é também fato do Pintinho nunca ter vivido no mato, mas sempre dentro dos domínios nossa Reconquista.

Foi o velho Antão que lhe permitiu juntar dois caixões para dormir num quarto de despejo contíguo á carpintaria. Pagava ao menino, que contava apenas sete anos, um dinheirinho regular por pequenos serviços prestados a ele. E finalmente, comprou livros, cadernos e material para escrever, acabando por mandar o seu pequeno protegido para a nossa escola também.

– Bem, vou voltar ao carro do advogado – disse o Pintinho risonho, enquanto mostrava todos os seus dentinhos. – Não é todo dia que posso gozar do conforto de um Ford Landau!

E saiu andando, sumindo logo atrás da esquina.

Virando-se para o quintal novamente, a Olinda chamou a nossa atenção para as impressões claras e frescas deixadas pelos sapatos do doutor.

– Se eu não tivesse certeza de quem deixou estas marcas, eu teria jurado que se trata de indícios deixados pelo ladrão – ela comentou, num tom agora claramente desilusionado.

– Isso não tem absolutamente sentido nenhum – o Professor concordou.

– Ei, vocês aí – exclamou repentinamente a Eva Maria, e isso num tom agudo e estranho. E adicionou: - Venham para cá... Mas diabos, o que é isso?

Passamos para o lado dela. E ela, apontando para o chão, continuou: - Vejam só, mas que marcas estranhas!

Olhamos todos para baixo. Lá, diretamente debaixo da janela de onde foi roubado o bodinho de jade, se encontravam dois buracos fundos e redondos na lama.

– Protegidos das chuvas – constatou a Olinda. – E isso pelo alpendre da casa. Mas que par de buraquinhos mais esquisitos, hein?

– Realmente estranho – concordou o Professor, que se agachava ajoelhado com uma perna só, abrindo a sua maletinha com habilidade e rapidez.

– Isso é um indício? – perguntou a Olinda, e súbitamente num tom de voz aflito e estridente.

– Ainda não sabemos – respondeu o meu amigo. – Vamos tomar modelos de gesso. Por favor me ajude, Queijinho, a misturar o pó branco com água.

– Ei, vejam quem vem aí – gritou a Eva Maria, se agachando também. E vimos o bodinho Visconde rodeando a esquina e se juntando a nos.

Por alguns segundos, nos encaramos o bicho e ele a nos.

– Porque você não trouxe o Zé do Mato, Visconde? – saiu finalmente desabafando o Professor.

– Mas como, meu chapa, se eu não fui capaz de bater o tambor – riu a Eva Maria, acariciando o animal num ataque de afeto impetuoso.

– Esperem – fomos alertados pela Olinda neste momento. – Estas marcas no chão podem bem originar da escada do pintor, vocês não acham? – E, se dirigindo á Eva Maria, prosseguiu: - Venha comigo, querida, vamos lá conferir agora mesmo!

E saíram apressadas, rumo á casa vizinha que era das irmãzinhas e onde a escada ainda se encontrava encostada.

Quanto ao meu amigo, o Professor, eu já sabia que ele mantinha a maleta dele sempre num estado muito bem organizado. Preparamos então a massa de gesso e a inserimos como lama branca nos buracos. E, enquanto trabalhávamos, eu

acompanhava as ações das meninas dos cantos dos meus olhos. Mas elas já estavam voltando, com o bodinho mais uma vez colado nos calcanhares delas.

– Negativo – gritou a Eva Maria, ainda á meia distância. – As impressões dos pés da escada são muito mais grossas.

– Vejam aqui – exclamou a Olinda, que havia parado na divisa do quintal das irmãzinhas com o dos Palco Ferreira. – Aqui estão as mesmas impressões estranhas, mas menos profundas.

Fechando a sua maleta, o Professor imediatamente saiu correndo na direção dela, e eu me apressei a segui-lo, pregando ao pé dele como um carrapato.

Se juntando á Olinda, o meu amigo se inclinou novamente para baixo. – Modelos, e rápido, Queijinho – ele gritou. – Vamos, gesso em pó e água!

Abriu a maleta, e começamos mais uma vez a trabalhar.

– A outra marca foi protegida da chuva pelo telheiro – o meu amigo comentou. E prosseguiu: - Mas mesmo o solo sendo mais seco e duro lá, as impressões se mostram mais profundas que aqui, onde o solo consiste de lama macia e é aparentemente com muito mais facilidade penetrável.

– Talvez o bodinho Visconde se levantou em cima das patas traseiras lá – sugeriu a Eva Maria, que tinha seguido a gente e estava chegando neste instante. – E com o ladrão subindo aos ombros do animal para chegar á janela, foi o seu peso a razão da profundidade das marcas deixadas debaixo do alpendre.

Olinda e eu começamos a rir, mas o Professor nos avisou: - E as duas marcas aqui? O bodinho continuando o seu caminho nas duas patas traseiras e portanto andando ereto como só gente? E isso mesmo depois do roubo e da fuga do ladrão?

E agora a Eva Maria começou a disparar numa risada também, com nos três por fim estando gargalhando sobre a seriedade com a qual o Professor tratava uma sugestão tão ridícula.

– Vejam, as marcas das patas do bodinho são muito mais delicadas do que as impressões aqui em questão – eu sugeri, depois de me acalmar um pouco, e indicando para o chão.

– Muito bem, estamos então de acordo que não foram nem os pés da escada nem os do bodinho – concluiu a Olinda. E, fitando-nos um atrás do outro com um olhar já quase perfurador, perguntou em voz alta: - Mas o que pode ter originado estes buraquinhos danados? O que, pelo amor de Deus?

- Isso vamos discutir depois, com mais provas – decidiu o Professor com uma tranquilidade tão profunda que instantaneamente acalmou a todos nos. E, dirigindo-se então às nossas belezinhas, perguntou: – Que tal, meninas, vocês já almoçaram? E a Eva Maria disse que sim, que ela e Olinda tinham tomado um lanche na casa das irmãzinhas.

- Muito bem – aprovou o meu amigo, acenando. – E quando a nos, Queijinho e eu vamos ter que ficar aqui, esperando os nossos modelos de gesso secarem. E vocês duas, Olinda e Eva Maria, por favor se dirijam logo á linha das três casas que saem para o rio. Digam lá que se sentem profundamente movidos pelo prejuízo sofrido pela família Palco Ferreira, e tentem então puxar as donas de casa para dentro de uma conversinha. E lembrem-se: Queremos saber se há testemunhas que presenciaram o roubo ou que pelo menos viram o ladrão momentos depois, durante a sua fuga pelos quintais!

- Ás ordens – disse a Olinda, com um sorriso charmoso e saudando-o num jeitinho militar plenamente gracioso. E logo depois, saiu correndo com a Eva Maria rumo às casas dianteiras.

- Reunião às três da tarde, no balcão da padaria – o Professor ainda gritou atrás delas.

Um bolinho todo especial

A Padaria da Raposa, em Reconquista, oferece a seus fregueses um terraço para o lado da rua que se mostra equipado com mesinhas e os devidos assentos. Mas quando eu alcancei esse ponto de encontro com o Professor, a dona da padaria Anastasinha revelou, com um ar de surpresa: - Ainda encontrei um *Christstollen!*

- Christ... gritou o meu amigo, que aparentemente havia perdido o seu autocontrole investigativo ao menos por este instante.

- Ou um *Weihnachtsstuten*, se for mais fácil pronunciar para vocês – ela sorriu, com suas bochechas se inchando bem á holandésinha.

- Que, que estamos ouvindo? – ecoavam da rua as vozes das meninas, que justamente estavam aparecendo detrás da balaustrada do terraço. – Será mesmo o nosso bolinho predileto?

- Sim, ainda achei um que deve ter sobrado da última temporada de natal – confirmou a nossa alemãzinha com o ar generoso de um Papai Noel feminino.

E já estávamos reunidos em torno de uma mesa no terraço não longe da porta da padaria. A Anastasinha logo serviu chocolate quente junto com uma fatia de *Christstollen* coberto com manteiga e arrumada com carinho num pratinho para cada um de nós.

- Hm! – suspirou a Eva Maria, já mastigando e com os olhos bem fechadinhos de tanto prazer.

- Satisfeitos? – perguntou a Anastasinha, que estava dando uma piscada para mim, ainda ao lado da nossa mesa.

- Cem por cento – eu balbuciei com a boca cheia e em nome de todos os presentes.

- Divino! – concordou uma igualmente encantada Olinda, com a nossa garçonete germânica já tornando para voltar à sua padaria.

E realmente era uma coisinha excepcional, este bolinho doce feito com marzipã, açúcar e passa de uva.

- Veja quem vem aí – exclamou o Professor, apontando para a rua. – Não é o seu primo, hein, Queijinho?

Logo esticei a cabeça. E de fato, era o carpinteiro da nossa família, o Túlio.

Ele nos cumprimentou, e então não hesitei um segundo para perguntar-lhe: - Já ficou sabendo do que aconteceu ao seu melhor amigo, querido Túlio? Que o Heitor Barreto Antão está passando um mal tremendo e se encontra acamado?

E o meu primo respondeu que estava justamente no caminho para a ilha, a fim de visitá-lo. – Não quero deixá-lo esperar – ele disse. Logo depois, se desculpou e foi-se indo, dizendo que iria ver a gente depois.

Soltando o seu olhar do meu primo que se afastava, o Professor virou, encarando-nos. Isso para perguntar as meninas a respeito do resultado de suas investigações.

E a Eva Maria contou que na primeira casa, que era aquela que se encontrava exatamente oposta à dos Palco Ferreira, ninguém atendeu às repetidas chamadas de campanha delas. – Lá mora o casal Louça Rezende – ela finalmente concluiu. – E pelo que sei, os dois trabalham e costumam portanto já deixar a sua casa cedinho de madrugada.

Olinda, por sua vez, relatou que a dona da segunda casa, a Feliciano Robles Sá, disse que saiu para o quintal bem cedo às 7:50 horas. E que se lembrava tão bem desta hora porque as irmãs estavam no quintal oposto lhe perguntando as horas, porque diziam querer atender a missa das oito. Finalmente, a dona Feliciano

se recordava também de ter notado o bodinho de jade na janela dos Palco Ferreira, brilhando num dos primeiros raios do sol matutino.

– Raio de sol? – eu prontamente perguntei.

– É, isso também fomos logo estranhar – concordou a Olinda. – Mas a dona Feliciano disse que logo depois de levantar-se, as primeiras nuvens chuvosas estavam ainda se juntando. Explicou-nos que o céu já se cobria devagarinho, mas que alguns raios de sol ainda conseguiam piscar antes das chuvas começarem. E com a janela sendo iluminada com raios dourados, o bodinho de jade começou a brilhar como uma esmeralda polida.

– Isso é extremamente importante – exclamou o Professor, que se mostrava de súbito visivelmente contente. – Agora podemos determinar precisamente a hora do roubo. Este foi necessariamente efetuado entre as dez para as oito e as oito horas em ponto.

– Nestes dez minutos – continuou pensando em voz alta a Eva Maria – se realizou então o crime do delinquente desconhecido. Mas assim mesmo extremamente arriscado para ele, vocês não acham? Quase incrível que ninguém o tenha visto durante a sua jornada pelos quintais.

– De fato – concordou a Olinda.

– E a terceira casa? – perguntou o Professor. – Ou será que também não abriram a porta?

E a Eva Maria explicou que abriram sim, mas que infelizmente os membros da família Caetano de Góis Riego não tinham saído para o quintal e portanto também não foram capazes de testemunhar coisa alguma.

– Que pena! – comentou o meu amigo de testa franzida. – E como a Eva Maria acabou de dizer: Um ladrão descarado se movendo pelos quintais roubando bodes de jade e metendo pares de buracos no chão – e nenhum dos moradores quer ter testemunhado coisa alguma!

– Talvez os Andrade Antão realmente não querem se lembrar dos fatos – propôs a esta justa altura a voz clara da Olinda. Ela estava apoiando a carinha linda sobre a mão e o cotovelo, aparentemente perdida em profundos pensamentos. – E isso na intenção óbvia de proteger um membro da família deles – ela finalmente adicionou, com a cabeleira negra dela flutuando ombro abaixo e cobrindo o braço inteiro dela.

A esta altura, eu me atrevi a perguntar se o ladrão tinha mesmo que ser um membro da família Andrade Antão. Isso porque eu estava me interrogando neste instante se

não poderíamos levar em consideração a possibilidade de alguém de fora ser capaz de se revelar como o autor do crime.

– Alguém de fora – repetiu o Professor, agora com a testa já dobrada em rugas profundas de tanto que ele se quebrava raciocinando.

E prosseguiu em seguida esclarecendo á gente que um desconhecido de fora do tipo justamente proposto por minha pessoa tinha necessariamente já ser um ladrão profissional. Mas um ladrão desta linha de criminosos – ou mesmo um bando dos mesmos – iria certamente preferir um local bem mais sucedido do que o nosso. Sim, iria preferir os bairros ricos das grandes cidades em vez de se dirigir a uma vila de fim do mundo como costumávamos a ver a nossa Reconquista.

– Ainda mais roubando um bodinho de jade – ele concluiu, com desprezo. - E onde vender uma coisa dessa, seus espertinhos? Aqui em Reconquista, onde todo mundo o conhece? – Ah, mas vou morrer de rir! - Ou fazer uma grande viagem a uma metrópole, onde certamente se encontram os receptadores necessarios para poder vendê-la anônimamente? Mas então não seria bem mais prometededor sair roubando desde o princípio lá mesmo, nos já mencionados bairros ricos, vocês não acham?

E realmente, o discurso dele me tinha convencido de uma maneira já francamente arrasante!

Movendo o último pedacinho de *Christstollen* na direção de sua boca, a Eva Maria dirigiu seu ângulo de vista sobre a balaustrada da terraça onde estávamos. E nos todos seguimos a trajetória de seu olhar, passando sobre o asfalto negro e molhado da Esplanada pela ponte velha sobre o rio até as fachadas úmidas das casas da ilha.

– Hm, que volúpia – suspirou a Olinda, espetando um bocado de bolinho nas pontas do seu garfo como um petisco todo especial. E dizendo isso num tom já quase sonolento.

– Vejam quem vem lá – disse a voz do Professor.

Tornei e logo notei o meu primo Túlio. E me veio á mente que já estava voltando da sua visita ao doente.

Dei-lhe um sinal para ele se juntar a nos, e ele, passando uma mão pelo cabelo cacheado dele, sorria realizando que estava justamente cumprindo a sua promessa de nos ver depois de ter desejado boas melhoras ao Heitor.

Já subindo á terraça com um salto ágil e rápido, ele puxou uma cadeira da mesa vizinha.

– Hoje tudo está correndo errado – ele suspirou, tomando assento ao meu lado. E continuou, desabafando: - Tudo parecia estar tão bem acertado no início. Era que a Daminha queria dar uma carona ao Heitor e á minha namorada a Paraopeba, a fim deles poderem participar do ensaio para a peça de natal do curso de teatro do colégio deles.

– É, e então o mal-estar do Heitor inesperado – completou o Professor.

– Não somente aquele do Heitor, mais infelizmente da minha mãe também – adicionou o Túlio.

E continuou explicando que a sua mãe acordara com fortíssimas dores de coluna esta manhã. Mas com estas dores, ela não era capaz de sair para o seu serviço como vendedora na lanchonete do posto Tupis, na rodovia para Belo Horizonte.

A única pessoa capaz de substituí-la era justamente a Flavinha, a namorada do meu primo, que já tinha trabalhado como vendedora naquela lanchonete antes. E, gentil e bem educada como era, a Flávia logo concordara em prestar os serviços requeridos pelo posto.

– Que azar, hein? – perguntou o Túlio com um sorriso distorcido e devastado. – Normalmente, a Flávia já estaria de volta do ensaio a esta hora, para passar o que sobrou do sábado comigo. Mas com este serviço maldito na lanchonete...

– Espere um momento – o interrompeu súbitamente o Professor, e com as lentes de seus óculos brilhando como espelhos. – Isso quer dizer que a Daminha não partiu para Paraopeba, Túlio?

– Partiu sim – respondeu o meu primo. – Lembrem-se que a melhor amiga da Flavinha, esta tola da Maria Augusta, inicialmente não foi aceita pelo grupo de teatro? Mas assim mesmo – pela imensa felicidade dela – esta amiga biruta da minha namorada já teve três vezes a oportunidade de substituir a Flavinha no ensaio durante o ano corrente. Isto foi preciso porque a minha namorada preenche um papel principal na peça, enquanto que o Heitor como ator secundário não deve ter faltado muito.

E o meu primo se inclinou para trás, aparentemente satisfeito e cheio de orgulho sobre o papel importante que a sua namorada tinha na peça.

– Quer dizer que a Daminha então partiu assim mesmo, para levar a Loloca para Paraopeba? – deduziu o Professor.

E Loloca era o apelido que todos nos usávamos para a Maria Augusta.

Ouvindo passos na Esplanada, o Túlio logo virou a cabeça. – Pintando-se o diabo na parede, e aí já vem ele – ele resmungou.

E realmente, quem agora estava cruzando a terraça na nossa justa direção era a própria Loloca

– Posso? – ela perguntou atrevidamente, agarrando uma cadeira e tomando assento entre o Professor e a Olinda.

– Ah, se fosse minha Flavinha agora de volta do ensaio em vez desta tola – murmurou o Túlio, com um suspiro bem baixinho.

– O que você disse, bobo? – exclamou incrédulamente a Loloca, mostrando-nos a linha torta de seus dentes mal cuidados.

– Ele perguntou se você gostou do ensaio – mentiu a Olinda, com um sorrisinho disfarçado.

– Genial, mas jóia, de primeira, bobinha – foi a resposta articulada numa voz extremamente alta e com um bafo horrível escapando de seu sorriso distorcido.

– Maria Augusta – começou o Professor a sua interrogação, com o ar sério do investigador policial que almejava ser um dia.

– Continue, bobo – a Loloca logo saía encorajando-o. Parecia uma retardada escapulida do hospício, com seu cabelo extremamente longo e ruim, que era arrumado horrivelmente em tranças tão confusas como me pareciam bravias.

– Então foi a Dama que te levou para Paraopeba? – perguntou o meu amigo.

– Ah, sim, menino! E ele teve um azar danado na volta, com o carro nem arrancando, mas ficando parado na frente do colégio, bobo!

O Professor acenou sériamente para ela, ajustando as suas lentes massivas.

– E então? – ele prosseguiu.

– Então o que, bobo? Aqueles do ensaio que ainda tavam lá ajudaram a empurrar o carro, uai!

– Empurraram o carro, você diz? E quantos foram?

– Ah, foi mais de uma dúzia de pessoas, boboca. As mesmas que tinham presenciado nossa chegada de manhã. Finalmente, tivemos sorte do mecânico do posto Tupis só trabalhar meio horário neste sábado. Viu a gente, abriu o capô, e meia hora depois fomos capazes de partir. Vocês tinham que ver a Daminha, mas o quanto nervoso que esse cara bicha era!

Já ouço agora a sua voz, meu querido leitor. E perguntando-me de quem é esta tal de Daminha.

Pois bem, aqui está: O fazendeiro Roque Antão, que mora com a sua esposa Eunice na parte esquerda da última casa transversal da ilha, só teve e tem um único filho que se chamava Joel.

Naturalmente, o senhor Roque Antão alimentava muitas esperanças do filho suceder-lhe na administração da fazenda. Mas com o passar do tempo, o filho se revelara muito efeminado. Não tinha habilidades para trabalhos físicos, mas aprendeu a tocar o violão a ponto de ser regularmente convidado para acompanhar com o seu próprio conjunto festas e casamentos. Dirigia um Corcel, era muito prestativo e portava o apelido de >>Daminha<<.

– Muito bem – concluiu o Professor. – E com tanta gente testemunhando a presença da Daminha em Paraopeba, creio que já podemos excluír o Joel da nossa lista de suspeitos em relação ao roubo.

– Suspeitos como ladrão, boboca? – gritou a Loloca, com os olhos agora espantosamente arregalados.

E explicamos a ela que estávamos atrás do ladrão do bodinho de jade, a fim de livrar o Ateu do seu aprisionamento em Sete Lagoas.

– Ateu? – perguntou a Maria Augusta, e com isso arregalando os olhos mais ainda.

Seguiram-se as informações que lhe faltaram da nossa parte.

– O Heitor me falou sobre um grito oco e medonho que o acordou esta noite – disse o meu primo Túlio.

– Grito oco e medonho? – berrou a Loloca.

– Pelo amor de Deus, Maria Augusta – protestou o meu primo, visivelmente enervado. – Dou graças a Deus por ainda não estar surdo.

Mas a Loloca não parecia ligar nem um pouco para as palavras dele.

– Você se lembra de um grito horrível deste tipo, não, bobo? – ela tornou a perguntar, agora ao Túlio e no mesmo tom de voz extremamente alto. E adicionou: - Acho que foi o sétimo ou oitavo aniversário do Heitor, você se recorda?

Reagindo exageradamente á pergunta dela, o meu primo quase deu um pulo enquanto foi bater com toda força na coxa direita dele.

– Macacos me mordam – ele exclamou num tom agudo e excitado. – Mas estava tentando me lembrar o tempo todo enquanto que o pobre Heitor conversava comigo. Mas não foi que tínhamos interrogado o Heitor a respeito da razão deste grito horrível no fim daquele aniversário, Maria Augusta?

Esta estava agora de súbito estranhamente calma, aparentemente ocupada com a examinação das suas unhas sujas e particularmente mal cuidadas.

– Ah, mas faz tanto tempo, bobo. Sei ainda que o Heitor nos deu uma explicação bastante esquisita aquele dia.

– Esquisita? – repetiu a Olinda.

– Você não se lembra dela? – perguntou o Túlio. E ainda neste tom de voz nervoso e muito alto que dominava a sua fala nos últimos minutos.

– Mas como? – disse a Loloca, se levantando. – Depois de tanto tempo, bobalhão? Mas me lembro que naquela idade eu tava aficionada com o meu diário, confessando tudo a ele. Pode ser que as palavras de outrora do Heitor ainda estejam lá.

– E onde está este diário? – gritou o meu primo.

– Sei lá. Vou procurar no sótão. Mas primeiro vou andando para visitar esse pobre diabo do nosso amigo Heitor.

E com estas palavras, ela deixou o balcão e se foi embora.

– Tadinho do Heitor – comentou a Eva Maria.

– Mas por que é que a sua namorada está andando com uma amiga tão horrível, Túlio? – a Olinda quis saber. E, sacudindo a cabeça numa reprovação claríssima:

– Mas cocota pior não havia nem na França no tempo da guilhotina!

Só agora a Anastasinha acabou por fim emergindo ao lado do meu primo. E isso com um prato onde se encontrava um último pedaço de bolinho com a obrigatória fatia de manteiga.

– Obrigado – ele disse. E, quando a alemãzinha já tinha sumido novamente: - A Loloca é a melhor aluna da sala lá em Paraopeba, vocês sabiam disso? Penso que não tenho que mencionar que ela sempre dá cola nas provas á melhor amiga dela, que é a minha Flavinha, claro. Acho que isso já explica tudo, não é verdade?

– Sim, claro – concordou o Professor, que estava observando a Maria Augusta atravessar a ponte para a ilha, do outro lado da Esplanada. – Mas ainda está sobrando um ladrão de jóia para ser finalmente apanhado.

Por dois minutos, permanecemos todos assentados num silêncio extremamente profundo.

– Querem uma dica muito boa? – perguntou o Túlio finalmente, e isso em voz baixa e com um ar muito confidencial. – Se querem pegar o ladrão, lhes aconselho de dar uma olhadinha no Teófilo Almeida.

O Professor o encarou como se estivesse vendo um fantasma.

– O capataz da fazenda Roque Antão? – ele exclamou, visivelmente surpreso.

– Exatamente aquele. E sem que alguém sobre, com absoluta certeza.

– Um momento – eu retruquei. – Mas hoje, eu estava cedinho às oito e cinco aqui na padaria, e o capataz estava na minha frente, na fila que estava esperando lá.

– Você tem certeza que foi realmente o capataz? – perguntou o Túlio com o ar superior de primo mais velho, enquanto metia o último pedaço de bolo na sua boca.

– Mas claro! Aquele jeito rude dele, e nem sequer me cumprimentando, aquele mal educado de sempre...

– Eu digo que quem você viu foi o irmão gêmeo dele – disse o meu primo com um sorriso ligeiro. – Ou seja, o advogado Raúl Almeida, que tem a mesma maneira bruta de tratar as pessoas! E como o fazendeiro Roque Antão não gosta nada dos Palco Ferreira, ele provavelmente mandou seu capataz para retirar aquele bode de jade do seu lugar no beiral da janela!

*

De tanto que levamos esta dica do meu primo a sério, o Professor foi logo marcar outro encontro. E ainda para este mesmo sábado.

Quando cheguei na casa dele bem de tardinha, a porta não estava fechada.

– Entre! – chamou uma voz feminina tão angélica como um sinozinho de cristal.

Abri a porta e prontamente parei como se atingido pelo raio de um relâmpago!

Lá assentada na sala estava uma das duas irmãs mais velhas do Professor. E era a Cecília, ao menos para mim, embora ambas se pareciam tanto como gêmeas. Negra, bela e portando um vestido extremamente curto. Mas o que mais me surpreendia era que também estava passando esmalte nas unhas – mas não por cima daquelas dos dedos da mão, mas por cima das dos pé direito dela, com a perna espelta esticada para o alto, parada no ar acima! Mas graças a Deus estava bem longe de se comportar daquela maneira irônica tão típica para a minha irmã Isabel.

Ao contrário, porque agora me cumprimentava com um sorrisinho largo e simpático:

– Olá, Queijinho! Vá logo ao fundo da casa, já que todos devem estar reunidos no quarto do meu maninho, que vocês chamam de Professor!

Foi que eu fiz. E, atravessando o corredor e já no ato de abrir a porta, ouvi a voz da Eva Maria avisando:

– Não posso ficar muito tempo. Meus pais fazem questão que eu esteja de volta à fazenda antes de escurecer.

– Ao meu ver, não vamos precisar muito tempo – disse a voz do Professor, num tom que obviamente queria acalmá-la. E, ao me ver entrar: – Ah, afinal o Queijinho. E só agora que estamos completos, amigos.

Ouvimos alguém tocar na porta, que estava encostada. E vimos a face da Cecília aparecendo.

– Há suco de cajú gelado na geladeira – ela anunciou. – E será que alguém de vocês quer?

Nos todos queríamos, e a irmã do Professor desapareceu instantaneamente para buscar a bebida.

– Mas sua maninha é tão bem educada e simpática – suspirou a Olinda, que estava esgazeando os olhos de boneca sinalizando um encantamento total. E prosseguiu:

– É só pensar o que eu sempre tenho que agüentar sofrendo na mão da minha irmã Alice... Isso já basta para me dar arrepios!

– Não pense que a minha vida seja toda cor-de-rosa aqui – sorriu o meu amigo. – Já que vocês sabem muito bem que tenho um anjo e também um diabo aqui na minha família. E o que minha outra irmã Beth gosta mais de fazer é andar por aí me comandando...

Ah, mas nos todos estávamos muito bem a par que as coisas pioraram para ele desde que a Elisabeth tinha mudado para a casa dos pais do marido dela. E isso logo após de seu casamento no começo do mês de Abril do ano passado. Sendo que o dever principal do Professor era tomar conta do pequeno filho Deodato dos dois, sempre quando a irmã aparecia.

Cecília apareceu novamente com uma jarra de suco de cajú e quatro copos em cima de uma bandeja.

– Á saúde – ela disse com um largo sorriso, depois de ter enchido os nossos copos. Logo depois, abriu a porta mais uma vez e saiu andando com a bandeja agora vazia.

– Realmente um amor de uma irmã – confirmou a Eva Maria.

E esse foi um comentário adequado a levar o Professor de rir na cara dela. – Te dou uma das maninhas minhas de presente – ele cacarejou. – Mas não essa que acabou de sair. Vai receber a outra, ha, ha.

– Não obrigada – retorquiu a nossa amiga loura. – Prefiro continuar como filha única. E de futura herdeira da fazenda dos meus paizinhos.

– Mmm, delícia – disse aí uma Olinda claramente enlevada, que justamente tinha tomado o primeiro gole de suco, e com olhos novamente bem fechadinhos.

– Bem, mas agora, ao serviço – avisou o Professor. – Lembrem-se que o nosso amigo, o comandante, está na prisão e contando firmemente com a gente.

– Vamos acelerar então, capitão – aderiu a Eva Maria sorridentemente. – E como já excluímos um ladrão de fora, só sobram os membros da família Andrade Antão, não é verdade?

– Pois é – exclamou a Olinda. E isso num entusiasmo já quase exagerado. – Vamos começar então com as irmãzinhas. Ambas foram vistas pela Dona Feliciano, do quintal oposto, se preparando para ir á missa das oito horas. E estas duas senhoras, por sua vez, nos contaram que viram o seu vizinho, o velho Antão, e com este também atendendo ao culto religioso.

– O Ateu também saiu para procurar o seu chefe na igreja – confirmou a Eva Maria. E prosseguiu: – Lembrem-se que o pessoal da carpintaria o mandou para a capela, dizendo que o velho Antão tinha deixado a oficina para atender a missa.– Bem, enfim temos um Antão dando o álibi ao outro – eu avisei. – E com as irmãzinhas aparecendo como testemunhas do dono da carpintaria.

– Espere – disse o Professor, com a mão levantada. – Podemos chegar a um álibi melhor para o velho Antão com toda facilidade. Pois a minha irmã Beth, que nunca vai á missa aos domingos, da mesma maneira nunca perdeu uma missa num sábado.

E, virando-se para a porta, chamou em voz alta: – Cecília! Cecíliaaaa!

Um momento depois, a irmã simpática dele apareceu mais uma vez. E, ficando sabendo de que se tratava, logo concordou em dar uma ligadinha a sua irmã casada para interrogá-la a respeito da missa.

- Estão coletando álibis? – ela indagou risonha. – Lembrem-se que também participei no ensaio teatral em Paraopeba, esta manhã. E lá vi a Daminha e aquela enjoadinha da Maria Augusta e mais uns dez ou onze participantes, ás oito horas, quando cheguei, e também na hora da saída, por volta do meio dia.

Mas um momento depois, aguçando os seus ouvidos, ela disse que escutou algo parecido com o tocar do telefone. Saiu então, para atender.

– O problema parece se estar resolvendo – sorriu o Professor em plena satisfação. E adicionou: – Acho que agora vamos obter o nosso álibi sólido também para o velho Antão.

– O pobre Heitor está de cama – raciocinou a Eva Maria. – E isso já desde cedinho, e com a mãe chorando ao lado dele, como o Pintinho confirmou.

– Suficiente – aprovou o meu amigo, acenando decididamente.

– Quer dizer que só estão faltando o fazendeiro Roque Antão mais o seu filho, a Daminha – constatou a Olinda entusiasmadamente.

– Para o fazendeiro eu acho que posso oferecer um álibi – eu exclamei. – Pois o Roque Antão estava no seu carro na frente da padaria, às oito e cinco da manhã de hoje. E esperando pelos pãozinhos que o seu capataz estava obtendo no balcão de vendas.

– Você o reconheceu sem sombra de dúvida? – me perguntou o Professor com testa franzida.

- Cem por cento.

- E a Daminha foi vista em Paraopeba – continuou a Olinda. – E sendo identificado lá por pelo menos uma dúzia de alunos.

- E ainda mais por minha maninha Cecília – sorriu o Professor.

Virei a cabeça, ouvindo vozes detrás da porta, quando a Eva Maria disse: - Mas quem é que está sobrando como possível suspeito, hein?

– Ninguém – exclamou a Olinda. – Estamos no fim de tudo, podes crer!

– Bem – disse o Professor relutantemente. – As coisas realmente não parecem ser fáceis.

– Ah, se o Zé do Mato estivesse aqui conosco – eu deixei escapar em voz baixa.

- Ali vem ele – disse o Professor, indicando com um gesto da cabeça na direção da porta.

- Como, sem eu ter tocado o tambor? – perguntou a Eva Maria. – Mas quanto aos nossos suspeitos, não se esqueçam que temos ainda o diário desse espantalho da Maria Augusta sobrando.

A porta se abriu súbitamente. Mas quem entrou não foi o Zé do Mato, mas sim o meu primo Túlio.

- Vocês não vão precisar do diário da Loloca – ele saiu bradando em voz alta e com um grande sorriso. – Porque eu, batendo a cabeça na estante lá em casa, de repente vim me lembrei de tudo.

Por um momento, silêncio absoluto. Mas já no próximo instante, recuperamo-nos.

- De tudo? – saímos gritando todos juntos.

E ele, apontando para um inchaço roxo na testa dele: - Tá doendo pra danar! Mas quanto ao aniversário do Heitor, era há tempos que ouvimos aquele grito horrível.

- O grito! – exclamou o Professor ao ouvir a palavra, com seus olhos brilhando detrás dos seus óculos.

- Sim, e perguntando ao Heitor o que era isso, ele foi responder que este era o Anãozinho!

Silêncio absoluto, durante o próximo momento.

- O Anãozinho! – nos saímos berrando entmos, e novamente todos de uma vez.

- Sim, e o Heitor explicou que o irmãozinho dele portava esse apelido por ser tão miudinho. Disse que a mãe dele já tinha sido grávida durante a viagem de lua de mel que os pais dele fizeram para o sul do Brasil, e que o Anãozinho nasceu em Blumenau.

- E agora? – o Professor quis saber com mal disfarçcuriosidade. – Onde está este Anãozinho agora?

- Esta foi a minha pergunta um ano depois – respondeu o Túlio. – Era o oitavo aniversário do Heitor, e logo notei que quem tava faltando mais uma vez era o irmãozinho do meu amigo.

Neste momento, a Eva Maria disparou numa risadinha, embora que bem baixinho.

– E nem aquele grito horroroso para alertar vocês? – ela quis saber.

- Heitor me explicou que o Anãozinho tinha falecido de pneumonia em Pomerode, e isso durante outra viagem dos pais ao sul do país. E que foi enterrado lá também, no cemitério daquela vila.

- Mas que história mais triste, hein? – resmungou a Olinda, olhando para o meu primo com um ar decididamente repreensivo.

Mas o Túlio já tinha se virado para a porta, onde a Cecília ainda estava esperando. Porém, antes que ele podia abrir a boca, ela já começara a falar.

- No telefone estava a minha irmã, a Beth – a Cecília nos informou. – E ela confirmou que se lembra ainda muito bem de ter visto o velho Antão como também as duas irmãzinhas essa manhã, na missa das oito horas.

- Ha! - constatou o Professor, agora aparentemente plenamente satisfeito. - Assim, o velho Antão também deve estar fora do jogo.

- Bem, divirtam-se – se despediu a Cecília, com aquele sorrisinho charmoso tão característico para ela.

- Um momento, linda – a interrompeu prontamente o meu primo. – Saiba que já estou de saída novamente. Antes de deixar a minha casa, a Flavinha me ligou do posto Tupis, dizendo que o serviço dela tinha terminado e que um freguês da lanchonete estava justamente lhe oferecido uma carona para casa.

- Quer dizer que vai aparecer aqui? – a Cecília quis saber. – Venha, querido Túlio, que eu lhe acompanhe para fora.

- Muito obrigado pela informação, maninha Cecília – exclamou o Professor. – Agora temos finalmente certeza quanto ao velho Antão.

- De nada, foi um prazer.

E ela se foi, com o meu primo Túlio.

Quando a porta do quarto se fechou, o Professor logo virou-se para nos.

- Tarefas para amanhã – ele anunciou. – Esta história do Túlio ainda não me convenceu. O que ele contou são lembranças de acontecimentos de outrora... Incidentes desde os quais já devem ter passado uns dez ou onze anos.

- Nos vamos bater um papo com a mãe do Heitor – assegurou a Eva Maria. – Eu e mais a Olinda. Vamos ver o que nos vai contar aquela viúvinha, a Dona Emília.

- O assunto realmente é muito delicado – respondeu o meu amigo. – Não se esqueçam que ela teve o azar de perder um filho primeiro e depois também o marido.

Este aviso me fez virar para o Professor.

- Nos dois realmente não poderíamos cuidar de um trem desse – eu disse a ele. E adicionei: - A velha logo iria desconfiar, se nos meninos fossemos nos atrever de perguntar pelo filho morto dela!

- Exatamente! – o meu amigo concordou. E, se dirigindo às meninas, continuou:

- Vocês terão de ser muito cuidadosas. O melhor será começando a dizer que vocês estão sentindo um bocado de pena com os Palco Ferreira por causa do roubo do bodinho de jade, entenderam? Depois, será aconselhável vocês continuarem expondo que estão com dó da própria viúva também, por causa da perda de dois membros de família que ela sofreu. E finalmente, vocês expressam a opinião de que o pior destino imaginável para vocês duas é a perda de um filho. Com vocês ainda adicionando a pergunta de como se passou a morte do Anãozinho, eu já morro de curiosidade sobre a história que ela vai contar em seguida. Pois quero realmente

saber se a história dela depois de todo esse tempo será a mesma que aquela contada pelo seu primo Túlio, Queijinho.

- Sim! – exclamou a Olinda, com olhos brilhantes. – É exatamente desta maneira que devemos proceder, não é, Eva Maria?

- Combinado! – concordou esta, e saludando patéticamente com o copo de suco de cajú na mão.

- Maravilhoso! – confirmou a Olinda

- E nos? – eu perguntei, me dirigindo ao meu amigo. – Qual vai ser tarefa de nos dois?

- Boa pergunta! – me elogiou o Professor, com os seus olhos cintilando detrás de seus óculos . – A nossa missão vai ser interrogar o Pintinho, o primo do Zé do Mato. E será que algum de vocês me pode dizer o que queremos saber dele?

- Perguntá-lo se o advogado dirigindo o Ford Landau não pode ter sido o irmão gêmeo dele? – eu sugeri. – Ou seja, ser aquele capataz pouco simpático da fazenda Roque Antão?

- Exelente! – concluiu o Professor. – E amanhã, as quatro da tarde, nos nos encontraremos na Via Galinácia Número Três, para conferir tudo o que descobrimos!

- Tenho que ir – disse a Eva Maria, com uma olhada para a janela. – Ou não vou alcançar a fazenda antes do anoitecer.

E, com estas palavras dela, nos todos levantamos. – Até amanhã, então – nos confirmamos um ao outro. – E às quatro em ponto, no nosso local de encontro favorito!

Um pesadelo no galinheiro e um no Morro Serrano

Ah, mas como eu aproveitei nesse primeiro domingo das nossas férias! Nenhuma mãezinha entrando no meu quarto para me acordar. Que bom, porque a primeira tentativa dela sempre continha um ultimato já e era portanto também a única! Pois, quem me acordava pela segunda vez sempre era Isabel, e isso com água fria! Coisa que fazia que eu já costumava a pular da cama só ouvindo mamãe abrir a porta!

Mas não hoje. Já eram onze horas quando arrisquei um piscar dos meus olhos para o despertador. Tempo nublado, um dia crepúsculo, de luz frouxa, ao que parecia. Adormeci de novo. Sonhando com vozes alegres disparando num júbilo: >>Férias, férias, férias!<<

- Férias! – disse uma voz real. E como esta se revelava pouco a pouco a ser aquela da minha irmã, fui logo levantar os braços para me proteger do jato de água fria habitual.

Mas nada disso neste primeiro domingo das nossas férias.

- Já passou das uma da tarde, seu dorminhoco – disse Isabel num tom que já me parecia estranhamente amistoso. – Mamãe saiu cedo com a titia Angélica para a Cascata das Virgens, e assim eu ousei preparar o café de manhã só para nos dois! Mas que boemia, hein? Tomar o café de manhã entre as uma e as duas da tarde, não há nada melhor para iniciar um domingo de férias!

Tomando assento na minha frente no ropão cor-de-rosa dela, ela soltara o cabelo castanho, partido no meio e lhe caindo até a cintura. E ela nem de longe se poupava na majestosa tarefa de preparar a nossa refeição. Fatias de abacaxi, de melancia, de manga, assim como ovos cozidos, e até filé de dourado defumado pescado pelo meu primo Túlio na tarde de ontem!

– Grande festa hoje – ela começou a me contar entusiasmada, passando manteiga no pão branco dela. – Imagine só, com a discoteca Fire abrindo as suas portas justamente essa tarde. E isso no Morro Serrano, bem ao lado do Corrego das Almas. Quanto a mim, eu já tinha ouvido a respeito deste evento. Mas, como o nosso colégio só oferecia o curso primário, eu ainda estava longe de ter aulas de inglês. E assim, eu saí me dirigindo a Isabel perguntando o que significava aquela palavra.

– Fire significa fogo – ela explicou com uma paciência de santo que eu nunca teria esperado da parte dela. E, levantando com o garfo uma fatia de presunto destinada ao pão já preparado, ela prosseguiu com um pouco de ânimo: - Finalmente, a civilização chega a este maldito povoadinho já tão perdido no fim do mundo... Ah, mal posso esperar a festa começar. Você acha que eu devia vestir o meu vestido azul turquesa ou aquele prateado?

Eu sabia que ambos eram curtos, mas que o primeiro era tão escasso que parecia mais um cinto alargado portando a coroa de um top.

E assim, tentando disfarçar o tomzinho malicioso na minha voz, eu lhe disse: - Olha, aquele vestido azul turquesa é bem mais bonito!

– Isso a Alice também diz, Queijinho – ela respondeu sorrindo. – Mas acho que só porque ela quer que eu lhe empreste o prateado esta tarde!

Logo depois, após de ter enchido as nossas xícaras com café quente, ela abriu o Estado de Minas e começou a ler com as pernas compridas cruzadas, enquanto continuava mastigando devagarinho.

Assim, prossegimos tomando café em silêncio, até que nada ficou sobrando na mesa. Foi nesse momento que a campainha tilintou.

– Vai, deve ser um de seus amigos – disse Isabel, sem levantar os olhos do jornal. E adicionou: - Isso porque Alice queria vir apenas por volta das três e meia.

E realmente, era o Professor, e com os vidros de seus óculos sériamente embaçados.

– Vamos, Queijinho? – ele perguntou, já limpando a >>bicicletinha<< composta pelas lentes que montavam o nariz dele.

Rapidamente, me levantei e despedi-me da minha irmã.

– Poê a sua jaqueta – ela gritou, com a vista ainda grudada no jornal. – Hoje ao meio dia, fazia apenas oito graus, como disseram no rádio, imagine só.

Era um conselho que eu segui, antes de sair com o meu amigo.

Na rua, já estava quase escuro, de tão fechado que se apresentava o céu.

– Está bem tarde já – comentou o Professor. – Espero que o Pintinho não tenha saído, ou esse dia vai se tornar um dia perdido, ao menos para nos.

Quando chegamos á carpintaria, a encontramos deserta. Abandonada completamente neste primeiro domingo de férias, e com o portão trancado.

Passamos pelo lado direito da oficina, até que uma moita de mamoneira impediu o nosso avanço.

- Pintinho? – gritou o Professor.

Permanecemos parados, aguçando os nossos ouvidos. Com um céu ainda quase preto, ameaçando a chover a cada instante. Mas nada, nenhuma resposta.

Voltamos e passamos mais uma vez ao lado do portão de entrada, para tentar a outra parte também lateral da construção extremamente longa e achatada.

Daí, podíamos ver o Morro Serrano, de onde ouvimos vozes gritando sob tentativas rudimentares de ligar a iluminação da discoteca recém-edificada.

- Pintinho? – berrou o meu amigo novamente.

- Quem disturba? – respondeu uma voz abafada.

E agora, ouvimos o ranger de uma pequena porta quase escondida se abrindo no meio das flores impressionantes de uma crista-de-mutum.

- Estou estudando – disse o Pintinho, mostrando-nos um livro que tinha na mão.

- Acho que essa será a sua última leitura – sorriu o Professor maléficamente. – Pois, com esta discoteca abrindo as suas portas naquele morro, o seu sossego vai se tornar brevemente histórico.

- Estou estudando – repetiu o garotinho persistentemente e com um ar um tanto desligado.

- Olha, só dois minutos – eu prometi. – Apenas duas ou três perguntinhas.

Num gesto já quase desafiante, o menininho apoiou as suas mãos na cintura dele, esperando.

Troquei um olhar rápido com o Professor, que acenou compreensivamente. E nos dois sabíamos que o Pintinho não iria nos convidar para dentro das suas acomodações, que seguramente eram precárias. Esticando a minha cabeça, conseguí ver a luz de um lampião de petróleo que iluminava a superfície de uma mesinha decaída.

– E então? – o Pintinho insistiu, impaciente.

– Lembre-se do dia em que você levou o doutor Curvelo á casa do Heitor? – começou o Professor.

– Sim? E o que há com ele?

– Quem estava no volante do Ford Landau foi o advogado, não é verdade?

– E porque não? – foi a resposta desconfiada.

– Você tem certeza que realmente foi o advogado? – eu avancei. E, deixando um esclarecimento seguir, continuei: - Quero dizer, você já viu o senhor advogado antes alguma vez, Pintinho?

– Não, nunca – foi a resposta.

E francamente espantados, o Professor e eu nos encaramos por um momento completamente desnorteados.

– Nunca? – eu balbuciei, apenas um bocadinho depois.

– Não, o ví pela primeira vez aquele dia. Mais alguma coisa?

O Pintinho baixo o olhar, fitando ostentativamente o livro na mão dele.

– O seu chefe, o velho senhor Antão... – começou o Professor, visivelmente confuso.

– O senhor Antão me disse ter telefonado para o advogado – completou o rapazinho. – E me disse depois para levar o doutor Curvelo para a casa da viuvinha...

– E você não sabe se quem dirigiu o Landau foi realmente o advogado – eu saí iniciando outro avanço. – Isso porque nunca tinha visto este senhor antes.

– Exato. Mais alguma coisa?

De repente, me veio á cabeça que as filhas das irmãzinhas ainda estavam faltando na nossa lista de álibis. E que elas eram da mesma idade do Pintinho e estavam na mesma sala de aula que ele também frequentava. .

– As filhas das irmãzinhas – eu iniciei o meu novo avanço mecanicamente.

– A Júlia e a Bernadete? – perguntou o Pintinho. – Sim, eu as ví, ás oito e pouco da manhã de ontem. Tinham acompanhado as suas mães até a porta da capela. E quando viram o Ford Landau parando na frente da casa dos Palco Ferreira, vieram correndo para abrir as portas da limusine para a gente – disse ele. E quase gritando, adicionou bruscamente: – Pronto agora, afinal?

Permaneceu parado lá, e encarando-nos por um segundo com olhos fininhos de aparentemente tanto se chatear conosco. E logo depois sumiu fechando a porta com violenta batida atrás de si.

– A pressão do velho Antão é coisa de louco – o Professor me explicou. – Em maio, quando mamãe tinha passado uma semana doente na cama, a Bernadete veio todo dia para fazer compras para ela. E a menina contou que o Pintinho era o melhor aluno na sala deles, porque o velho chefe dele ameaçava a botá-lo fora da carpintaria se ele não estudasse.

– Não a pior opção para o rapazinho – eu respondi com um sorriso.

Um som horrível cortou o ar. E viramo-nos para o Morro Serrano, onde carros paravam, portas eram batidas e vozes estavam chamando a toda altura.

– Estão ajustando o som dos altofalantes – explicou o meu amigo. E, olhando para o seu relógio de pulso, adicionou: – Vamos, rápido. Ou vamos chegar atrasados para o nosso encontro na Via Galinácea.

*

Na Via Galinácea Número Três, Olinda e Eva Maria já estavam esperando. E, assentadas em dois caixões de criação de galinha vazios, logo nos receberam com a pergunta:

– Algo de novo?

– Essa era a nossa questão – sorriu o Professor. – Vocês interrogaram a mãe do Heitor, a viuvinha, não é verdade?

E as duas meninas relataram que a dona Emília havia recebido-as com muita cortesia. Oferecera-lhes biscoitos e suco de cajú geladinho. Somente quando a conversa chegara ao Anãozinho, ela tinha se mostrado de repente triste e reservada.

Mas insistindo um pouco, ela finalmente contara-lhes a mesma história da qual o Túlio tinha se lembrado. Que o filho dela tinha falecido em Pomerode, no sul do país, e que também foi enterrado lá.

– E vocês? – perguntou a Olinda. – Mais êxito em relação a um álibi frágil do que nos duas pobrezinhas tivemos, meus chapas?

E então, o Professor começou a contar o que nos tinha dito o Pintinho. Quando ele terminou, a Eva Maria soltou um assobio agudo.

– Parece que o seu primo Túlio teve razão, Queijinho – ela disse para mim. – Quem você viu ontem de manhã na padaria foi o advogado Raúl Almeida. E quem roubou o bodinho de jade só pode ter sido o irmão gêmeo dele, o capataz da fazenda Roque Antão.

– As coisas não são simples assim – avisou o Professor. – O bodinho se encontrava no beiral da janela do primeiro andar. Só um gigante poderia tê-la alcançado lá.

– Talvez o ladrão foi >>emprestar<< a escada do pintor encostada na casa das irmãzinhas – sugeriu a Olinda. – E isso para apenas dois minutinhos, pois de mais ele não precisava.

– Só que não encontramos marcas da escada debaixo da janela – retorquiu o meu amigo. – O que identificamos foram buracos muito menores, cuja origem ainda não podemos explicar suficientemente.

Súbitamente, um ruído estranho despertou a nossa atenção.

– O que foi isso? – zumbiu o Professor num tom pouco familiar, que revelava a sua apreensão.

Em vez de respondermos, eu pude sentir que as meninas tinham ambas se levantado.

– O que se encontra além deste muro traseiro do galinheiro? – eu perguntei.

– O porão da viúva – respondeu a Olinda, já quase sonolentemente.

– Aí está o ruído novamente – exclamou o meu amigo, e já quase ofegante de tão nervoso.

– Parece como se alguém estivesse batendo duas pedras uma contra a outra – disse a Eva Maria, e numa voz que me parecia revelar uma certa admiração.

Enquanto estávamos discutindo, a Olinda foi pouco a pouco se dirigindo para a esquerda. Passando pelas filas de caixas amontoadas terminando lá, ela avançara pelo espaço que dava para o muro que dividia o galinheiro do porão da viúva.

– Eu ouvi contar uma vez que a viúva teve um papagaio – disse a Olinda. – Me lembro também que a Sinhá do Carmo disse que a dona Emília tinha expelido a ave da casa dela. E isso por fazer muito barulho, o que resultou em reclamações dos vizinhos, que – pelo que me disse – a forçaram por fim de deixar o pobre animal no porão.

– Coitado do pobre papagaio – resmungou a Eva Maria numa voz já quase choraminguante.

Pelo movimento dela, a Olinda parecia estar se dirigindo repentinamente a mim e ao Professor. – Vocês podem me arrumar um caixão vazio? – ela pediu. – Acho que pisando em cima deste eu poderia alcançar um burquinho que acabo de palpar com a ponta dos dedos um pouco mais acima de mim.

Prontamente trouxemos uma caixa, e ela levantou o pé direito na subida para cima dela.

– Cala boca, cala boca – disse uma voz abafada, do outro lado do muro.

– Sim, é o papagaio – exclamou a Eva Maria. – Vejem que ele acordou o meu Profetinha. Está aqui na minha mão, pronto para responder.

– Você que se cale, você que se cale – gritou o periquito.

– Consegue enxergar alguma coisa, Olinda? – o Professor quis saber.

– Sim, lá está. A luz está fraca, mas dá para ver o papagaio. Agora ele pulou para baixo e sumiu.

– Mais alguma coisa? – insistiu o meu amigo.

– Não vejo direito. Está levantando alguma coisa agora, bem na frente do burquinho.

– Tente identificar o que é, Olinda. Vá forçar os olhos, porque pode ser importante. Hum.. o que é, hein?

– É azul, uma coisa metálica e azul.

– Azul, você disse, Olinda?

– Sim, parece um cano de aço. Um cano de aço azul.

– Azul, azul – gritou o periquito.

De repente, uma voz bruta e rude deixou a sangue da gente congelar nas nossas veias. E numa faixa de luz fraquinha vindo da porta do galinheiro, identifiquei os olhos

arregalados e assustados da Olinda, que estava justamente descendo da caixa á minha frente.

– Estão fartos desta maldita gritaria – bradou a voz. – Você tem que excavar novamente aquele brinquedo danado. Vai aceitar um serviço desse tipo, Zinho?

– No Morro do Cedro? – respondeu uma outra voz, que não ficava nem um pouquinho atrás da primeira, em termos de ser medonha. – Se o capataz do Góis Serrano me pegar, ele me entrega diretamente ao delegado Valentino.

– Vai amanhã, á meia noite – sugeriu a primeira voz, que reconheci nesse momento como aquela do capataz bruto da fazenda Roque Antão. – A essa hora, aquele danado do capataz do Gois Serrano deve estar na sua cama dormindo como uma pedra. Eu é que não posso me atrever de aparecer lá, porque o velho Góis Serrano prometeu que eu iria levar um tiro, se ele for me pegar nas terras dele mais uma vez.

– E a soma de dinheiro vai ser aquela que você me prometeu? – perguntou o outro.

– Metade agorinha mesmo, meu chapa. Você aceita?

– Aceito.

De repente, uma necessidade horrível de espirrar me veio correndo testa abaixo. E o mais que tentei lutar contra ela, o mais essa pressão terrível nas minhas narinas aumentava.

E súbitamente, eu fui detonar no barulhão escandaloso do mais alto espirro de toda a minha vida!

– Pelo amor de Deus, Queijinho – chiou a Eva Maria, puxando uma careta francamente horrorizada na minha frente.

– O que foi isso? – estrondou a voz rude e bruta do capataz. – Você ouviu isso, Zinho?

– Sim, e se eu fui ouvir! E veio bem de dentro desse galinheiro.

– Deve ser esse maldito ladrão de galinhas do qual a velha Sinházinha do Carmo Pimentel me contou ontem – berrou o capataz. E, abrindo a porta do galinheiro com barulho, eu o ouvi arrancando algo que parecia estar dependurado ao lado da entrada. – Ah, que bom, o velho forçado – ele continuou. – Vou furar este desgraçado todinho, mas vou acabar com ele...

De repente, ouvimos uma voz feminina interrompendo-o. – Que há, meus senhores, que há lá no meu galinheiro?

– É a velha que tá vindo, Almeidinha – explicou o outro homem, que o primeiro chamara de >>Zinho<< . – E tá é tocando todo esse bando de galinhas de volta ao galinheiro.

– Sinhá do Carmo? – gritou o capataz. – A senhora está aí? Veja só, sinházinha, estamos prestes a pegar esse descarado ladrão de galinhas seu.

– Ladrão de galinhas? – respondeu a voz fraca da velha senhora. – Lá, entre os meus franguinhos?

Neste momento, chegou ao meu ouvido a cacarejada do bando de galinhas que estava agora invadindo o galinheiro. Bem no meio da faixa de luz entrando pela porta ainda aberta, eu conseguí ver que a Olinda removera uma das caixas mais por baixo, tirando-a como uma gaveta. E, puxando a Eva Maria pela mão atrás de si, as duas meninas estavam justamente sumindo no buraco, que a Olinda por fim se apressava a tampar com a caixa novamente.

– Sumam – eu ouvi a voz abafada da nossa amiguinha ainda avisar a gente. E adicionando, num tom cada vez mais baixo: – Corram, escondam-se, rápido.

– O ladrão tá mesmo no meu galinheiro? – a voz frágil da sinhá do Carmo continuava insistindo lá de fora.

– Sim, senhora – berrou o capataz. – E lá está ele, que Deus me perdoe! Mas vou fincá-lo todinho, esse malandro!

– Vem, Queijinho – sussurrou o Professor, que tinha se arrastado adiante pela escuridão já quase completa do canto direito do galinheiro. E, tirando uma caixa da parte básica lá também, prosseguiu: – Vem rápido, meu caro amigo!

Gatinhei atrás dele, quando um berro súbito do capataz quase me matou de susto.

– Pare, desgraçado – ele bradou. – Tome esta, seu ladrão de galinha descarado!

– Vem! – chiou o Professor, horrorizado. – Vem rápido!

Puxei as pernas, mas uma das pontas do forçado ainda conseguiu atingir o pano da meia larga do meu pé direito.

– Vai, suma dali, Queijinho! – gritou a voz do Professor.

– Peguei o ladrão – berrou o capataz. – Ah, mas aqui está ele, e vou furá-lo agora, sinházinha, mas juro que vou!

Ouví o grito abafado e desesperado das meninas, quando fui puxar a perna, com toda força. E, com um barulho feio me indicando que a meia estava rasgando, finalmente conseguí me livrar.

– Vem, e de uma vez – ordenou o Professor, com uma voz severa de um comandante. E ví que ele já tinha sumido no buraco que se abria á minha frente.

– Morra! – berrou a voz do capataz atrás de mim, acompanhada pelas piadas desperadas das galinhas que pareciam estar fugindo do campo de ação dele.

Mas, com o ímpeto do desespero, eu consegui finalmente arrastar o meu corpo para dentro do espaço cavernoso. Ainda vi a mão do Professor, que estava puxando a caixa para fechar a abertura detrás das nossas costas. E ouvi o gemer da madeira exatamente deste caixão, atingido por mais um golpe violento do capataz.

– Rápido, por aqui – sussurrou a voz da Olinda. E, na escuridão completa, saímos gatinhando na direção dela, bem debaixo dos ninhos fedorentos das galinhas da sinhá.

– Não vai destruir o meu galinheiro, ou vai? – perguntou a voz fininha da sinhá, que agora também parecia já parecia estar dentro do estábulo.

– O malandro parece que se escondeu – respondeu a voz abafada do capataz.

Num raiozinho de luz fraquíssimo, eu ví a Olinda na minha frente, pondo o dedo indicador nos seus lábios.

– Silêncio – pediu a voz quebradiça da velha senhora. – Vamos escutar.

E por um momento, até as galinhas pareciam ter se acalmado. Ninguém disse uma palavra. E eu mal ousei de inalar o ar fedorento de tantas fezes de galinha.

– Não há mais ninguém aqui apesar da gente – decidiu a voz da sinhá. – Senhores, boa noite e muito obrigada. Por favor deixem as minhas galinhas dormir em paz agora.

E com estas palavras, ouvimos passos se afastarem e a porta do galinheiro finalmente sendo fechada atrás deles.

Esperamos mais uns quinze minutos antes de nos atrever de deixar o nosso esconderijo. E um pouco depois, já estávamos todos reunidos debaixo do pé de ipê amarelo na frente do nosso colégio, onde a Eva Maria tinha deixado o seu pônei Fradinho amarrado.

– Uuf! – eu desabafei com um suspiro que se juntava á última luz do dia. – Mas este brutamontes de um capataz foi quase acabar comigo, hein?

– Por fim, sobrevivemos todos, ou será que você discorda, Queijinho? – sorriu o Professor.

Da discoteca distante, restinhos de música alcançavam os nossos ouvidos. E também conseguíamos ver faixas coloridas que estavam pintando o céu escuro de uma maneira muito estranha.

– Amanhã, encontro marcado para aqui às dez da noite – decidiu o Professor. E prosseguindo: – Estou realmente curioso de ver o que este tal de Zinho vai excavar no Morro do Cedro á meia noite.

– E eu? – lamentou a Eva Maria. – Meus pais não vão me deixar sair a uma hora tão tarde como esta que acabamos de combinar!

– Você vai dormir na minha casa amanhã! – aconselhou a Olinda. – Mamaã vai ligar a casa de seus pais já de tardinha para informá-los, e quando todos pensarem que nos estejamos dormindo, nos vamos sair pela janela do meu quarto que dá para o quintal!

– Excelente idéia – disse a Eva Maria, agora já visivelmente aliviada. Reservada e com discrição, passou a secar com a ponta de sua camisa cáqui uma primeira lágrima que já estava escorrendo dos seus olhos azuis. E repetiu com um ligeiro sorrisinho: – Realmente uma idéia já quase perfeita!

– Leve a peruca, Eva Maria – avisou a Olinda. – Você não pode esquecê-la de maneira nenhuma!

– Peruca? Qual? A da minha tia, talvez?

– Sim, para o caso da minha irmã espiar, antes dela sair partindo para a discoteca. Alice iria provocar um escândalo horrível, se descobrisse a nossa fuga da casa.

– E eu tenho que voltar á fazenda, porque a minha tia está para retornar a Belo Horizonte esta noite. Mas chegarei a sua casa amanhã antes do jantar, Olinda. Prometido, palavra de escoteira.

– Jóia, querida.

– Resolvido então – concluiu o meu amigo. – Amanhã, às dez da noite, e exatamente aqui!

*

Por não haver mais quase nenhum cabelo sobrando na cabeça dela, a tia da Eva Maria era conhecidamente proprietária de duas perucas semelhantes que costumava usar alternadamente. No ano passado, quando a tia também viera na ocasião do aniversário da sua sobrinha, ocorreu o fato inesperado de uma destas

duas perucas sumir no último dia. E quando, já de volta a Belo Horizonte, a tia telefonou para dizer que havia justamente comprado uma peruca nova, a Eva Maria deixou propósiamente de comunicar-lhe que encontrara a peruca sumida numa gaveta apenas poucos minutos antes.

Assim, a partir deste justo telefonema, a Eva Maria tinha – entre muitas outras coisas interessantes - também uma peruca na posse dela.

De tanto que nos já revezamos dormindo um na casa do outro, ninguém foi ligar quando aparecí às nove e meia dizendo que iria dormir na casa do Professor. Porém, chegando por volta das dez da noite no ponto marcado debaixo do pé de ipê na frente do nosso colégio, só encontrei o vulto escuro do meu amigo lá esperando. E na escuridão já quase que completa, ele ainda parecia mais negro do que realmente era.

– Será que as meninas realmente conseguiram escapar? – ele me perguntou num tom já um pouco preocupado.

Mas neste mesmo momento, eu ouvi o eco de passos que estavam se aproximando nesta noite que me parecia tão preta como aquela de São João. E, ao chegarem perto, vimos com alívio que realmente se tratava das nossas duas amigas.

– Mas como a minha irmã estava curiosa – disse a Olinda, puxando uma careta que revelava desprezo. – Sua irmã também estava na nossa casa, Queijinho, mas assim mesmo as duas fofoqueiras permaneceram á escuta na porta do meu quarto, para ouvir a nossa conversa.

– E como arrumaram para sair? – perguntou o Professor.

– Roncamos, e só aí é que elas se afastaram, para se pintar e trocar de roupa para a partida á discoteca. Arrumei duas bolas médias, e fui botá-las sobre os nossos travesseiros. Tirando o cabelo louro de uma velha boneca de sabugo, eu procurei criar algo parecido á cabeça da Eva Maria, para então usar a peruca escura da tia dela para reproduzir a minha cabeleira. E quando já tínhamos saído pela janela, ouvi estas duas carrapatinhas desgraçadas abrirem a porta, mas fechando-a novamente logo em seguida vendo as duas imitações cabeludas dormindo sossegadamente nas nossas camas.

E ouvindo isso, nos três restantes logo disparamos numa gargalhada alta e violenta, de tão engraçado que nos parecia o relato dela.

– Está cedo demais ainda para a nossa partida – constatou a Olinda, olhando para o seu relógio de pulso. – Vamos dar uma passadinha pela discoteca para ver o que está pintando lá.

– Menor de idade não entra – avisou o meu amigo.

– Não vamos nem pensar nisso. E especialmente com estas duas leas da minha irmã e mais aquela do Queijinho se divertindo lá dentro. Mas uma mera espiadinha, com o devido cuidado, vamos nos dar o luxo de arriscar.

Atenciosamente e silenciosos, partimos pelas ruas escuras e abandonadas de Reconquista. E, quando passamos pela carpintaria, o barulho dos altofalantes já era estrondoso.

– Vamos nos aproximar por trás, para não despertar nenhuma atenção – sugeriu a Olinda.

E o céu, este céu tão escuro e sem estrelas, mas como era maravilhoso!

Apenas poucos dias antes, eu tinha visto na televisão um relato sobre um fenômeno ártico que era denominado como *aurora boreal*. Lá, no norte dos países escandinavos, o campo magnético da terra se mostrava interrompido por uma sinuosidade afunilada, que fazia com que a radiação do sol era capaz de passar pela atmosfera sem ser barrada.

Assim, nas noites escandinavas, a estratosfera terrestre costumava reagir com esta radiação. E devido a isso, estranhas cortinas de luz de aparência já quase fantasma costumavam iluminar o céu nas proximidades dos dois pólos.

E exatamente a mesma coisa parecia estar se dando bem na nossa frente agora. Isso porque a iluminação da discoteca também banhava o céu escuro numa variedade de cores que lembrava a abundância na refração da luz apresentada por um arco-íris gigante.

Em oposição á entrada do estabelecimento, um grande terreno cercado ainda no alto do morro servia como estacionamento para os visitantes. E ao que parecia, já estava completamente lotado a essa hora, porque ouvimos o barulho de carros manobrando e portas sendo batidas com violência.

– Cuidado agora – advertiu o Professor, quando alcançamos a parte básica do Morro Serrano que ficava na sombra das luzes da discoteca. E, muito cautelosamente para evitar arbustos espinhosos, começamos lentamente a seguir um atalho estreito que nos levava para o alto do morro.

A música me parecia soar a um tom incrivelmente estridente e elevado agora. Do filme >>Saturday Night Fever<< que tinha passado pelos cinemas no ano passado, o título >>Staying Alive<< do conjunto Bee Gees martelava os tímpanos dos nossos ouvidos.

– O John da Volta no auge de sua carreira barulhenta – comentou o meu amigo ofegantemente. E a referência irônica do Professor se dirigia, como nos sabíamos, ao ator John Travolta, que tinha sido dotado com o papel principal neste mesmo filme.

Mas as nossas amigas aparentemente se interessavam muito pouco pelo John da Volta, ao menos a esta altura dos acontecimentos.

– Uuf – elas suspiravam, quando finalmente tínhamos alcançado o alto do morro.

– Graças a Deus terminou esta tortura de uma trepadeira – abafou a Eva Maria, que respirava em inalações curtas e forçadas, como era também o caso com a Olinda.

Mal dava para entendê-las, de tão alta que batia a música. Era um título brasileiro agora, com uma voz feminina jubilando: >>Eu sou uma fera de pele macia...<<

Da parede lateral da discoteca, que parecia ser de alumínio, a Olinda nos dava sinais.

– Vejam só – ela exclamou altamente, chamando a nossa atenção para uma rachadura bem em cima das nossas cabeças.

Foi quando o Professor tocou o meu ombro, me mostrando um barril de gasolina atrás de nos.

Logo fomos empurrá-lo para debaixo da fenda na parede. E isso foi somente possível com a sorte nossa de este barril estar vazio.

– A Eva Maria primeiro – decidiu o Professor. E nos três estendemos as mãos para levantar a nossa amiga fina e esbelta para cima do barril.

– Gente, incrível – disse ela, logo ao dar a primeira espiada pela rachadura.

– Também quero ver – gritou a Olinda para o alto.

– Dê a ela ao menos um minutinho – a reprimiu o Professor, com o dedo indicador erguido.

Mas logo depois, já estávamos ajudando a Eva Maria a saltar para baixo. Isso para levantar agora a Olinda para cima do barril.

– Ah, porque somos menores – ela se queixou, já no momento de arriscar uma olhada inicial para dentro da discoteca. – Nos bobalhoês... e as eternas criancinhas de sempre, barradas de tudo que dá prazer...

– Você ainda vai se queixar o seu destino por ter se tornado uma velha caduca que não vai mais despertar atenção nenhuma nesse mundo traiçoeiro – advertiu o meu amigo.

– E você vai precisar de um carroção de lixo indo sempre na sua frente – ela retorquiu com uma risadinha um tanto maldosa. – E isso para desviar as moscas do velho desprezível e fedorento que será o papel reservado pelo seu destino para você.

O próximo a ser levantado para cima do barril fui eu. E, espiando pela rachadura, mal pude acreditar o que estava vendo.

O estabelecimento estava completamente lotado. E um verdadeiro mar de corpos suados e banhados em cores múltiplas se movia em ondulações por toda a extensão da discoteca.

Reconheci a Cecília, a irmã do Professor. E como podia ser diferente? Estava dançando com a Daminha, o filho alienado do fazendeiro Roque Antão. Sendo que por certo esta rapariga simpática não tinha vacilado nem um segundo diante da alternativa de deixar uma criatura efeminada como a Daminha na mão.

Enquanto o bafo doce subindo á rachadura incomodava o meu nariz, um rapaz alto e moreno no meio dessa multidão indolente chamava a minha atenção. O reconheci prontamente como um certo rapaz que todos nos conhecíamos de ser extremamente mulherengo. Um jovem que tinha como pai o dono riquíssimo de uma fazenda já a uma distância realmente considerável de Reconquista. E não era Pita o seu apelido? me veio súbitamente á mente.

Havia muita gente lá em baixo que eu nunca tinha visto. Muitos filhos de fazendeiros, sem dúvida.

E de repente, me veio o pensamento brutal que todos eles eram feras, onças famintas que se sentiam atraídas pelas nossas belas meninas, as belezinhas da Reconquista ás margens do Rio Paraopeba..

Mas que besteira, me disse uma outra voz, agora do lado oposto da minha mente. Pois, nesse mesmo momento, eu ví a longa cabeleira preta da irmã deste tal de Pita. Uma bela menina que podia sem sombra de dúvida competir em termos de atração com a Alice, irmã da nossa amiga Olinda. E esta certamente não iria se interessar por nossas raparigas, ou será que se ousaria de fazê-lo?

– Épa – chamou o Professor, lá do fundo escuro atrás das minhas costas. – Vai plantar raízes lá em cima, Queijinho?

– Viu a Cecília? – perguntou a Olinda, quando me baixavam do barril.

– O anjo de sempre – eu respondi.

– Olele, olala, pega o ganzê, pega o ganzá – tocavam os altofalantes numa trovoadas desnordeante, enquanto que nos suspendemos o meu amigo para o alto do nosso miradouro.

E, com ele espiando pela fenda, eu me orientei para a frente. Devagarinho e com cuidado, eu saí avançando junto á parede escura de alumínio frio do estabelecimento.

– Onde você vai? – chiou a Eva Maria, que parecia estar andando de gatinhas atrás de mim.

– Dar uma olhadinha pra ver o que se passa na porta – eu sussurrei dirigido para a escuridão atrás de mim.

Quando cheguei na esquina da parede que dava para a frente da discoteca, eu logo notei um grande grupo de gente lá reunido. Riam e conversavam tomando ar fresco e cumprimentando os carros que buzonavam altamente ao chegarem.

Estiquei a cabeça, até quase tocar as coxas das pessoas mais próximas. E súbitamente, eu cheguei a ver a Daminha de novo. Mas agora ela estava beijando um irmão mais novo do Pita. Este eu tinha visto apenas uma vez e era conhecido pelo nome de Cacaio.

Por um momento, esta impressão dos dois amantes se beijando á meia distância me confundiu totalmente. Este objeto de gozação – e de namoro com um jovem respeitável como esse filho de um fazendeiro já quase fabulosamente rico?

Se bem que a Daminha tinha um fazendeiro como pai também – que certamente deixava de ser paupérrimo tão-pouco. Mas assim mesmo, este rapaz maquiado e pintado como um papagaio era objeto de permanente ridiculização.

– Que há? – murmurou a Eva Maria, que por certo não estava vendo nada atrás de mim.

– Muita gente – eu disse. E perguntei de volta: - Você viu a Cecília, por acaso?

– Dentro – foi a resposta dela.

De repente, uma das meninas de vestido extremamente curto e pernas muito longas que estavam na minha frente se virou para mim. E, se curvando para baixo, logo me apanhou pelo braço.

– O que você faz aqui, danadinho? – ela chiou. E a menina, que agora reconheci como sendo minha irmã Isabel, prosseguiu, com a face tão distorcida que se parecia

com uma máscara raivosa: - Vou contar tudo aos pais amanhã! Dormindo na sua cama, hein? Ah, mas vai apanhar tanto, seu trouxa!

Mas nesse mesmo momento, o que refletiu nos meus olhos foi a imagem dos sapatos dela. A visão de sapatos de saltos extremamente altos, que mamãe tinha vestido num dos carnavais um pouco antes do meu nascimento. E o perfume que ela usava também pertencia a nossa mãe, e isso sem sombra de uma dúvida, porque se tratava do Chanel Número 5, que me era bem familiar de algumas ocasiões festivas.

- Uma palavra sua só, senhorita – eu ameaçei num tom alto e agitado. – Uma mera palavrinha apenas, e eu vou contar que você mexeu com as coisas mais íntimas de mamãe, sua gatuna miserável!

Súbitamente, ela conseguiu agarrar o lóbulo da minha orelha direita entre o dedo indicador e o polegar dela. E as suas unhas longas se cravavam na minha carne, a ponto de eu ter que morder a língua para não sair gritando.

Na minha frente, eu ví a cara dela, imóvel de tanto talco. E com olhos apertados e monstruosos, nos quais parecia só ter sobrado a parte esbranquiçada.

– Você vai mesmo, pestinha? – ela indagou, num tom suficiente arrepiante para ter intimidado mesmo um urso branco. – Ah, mas com só uma palavrinha saindo da sua boca, eu te mato, Queijinho, mas juro que vou te matar!

Neste instante, um rapaz magro e alto tocou o ombro dela.

– Que há, Isabel? – ele quis saber. – Não vamos voltar para dançar?

– Sim, vamos dançar – disse a Alice, cuja bela figura aparecia agora atrás dele.

Foi só aí que ela me largou para se voltar aos amigos.

– Que foi? – sussurrou a Eva Maria, atrás de mim.

– Uma bagunça – eu disse. – Realmente uma bagunça. Vamos voltar para os outros.

Neste momento, notei um movimento na escuridão que envolvia a minha amiga loura. E um pouco mais atrás, um vulto escuro que aparentemente estava localizando-nos guiado pela voz da Eva Maria começou a soltar chamadas. – Ei, vocês dois aí – gritou a voz que arora reconheci como sendo aquela da Olinda. – Já são quase onze horas, e vamos precisar uma boa hora para chegar ao Corrego do Cedro.

– Sim, vamos partir – ordenou a voz do Professor, ainda mais atrás dela.

Dois pesadelos não bastam...

Depois de descer do Morro Serrano, seguimos diretamente um atalho que passava junto ao Córrego das Almas, até chegar ao rio Paraopeba.

E o farfalhar do vento nas copas das árvores escuras se misturava com o murmúrio das águas lerdas do rio noturno. Caminhamos por uma vereda ao lado do Paraopeba, e isso por um longo tempo no mais profundo silêncio.

À direita, a sombra enorme de um capinzal três vezes da nossa altura contrastava contra o céu quase negro que se erguia como um globo enorme atrás dele.

– Para dentro destas moitas de capim enorme, os boiadeiros da fazenda Góis Serrano e Lagoa Dourada tocam o gado e mesmo os cavalos deles – o meu amigo finalmente comunicou a nos outros.

– Espero que esta expedição realmente valha a pena – suspirou a Olinda. – Senão, eu teria dado preferência á minha cama confortável lá em casa, podes crer!

– Nem me diga – retorquiu a Eva Maria. – É campo ou cama, mas tomada a decisão uma vez, também não há mais lugar para discussão.

– Vejam! – exclamou o Professor, indicando para a frente.

Lá, um afluente formava um pequeno pantanal, ou melhor, um leito alargado como uma caverna enorme. Isso porque essa bacia era coberta por copas de árvores voluminosas que formavam um baldaquim bem fechado e compacto.

Neste momento, o Professor chamou a nossa atenção para uma sombra negra que se levantava á esquerda.

– Este barranco deve ser... – eu comecei a minha especulação.

– ...o Morro das Almas – completou a voz meu amigo, na escuridão.

– Silêncio agora – advertiu a Olinda, que estava examinando os arredores cuidadosamente.

Mal ousamos de respirar, enquanto que procuramos forçar o nosso caminha pela vegetação espessa para o alto do morro.

– Quietos! – chiou a Eva Maria, que parecia ter notado que eu estava começando a ofegar. E isso aparentemente num tom demasiadamente alto.

Quando já tínhamos quase alcançando o alto do barranco, uma moita enorme de bambu impediu o nosso último avanço.

– Lá parece existir uma abertura – sussurrou a Olinda. – Ou mesmo um pequeno túnel.

Abaixamo-nos para ingressar o buraco negro á nossa frente andando de gatinhas. E quando já dava para ver a luz muito fraca que vinha do outro lado, uma ventania fria veio ao nosso encontro.

– Quietos! – advertiu o Professor, num tom extremamente abafado.

E vimos que, do outro lado do morro, a vegetação justamente estava sendo varrida por uma nova brisa gelada e desagradável.

– Queijinho – murmurou a Eva Maria atrás de mim. E isso com uma voz ligeiramente insegura.

– Venha – eu prontamente a incentivei.

O túnel que passava pela moita ia se alargando no final, com algumas ingazeiras nos dando cobertura.

Finalmente, nosso quarteto estava estendido de bruços no chão, com todos aguardando lado a lado. E um mosquito iniciou o seu canto estridente bem junto á minha orelha esquerda, até de eu finalmente espantá-lo com uma tapa.

Súbitamente, porém, me veio á cabeça o horror que os pais de Olinda e Eva Maria iam passar. Sim, o que eles sofreriam se soubessem onde as filhas deles se encontravam este exato momento. Embora que, se os meus pais ou aqueles do Professor tivessem noção dos perigos nos quais os filhos deles estavam se metendo a esta hora, também teriam todas as chances de sofrer um enfarte cardíaco.

De repente, ouvimos o barulho distante de alguém abrindo com força o seu caminho contra arbustos e moitas espessas. Mal ousando de inalar o ar frio, trocamos algumas olhadinhas preocupadas. Quem estava vindo aí, subindo o morro do outro lado? Um animal, talvez? Ou mesmo um assassino jagunço endoidecido á procura de crianças para matar?

E um momento depois, a mata densa do outro lado da clareira se partia, com uma silhueta preta súbitamente emergindo da folhagem para o espaço aberto.

– Desgraça miserável – ofegou a criatura. – Serviço de matar cachorro, mas bem pago, como tenho de admitir.

Parecia carregar algo semelhante a uma enxada na mão. Á direita, se encontrava um pé de belas sombras gigante, com uma copa vasta cobrindo mais que a metade da clareira. E o homem, que agora reconhíamos como o tal de >>Zinho<< daquele incidente no galinheiro, se dirigiu diretamente a esta árvore majestosa. Ah sim, mas era realmente uma enxada. E medindo três grandes passos na nossa direção, ele soltou uma série de palavroês, para depois começar a escavar.

E, ao começar o seu trabalho noturno, estava virado de costas para nos. E enquanto cavava ofegantemente, ele jogava torrões de terra para trás, na nossa direção.

– Ô serviço que mata cavalo – ele se queixava, com uma voz grosseira e claramente irritada.

O primeiro torrão atingia uma das ingazeiras, que chiava clamorosamente com o som da madeira se rachando.

– Haja Deus – abafou a Olinda, numa vozinha baixa de tão amedrontada.

Mais um pedaço de barro veio passando por cima das nossas cabeças. E isso para morrer na moita de bambu atrás de nos, com um barulhão tremendo.

Neste momento, ouvimos o murmúrio nervoso da Eva Maria. – O que é que ele pode estar procurando, pelo sofrimento do nosso Salvador? – a nossa lourinha quis saber.

– As jóias provenientes de um roubo, provavelmente – sussurrou o Professor.

– Talvez poderemos presenciar um reencontro com o bodinho de Jade roubado – eu saí exprimindo a minha esperança por meio de um murmúrio muito baixo.

Novo torrão de terra veio voando e rachou o galho mais grosso das ingazeiras na nossa frente. E este, caindo com grande velocidade, foi bater com força nas costas do Professor deitado debaixo dele.

– Aiiii – berrou o meu amigo, que prontamente começou se contorcendo de tanta dor.

E nos outros paramos de respirar, num susto súbito, mútuo e profundo.

Mas ao mesmo tempo, também este tal de Zinho interrompera o seu trabalho.

Pois de repente, um silêncio fúnebre e lethal avançava pela clareira.

– Macacos me mordam! – se levantou a voz amedrontada do homem com uma clareza agonizante na nossa direção. – O que foi isso, diabos?

Neste momento, a Eva Maria soltou um grito inquietantemente oco e arrepiante que reconheci como sendo o do murucututu. E eu pensei que só ela, a menina crescida na fazenda, podia emitir este som plenamente assombroso com tanta precisão.

– Maldito corujão – xingou o Zinho, enquanto estava tentando espiar na nossa direção. – Só me falta uma onça pintada ainda aparecer aqui, mas pelo amor de Deus!

– Machucado, amigo? – eu perguntei o Professor, num tom ainda audível com alguma dificuldade.

– Ainda dá, Queijinho – ele suspirou baixinho.

Enquanto isso, o homem inhalava umas duas ou três vezes. Estava dando uma olhada circular pelos arredores, para logo depois retornar ao seu trabalho. E pelo que eu era capaz de ver, o buraco produzido por ele já alcançara uma profundidade considerável.

– Mas não era preciso tudo isso – desabafou o Zinho, parando por um momento para enxugar com a manga o suor da sua testa. – Não havia razão para esconder o troço tão bem assim. Mas este pessoal é realmente cuidadoso demais!

Novo pedaço de barro veio voando. E o bambu rachou, mas segurou o torrão sem quebrar, pelo menos durante os instantes que seguíam.

De repente, o homem jogou a enxada para o lado. E isso para pular para dentro do buraco no momento seguinte.

– Ah, demônios, mas finalmente aí está – berrou a voz dele para cima.

Segundos depois, ele reaparecia. E nos todos esticamos as nossas cabeças, para ver o que ele estava segurando na mão.

Mas tudo que eu fui capaz de ver foi um cordão com uma bolinha pendurando da ponta.

Súbitamente, o bambu que ainda segurava o torrão rachou, com um barulho feio e estridente. E com força, o pedaço pesado foi tombar nas minhas costas.

Desta vez, foi a minha vez de soltar um grito: - Aaaiiiiaaaiiii!

E prontamente, o Zinho se virou. - Fulgêncio? – ele berrou na minha direção. – É você, seu capataz nascido sem mãe? Ah, mas dessa vez, você não vai me causar problemas, sua perereca, mas não dessa vez, mas de maneira nenhuma!

E, com estas palavras, logo se apoderou da enxada novamente. Feito aquilo, ele se precipitou avançando na nossa direção, e isso já no instante que se seguia.

– Rápido! – avisou a Olinda. – Vamos sartar fora com pressa, e pra dentro da moita! Mas o homem foi logo seguindo, como se tivesse ouvido a voz dela. - Morra, peste desgraçada – eu ouvi o brutamontes berrar atrás de mim.

Ainda ví o Professor recuando pelo túnel, enquanto que as meninas tinham aberto um novo caminho pela moita á esquerda. Assim, me orientei para a direita, onde infelizmente alguns caules grossos de bambu impediam o meu progresso.

Recuando um pouco, encontrei uma abertura menos espessa. Derrubando três ou quatro hastes finas do bambuzeiro, eu conseguí avançar. E nem um segundo tarde demais, pois agora um golpe violento de enxada martelava contra a parte da moita logo atrás de mim.

– Não vou te poupar desta feita – bradou a voz do homem enfurecido, com o bafo já quase chegando às minhas costas.

À direita, outras hastes finas de bambu me convidaram a derrubá-las gatinhando diretamente na direção delas.

E amaldiçoei o meu azar, que fazia que este maluco estava justamente pegando no meu pé. Sim, estava me seguindo, e ao puxar as pernas, o próximo golpe de enxada ainda atingiu a sola do meu sapato.

À esquerda e à direita, a moita me parecia mais densa ainda, mas no meio dela uma verdadeira série de caules mais finos prometia facilitar o meu avanço. E, apoiando-me nos meus cotovelos, me puxei para a frente, com as hastes magras quebrando por toda parte.

Um barulhão atrás de mim me dizia que um violento golpe de enxada tinha justamente sido barrado em última instância por um ajuntamento de bambus grossos.

E não sei de onde súbitamente começou a soar a voz do Professor. – Mais pressa, Queijinho, vê se sai dessa moita, ou este cara acaba com você!

– Que é isso, um tal de Queijinho? – perguntou a voz grosseira do Zinho atrás de mim. – E voz de criança aqui no mato? Talvez o seu filho, Fulgêncio? Ah, mas não vive, mas não vai viver mesmo!

Me movendo de gatinhas mais uma vez, quebrei mais e mais hastes de bambu. Outro buraco á minha frente, com plantas finas, e eu avancei novamente, já quase endoidecido nas garras de um medo enforcante.

– Queijinho! – gritou a voz estridente da Eva Maria. E só Deus sabe de onde estavam vindo as chamadas dela.

Puxei as pernas a tempo, antes que um novo golpe de enxada fez tremer o solo que eu justamente tinha deixado atrás.

– Canto de menina agora? – bradou o Zinho. – E a essa hora, e no mato? Você levou a sua filha também, Fulgêncio? Deixando a senhorita passear por essas bandas de noite, seu malando?

Mas nada podia desviá-lo da minha pista. Pois, ao que parecia, ele ainda estava atrás de mim, como um cachorro de rastro, que não deixa a sua presa escapar de maneira nenhuma.

Uma última fila de bambus parecia separar-me do final da moita. E, me sustentando sobre os meus cotovelos novamente, fui sucedendo avançando para a frente, e isso sem me esquecer de puxar as pernas.

– Queixinho, rápido – gritava a voz do meu amigo. E desta vez, ele parecia estar perto, ou até bem á minha frente.

Escolhi algumas hastes mais fracas, para então empurrar-me para a frente mais uma vez. E á direita, o solo tremia, me dizendo que o homem ainda estava tentando atingir-me com os seus golpes brutais.

Apenas segundos depois, senti as mãos do Professor, que me puxaram para fora do bambuzal.

– Vamos, depressa – ele me impeliu.

E lá também estavam as meninas, já esperando ansiosamente na escuridão.

– Fulgêncio? – berrou a voz do Zinho, atrás de mim. – Com toda filharada aí, seu descarado? Ah, mas não vai sobrar nenhum, vou enterrá- los, e um ao lado do outro! E com estas palavras, o homem raivoso se livrou da moita também, e como ví, ainda segurando a enxada na mão.

– Vamos, corram, depressa – gritou a Olinda.

Mas ao dar os primeiros passos, ouvimos um barulho horrível atrás de nos. Foi como se um lobo uivasse, ou melhor, um cachorro enfurecido saindo rosnando de tanta bravura.

E, ouvindo este som estranho, nos todos paramos logo, para ver o que estava acontecendo.

– O Banzé Predador – disse o Professor solenemente. E isso com uma voz que deixava transparecer reverência e severíssimo respeito de uma só vez.

A história do Banzé Predador foi a seguinte: O capataz grosseiro do fazendeiro Roque Antão tinha sido presenciado com um filhote de bastardo das raças fila brasileiro e pastor alemão. Mas, como era o seu jeito, tratou o animal tão horrorosamente mal que um dia o bicho simplesmente fugiu para o mato.

Lá, já depois de pouco tempo, começou a ser temido. Primeiro foram os fazendeiros da região que lamentavam a perda de bezerros deles.

Depois, também cabras e mesmo um cavalo adulto tinha sido abatido pela fera.

Vários artilheiros cumpriram a ordem de passar noites inteiras vigilando as manadas de fazendeiros ricos no pasto. Mas tudo que conseguiram matar foi um tamanduá-

bandeira, nas garras terríveis do qual ainda morreu um dos caçadores que avançou para examinar a presa aparentemente morta.

E quando o cachorro selvagem começou a abater gado da raça gir também, a gente da roça foi equipá-lo com o apelido de Banzé Predador.

– Ah, vira-lata desgraçado, mas comigo não – berrou o Zinho.

Mas no mesmo momento, já foi soltar um grito violento de dor. E vimos que o cachorro bastardo justamente estava afundando os seus dentes no braço dele, com a enxada caindo ao chão.

– Ah, mas que dor, ô bicho raivoso – gritou o homem. E, na nossa direção: – É crianças desgraçadas, covardes aí, hein? Vão me deixar sucumbir entre as mandíbulas deste monstro, vão mesmo?

– Esta é boa – sussurrou a Olinda. – Ajudar este jagunço, só para ele acabar com a gente logo depois!

No entanto, o Zinho tinha acertado o ventre do Banzé com um chute violento, que fez o animal voar dois ou três metros para trás. Por um momento, o cachorro bastardo deixou ouvir um gemido horrível que saiu ecoando pela selva. Mas já segundos depois, parecia que ele recuperara as suas forças. E já estava avançando de novo na direção do Zinho, que se abaixou rápido na tentativa de alcançar a sua enxada.

– Esperem – apressou-se a dizer o Professor. – É o nosso dever como seres humanos de não entregar o nosso próximo á morte, isso sim!

Enquanto isso, o cachorro pulara. E o homem, segurando o cabo da enxada como uma barra, o meteu entre os dentes enormes da fera.

Por um momento, o Banzé estava lá dependurado. Mas devido ao peso do animal, o Zinho tinha logo que largá-lo e a enxada também, com as duas criaturas finalmente caindo no chão.

– Ah – berrou o homem, e novamente na nossa direção. – Mas para o inferno com vocês, suas crianças malditas. Que esse demônio devore vocês, depois de ter acabado comigo!

No entanto, o meu amigo tinha varrido o solo escuro com o sapato do seu pé direito. E agora, se agachando, ele levantou algo que tinha encontrado com este justo movimento.

– Veja, Queijinho – ele disse, me entregando o negócio apanhado.

Era uma pedra fria e pesada, e com uma superfície lisa. Me parecia ser um cristal grande com a forma aproximada dos cinco dedos de uma mão.

– Quem joga bem aí? – perguntou o Professor, num tom já mais baixo.

– Eu – respondeu a Eva Maria. – Sei atirar, sei montar, e sei jogar também.

– Mesmo uma pedrona pesada como essa? – o meu amigo quis saber.

Mas, tomando a pedra, a nossa amiga louca se preparou, sem dar resposta alguma às perguntas irônicas do Professor.

Enquanto isso, o Zinho era justamente atacado pelo Banzé mais uma vez. E um grito terrível nos dizia que o cachorro tinha tornado a apanhar o seu braço.

Passando por mim e correndo alguns metros para a frente, a Eva Maria lançou a pedra com ímpeto. E, voando pelo ar, eu ví o objeto escuro atingir o flanco do Banzé, bem acima da coxa da perna traseira dele.

Um gemido horroroso foi a resposta.

– Obrigado, cambada – berrou o Zinho, se jogando para o lado no mesmo instante.

Mas agora, o cachorro bastardo parecia estar se dando conta da nossa presença. E, com uma virada rápida, prontamente começou a avançar na nossa direção, e isso com saltos francamente vigorosos e enormes.

– Pedras – gritou o Professor. E num tom já quase histérico deixou seguir: – Vejam se apanhem mais pedras.

E nos todos saímos usando o tato para procurar ao redor de nos. Logo sentí o meu pé sendo barrado por algo duro. Me abaixei, e realmente era uma pedra de peso razoável. E do canto dos olhos, ví que também os vultos dos meus amigos tinham se agachado.

– Corram – gritou a Olinda, logo depois.

Saímos correndo, embora que instantâneamente me veio a cabeça que esse Banzé tinha necessariamente que ser muito mais rápido que a gente.

– Lá, atrás daquele tronco caído – berrou a Eva Maria.

E logo depois de termos sucedido em jogar-nos atrás daquele tronco grosso, eu já ví o vulto negro da besta avançando na nossa direção, numa distância que não superava cinco ou talvez seis metros.

– Vamos, é agora ou nunca – bradou a voz do Professor num tom já plenamente apavorado. – Lançam as suas pedras, e todos de uma vez!

Ví as pedras voarem como sombras de morcego na escuridão, e o baque forte do impacto quando os nossos projetis atingiram o animal. E com um uivo apavorante, a fera alterou a sua trajetória, passando rapidamente á esquerda do tronco caído.

– Corram! – bramiu o meu amigo. – E com pressa, voltando para casa!

Pulamos sobre o tronco e tomamos o atalho que corria junto á margem do Rio Paraopeba. E prosseguimos uns dez minutos correndo sem trocar uma palavra só, até que ofegantemente finalmente paramos para curvar-nos para baixo e, apoiados nos nossos joelhos, descansar um pouquinho.

– Ôpa – suspirou o Professor, depois de já termos recuperado um bocado do nosso fôlego. – Calma, por favor. Sejam quietos por um minuto, para ver se a fera ainda está atrás da gente.

Permanecemos algum tempo no mais completo silêncio, só perturbado pelo murmúrio incessante do rio escuro á nossa esquerda e o farfalhar das folhas das árvores noturnas ao redor de nos.

De repente, dois tiros consecutivos e distantes chegaram aos nossos ouvidos. Mas não seguidos pelo uivo de um animal, como se podia esperar, mas por um grito humano vindo de umas bandas aparentemente extremamente afastadas.

– Vamos retornar para Reconquista – decidiu o meu amigo, se mostrando sacudido por um arrepio. – Antes de ainda acabarmos nesta mata com um buracão na testa cada um!

Voltamos rumo aos nossos lares com a máxima pressa e sem trocar uma única palavra. E quando já víamos as luzes da nossa vila fluvial, a Eva Maria soltou um assobio aliviado.

Acompanhamos primeiro as meninas para a casa escura da Olinda. O quarto dela se encontrava na parte traseira, e a janela ainda estava encostada. Assim, as duas amigas nos deram boa noite e sumiram, trepando para dentro da casa.

No meio do gramado do quintal escuro, notamos o vulto escuro do pônei Fradinho, que estava de pé e aparentemente também acordado.

– Boa noite, Fradinho – eu desejei, antes de seguir o Professor, que já estava pulando sobre a cerca traseira do jardim.

Chegando á casa noturna do meu amigo, notamos um jipe estacionado na frente. Com a polícia de Belo Horizonte havendo leiloado automóveis velhos para os funcionários da instituição no ano passado, o pai do Professor tinha conseguido adquirir este carro a um preço razoável.

– Cecília já voltou para casa – constatou o meu amigo. E isso aparentemente com uma profunda satisfação. Pois, como a irmã dele obtera a carteira de motorista no ano passado, naturalmente tinha sido ela aquela presenciada com o automóvel recém-adquirido.

Eu já ia me dirigindo para a porta da frente, quando o Professor segurou o meu braço.

– Venha, Queijinho – ele sussurrou, me levando através do muro lateral da casa para o quintal. Lá, ele começou a tocar ligeiramente contra o vidro de uma das janelas escuras.

– Esperem – disse uma voz feminina depois de um minuto, num tom muito baixo e abafado. – Vou indo para abrir a porta da frente.

Voltamos para a entrada, onde a Cecília já estava esperando vestida com a camisola dela.

– Mas gente, o que é isso? – ela exclamou, ao ver o estado sujo em que estivemos. E, inalando profundamente, adicionou: – Meninos, vocês estão completamente imundos! Onde estiveram, pelo amor de Deus?

– Missão noturna dos escoteiros – respondeu o meu amigo com um sorrisinho meio distorcido.

Fomos nos livrar dos nossos sapatos também lamacentos, para que ela nos levasse para o banheiro, e isso logo em seguida.

– Vamos, tirem a roupa no escuro – ela comandou. – Vou levá-la para o tanque na área de serviço, enquanto que vocês tomam banho de chuveiro. E isso sem se ousar de acender a luz, e vocês dois juntos, por no máximo cinco minutos, estamos entendidos?

E com estas palavras, ela sumiu com a nossa roupa na casa escura. Com a luz apagada, o Professor me deu o sabão, e com a água escorrendo, fomos lavar-nos. E quando a Cecília voltou, ela estava trazendo pijamas limpos do armário do meu amigo para cada um de nos.

– Ela é mesmo um anjo, a Cecília – murmurou o Professor, quando já estávamos deitados de cama, três minutos depois.

– Você viu o que este Zinho tirou daquele buraco?- eu quis saber.

– Este é o maior azar que se pode ter – ele suspirou, antes da gente fechar os olhos para dormir. – Correr este mato todo de noite, só para ver aquele sem-vergonha sacudir uma corda com uma bolinha fútil e presa na ponta dela!

Uma mascaragem e uma chamada telefônica misteriosa

Uma semana se passou, e nada de novo aconteceu. Quanto a Eva Maria e Olinda, elas também conseguiram tomar banho e idem despercebidas, e isso ainda no decorrer dessa noite tão excitante. E em relação a este tal de Zinho, ambas tão-pouco tinham visto algo mais na mão dele que essa mera corda com uma bola afixada na extremidade que já esteve em questão.

Procuramos uma oportunidade para levar o Pintinho para o escritório do advogado Raúl Almeida, em Paraopeba. Isso para chegar a uma certeza se este senhor realmente tinha dirigido o seu Ford Landau para Reconquista, para levar o médico á casa do Heitor, naquele dia do roubo.

E a este respeito, um dos últimos acontecimentos se revelou plenamente favorável ás nossas intenções.

O que foi que se passou era que a minha mãe tinha herdado um pequeno sítio perto de Rochas Silvas, no mês do falecimento do meu avô, no ano passado. Mas como ela foi só uma entre seis herdeiros (sendo que mais cinco irmãos e irmãs dela também herdaram), o que ficou para a gente não passou de três pastos nesse fim-de-mundo.

Quando os pensamentos de mamãe ainda giravam em torno de o que fazer com estas terras, ela recebeu notícia que um fazendeiro vizinho tinha atrevidamente cortado a cerca, para tocar o seu gado para pastar nos nossos campos.

Como reclamações da nossa parte não resolveram o caso, a minha mãe finalmente não viu outra saída a não ser consultar o advogado Raúl Almeida, em Paraopeba.

Este nos informou que ele, para o caso da gente tomar a decisão de arrendar estes pastos, iria ainda precisar de uma cópia do respectivo contrato.

Mamãe então partiu para Rochas Silvas, para supervisionar os trabalhos de conserto da parte da cerca que foi danificada. E como o restante da cerca que ainda estava de pé também estava em mal estado, ela telefonou dizendo que iria ficar uma semana inteira, até que tudo for finalmente reparado.

Já no dia seguinte, o nosso telefone tocou mais uma vez. E era mamãe, explicando para a minha irmã com grande alegria que realmente conseguira arrendar os pastos para um criador de gado local, e isso por uma quantia anual satisfatória.

– Acabo de voltar do correio de Montes Claros, Isabel - ela ainda adicionou. – A cópia do contrato agora já deve estar no caminho para Reconquista.

Telefonamos então para o escritório do advogado Raúl Almeida, para dizer que a cópia do contrato já estava para chegar. E a secretária do advogado logo disse a Isabel que iria marcar um horário para mamãe, porque o senhor Raúl Almeida ainda queria discutir alguns pormenores com ela.

Encontramo-nos prontamente no galinheiro, todos nos, os soldados do Ateu. E isso para fazer os nossos respectivos planos. O advogado nunca iria responder às nossas perguntas quanto ao dia do roubo, isso estava claro. Mas poderia se recusar também se as perguntas viessem da parte da tia da Eva Maria? Certamente não. Só que a tia se encontrava na capital do estado, na Belo Horizonte distante.

Assim, condenamos a Eva Maria a se fantasiar como a tia, e isso com auxílio da peruca que esta tinha esquecido na casa grande da fazenda. Isso também seria um excelente pretexto no sentido de sermos capazes de nos livrar da minha irmã. Pois, com a <<senhora presidente>> negociando com o advogado, a presença de Isabel seria dispensável.

Conversamos sobre a nossa ida para o escritório do advogado com a Cecília, e a irmã do meu amigo prontamente se ofereceu para levar-nos a Paraopeba, no dia do horário marcado.

Um problema ainda permaneceu para ser resolvido. Pois era preciso levar o Pintinho também. Mas como convencê-lo a acompanhar-nos?

Finalmente, juntamos a maioria do dinheiro que ainda tinha sobrado das nossas mesadas para o mês de Julho. E falando com o rapazinho, este realmente concordou de vir com a gente para Paraopeba.

No dia da nossa partida, foi preciso juntar todas as minhas forças de autodomínio para não sair disparando numa gargalhada violentíssima. Pois a Eva Maria estava usando três anáguas debaixo da saia dela, para inflar o seu corpo magro a fim de aproximá-lo ao volume da tia. E tinha estufado as suas bochechas com uma luva de punho cada uma, para assemelhar a sua cara fininha á bem mais inchada da tia. Junto com a peruca grisalha e os sapatos de meio salto incontestavelmente antiquados, ela se parecia mesmo com uma cópia quase perfeita da nossa famosa juíza aposentada.

E a Cecília, abrindo-lhe a porta, a cumprimentou com reverência, longe de notar que não se tratava da ilustre senhora.

O terceiro para tomar assento no jipe da Cecília foi o Pintinho, com apenas um lugar no banco traseiro ainda sobrando para mim.

– Espere, a cópia – gritou de trás a voz de Isabel, que vinha correndo com o papel na mão, enquanto a irmã do meu amigo já estava arrancando o automóvel. E, com um braço rapidamente esticado para fora da janela de fibra sintética, ainda me apoderei do documento em questão, com o carro agora já em plena partida. Finalmente, e antes de afastarmo-nos, ainda troquei um último olhar com o Professor. Foi impossível não ver a infinita decepção se refletindo nos olhos negros do meu amigo, que agora tinha que ficar para trás.

*

Cecília dirigia a uma velocidade extremamente alta. E o vento sacudia a cobertura de plástico do jipe, fazendo um barulho tremendo. Ainda mais, a Cecília falava o tempo todo sem parar, poupando a Eva Maria, que já parecia sofrer bastante com as luvas na boca, de dar respostas.

Chegados finalmente a Paraopeba, a Cecília dirigiu o jipe com ímpeto para dentro do pequeno estacionamento á frente do escritório do advogado.

– Olha que a senhora presidente está chegando – anunciou logo e aos gritos a irmã do meu amigo em direção á porta de entrada.

E uma secretária já vinha correndo para abrir a porta do carro e com o fim de ajudar a falsa juíza aposentada nas suas tentativas de abandonar o automóvel.

Quando nos outros finalmente tínhamos deixado o jipe, também o próprio senhor Raúl Almeida apareceu na entrada para o escritório.

– Ah, mas a senhora presidente – ele exclamou, vestido de terno e gravata *royal-blue* inteiramente impecáveis. – Mas que honra, minha cara, mas que grande honra! Se curvou e beijou a mãozinha da Eva Maria com a maneira do cavalheiro perfeito que realmente era.

– Entrem e sejam bem vindos – ele vociferou em seguida. – Bem vindos ao meu modesto escritório!

E, se virando para a secretária: – Café, Juliana, café para todos!

Mas neste momento, o Pintinho se atreveu a contradizer: – Mas eu não quero café! Eu quero é chocolate!

– Naturalmente – sorriu a Juliana. – Chocolate para ambos, os dois meninos, não é verdade?

Reagí acenando com a cabeça, enquanto nos todos já estávamos entrando.

– Por aqui, por favor – disse o advogado, que logo tomou assento no escritório atrás da sua escrivaninha de jacarandá enorme.

Sentamo-nos todos numa linha em frente dele e de sua mesa de trabalho.

– E a senhora proprietária das terras.... – ele continuou.

– Eu sou o filho dela – eu o interrompí, me levantando da minha cadeira e estendendo a cópia do contrato por cima da mesa para ele.

– Hum, muito bom – ele murmurou, enquanto adornava a sua cara com um óculos grande e brilhante. – É fato incontestável que a estimada senhora da sua mãe terá direito a uma boa indenização por causa dos danos que sofreu, meu filho – ele esclareceu com testa franzida.

Neste momento, a secretária Juliana já estava voltando com o café.

– Senhora presidente – exclamou o senhor Raúl Almeida prontamente, enquanto se catapultava para o alto do seu assento. – Este café é único e originário da pequena colheita que veio da minha própria chácara. A senhora terá que prová-lo... Oh sim, prová-lo, para então chegar á conclusão de que ele é realmente incomparável...

E, se dirigindo para a secretária, arrancou uma xícara e mais a cafeteira da bandeja que ela tinha nas mãos.

– A senhora vai me permitir que eu lhe sirva o meu café pessoalmente – se exaltou o advogado, enquanto já estava enchendo a xícara.

– Leite? Açúcar? – gritou o homem, enquanto estendia a sua mão na tentativa de alcançar a bandeja mais uma vez.

Mas a Eva Maria já sacudia negativamente a sua cabeça coroada com o chinó da tia, e isso com vigor e determinação. E, me dando uma olhada já quase desesperada, tão súbito como também inesperadamente começou a falar.

– Senhor advogado – ela balbuciava, visivelmente perturbada pelas luvas na sua boca. – O senhor se lembra do dia em que foi roubado o bodinho de jade, em Reconquista?

Por um instante, eu não ousei de respirar. E quanto ao advogado, foi a vez dele de olhar a Eva Maria com um ar tão espantado como também confuso.

– Roubo? – ele finalmente perguntou, e isso aparentemente sem entender.

– A gastroenterite do Heitor Barreto Antão – eu me apressei a dizer. – O dono da carpintaria pediu ao senhor de levar o doutor Curvelo para a casa do doente, não é verdade?

– Ah sim – exclamou o advogado. – Correto, pois o doutor estava com mal nas pernas e não podia dirigir. Me lembro agora.

– E foi o senhor que dirigiu o Landau? – perguntou a Eva Maria com dificuldade.

– Eu? – retrucou o jurista, enquanto caía numa risada. – Oh não, pois eu tinha uma audiência no tribunal da justiça com o...

Neste momento, a porta se abriu, com um senhor esticando a sua cabeça já quase esquelética para dentro do escritório.

– Espere um minutinho lá fora, por favor, senhor Estrada – advertiu prontamente a secretária Juliana. – Como o senhor está vendo, o senhor advogado se encontra ainda ocupado com a clientela.

E, enquanto a porta se fechava atrás do homem, o advogado adicionou: – Eu tive essa audiência em questão exatamente representando este senhor Estrada que acabou de aparecer. E assim, nos fomos á corte no Corcel da minha mulher aquele dia, enquanto que fui mandar o meu motorista Zé Olivas de ir buscar o doutor, com o outro carro, que é o Landau.

– Obrigada – murmurou a Eva Maria.

– Mas agora, com o consento da senhora tenho que fazer questão que o meu café seja provado!

– Olhe – balbuciou a Eva Maria visivelmente embaraçada. – Mas eu não posso aceitar...

Mas ao que parecia, nada mais podia segurar o advogado na sua cadeira. Tinha se levantado, enquanto esticava a mão para se apoderar da xícara ainda depositada em frente da nossa amiga loura.

– Não me diga! E como vai gostar! Só um golezinho, uma gotinha apenas, mas a senhora terá que provar...

E, levando a xícara aos lábios da Eva Maria, praticamente a obrigou de beber do café.

Não sei como ela conseguiu beber com o par de luvas dentro da boca. Mas logo notei que ela começou a se tornar vermelha, e isso mesmo debaixo da camada espessa de talco em cima do rosto dela. Tornou-se até roxa a uma extensão de que por alguns instantes já me pareceu que ela estivesse sufocando.

De repente, abriu a boca. E, com o advogado visivelmente perturbado recuando já com a xícara, ela saiu tossindo com uma violência que não me lembro de ter visto antes.

Mas o que saiu voando pelo ar agora foi uma das luvas. E com um baque horrível, ela foi tapar a parte superior do rosto do senhor Raúl Almeida, e isso como uma esponja pesada que estava gotejando de tanta umidez.

Por um momento, o advogado parecia cego, enquanto que a secretária movia os dedos escarranchados ao queixo dela, soltando um grito que era agudo e estridente ao mesmo tempo.

Simultaneamente, a Eva Maria tirou a outra luva da boca dela, com a cara dela súbitamente emagrecendo assustadoramente.

Por um momento, um silêncio absoluto reinava nos domínios do escritório. Só ví a cara desesperada da Cecília encarando alternadamente a Eva Maria e o advogado ainda cego devido á luva em cima dos seus olhos.

Um mero instante mais tarde, o senhor Raúl Almeida conduziu as mãos á altura da testa e arrancou a luva molhada de seu rosto. Girando a sua vista pelo escritório como alguém que acabou de sair da escuridão, os seus olhos finalmente se prenderam na cara agora fininha e magra da Eva Maria na frente dele.

– Ah, mas o que é isso? – ele começou a berrar. – Veja só como fomos enganados, Juliana! Uma impostora, nos apresentando uma palhaçada nunca vista antes!

– Sim, para fora! – gritou a Juliana. E isso numa voz assustadoramente aguda e até um tanto sibilante. – Mas que pouca vergonha, que falta de respeito...

A esta altura, nos já estávamos nos apressando para sair. E, quando abrimos a porta, a Eva Maria ainda perguntou ao senhor Estrada que havia permanecido assentado á frente do escritório:

– O senhor realmente foi á corte com o senhor advogado, duas semanas antes?

– Eu? – perguntou o cliente, boquiaberto e sem entender.

– O senhor, exatamente. Para a corte.

– Ah, á corte! Sim, fui, com o senhor advogado. E porque?

– Muito obrigada – concluiu a Eva Maria, com todos nos já deixando a casa na tentativa de alcançar o jipe numa correria desajeitada se aproximando já quase de um pandemónio.

– Vamos! – gritou a Cecília, que já estava assentada diante do volante tentando justamente ligar o carro.

E eu, tomando assento no banco traseiro, já estendia a mão para fechar a porta quando o advogado apareceu na entrada da casa.

– Eu vou telefonar para a sua estimada mãe, menino – ele anunciou, e claramente se referindo á minha pessoa. – Pois uma ousadia como essa nunca nos ocorreu antes, não é verdade, Juliana?

– E se é verdade – confirmou esta, aparecendo atrás dele, e já repugnantemente transbordando de tanta manteiguaria. – Nunca um sem-vergonha teve a coragem de tratar a gente com tanta falta de respeito, mas nunca, meu senhor!

Batí a porta, e o carro arrancou. Minutos depois, o jipe tinha deixado Paraopeba, tendo alcançado a rodovia e tomado rumo a nossa Reconquista, na costumeira altíssima velocidade.

Eva Maria estava pressionando os dois punhos contra a boca. Seu rosto estava vermelho, e ela me parecia fazer um grande esforço para não disparar gargalhando. No espelho retrovisor, era uma delícia de ver a cara linda da Cecília, que se apresentava da cor do cacau do qual nem conseguí provar um gole, no escritório do advogado. Enquanto ela dirigia, cada músculo da sua face parecia estar se movendo, e isso num combate aparentemente terrível. Ria ela também, ou estava a irmã do meu amigo realmente se preparando para zangar com a gente?

– Que tal, Pintinho? – eu perguntei o garotinho ao meu lado. – Você acabou de ver o senhor advogado, rapaz. Diga agora: Foi mesmo este que dirigiu o Landau no dia do roubo?

Enervado, o menininho tocou a sua testinha com o dedo indicador da mão direita dele. – Mas não é possível! – ele exclamou visivelmente aborrecido. – Deixou mesmo de ser capaz de ouvir o que o homem disse, Queijinho? – ele indagou logo depois e sem o mínimo sorriso. E acrescentou: – Ele confirmou que foi á corte com aquele senhor Estrada, como pode ter dirigido o Landau para Reconquista então?

– Quer dizer então que tem que ter sido mesmo o motorista quem dirigiu a limusine do advogado aquele dia? – eu insisti.

E desta vez, o Pintinho acenou com a cabeça, embora de um jeito tão involuntário como me parecia tedioso.

– Isso estava claro – constatou num tom fastidioso a Eva Maria. – Nem era preciso perguntá-lo.

– Olha, gente – disse a Cecília, que tocou o pisca-pisca para ultrapassar um caminhão pesado que estava carregado até o alto com carvão vegetal. – Mas se vocês tivessem me informado que a Eva Maria se fantasiou, eu nunca teria levado-os para Paraopeba!

– Não me diga, Cecília – eu exclamei em voz alta, enquanto fingia uma falsa seriedade.

– Pare com essas palhaçadas, Queijinho – a irmã do meu amigo me avisou. – E que vergonha, gente! O que este senhor advogado deve estar pensando da gente agora?

Mas a Eva Maria, ainda com a peruca da tia, já começava a rir de novo. E com o Pintinho e a minha pouca vergonha também caindo na risada, a Cecília não teve outra escolha do que acompanhar a alegria da gente, embora que provavelmente sem querer.

*

No dia seguinte, tínhamos trocado o ar condicionado do advogado pelo balcão da padaria da Anastasinha. Sendo que esta última logo nos surpreendeu com a revelação:

– Tenho hoje um petisco especial para vocês, meus queridos!

– Não me diga! – gritou a Eva Maria num entusiasmo totalmente exagerado. – Mais um pouco de *Christstollen*, Anastasinha, será mesmo?

– Negativo, lourinha! Este se esgotou definitivamente! Mas o meu pessoal lá de Blumenau acabou de me mandar um *Rosinenstuten*!

E ela se foi, para voltar pouco depois com um pratinho e uma fatia de pão doce com manteiga para cada um de nos.

Bem, qual era a diferença entre estas duas delícias? O *Rosinenstuten* é decididamente mais um pão do que um bolinho. Um pão muito doce, e com uvas passas também, de gosto porém bastante parecido com o *Christstollen*.

– Anastasinha, você é um anjo! – suspirou o Professor, com os olhos fechados no delírio absoluto. – Mais uma xícara de chocolate para cada um de nos, e estaremos devendo para você eternamente!

Neste dia, o Zé do Mato também estava na companhia da gente. Mas sentíamos bastante pena dele, porque não podia comer e nem falar muito.

Pelo que entendemos, o pai dele tinha cortado uma fruta que provavelmente pertencia a uma espécie venenosa. Mas quando descobriram isso, o Zé do Mato já tinha mastigado um bocado, sendo que imediatamente a boca dele se inflamou ao ponto de ficar terrivelmente inchada.

A Anastasinha voltou com a bandeja e as nossas xícaras de cacau. Mas tinha trazido também um mingau de banana e um chá de camomila – este para desinfetar a boca do Zézinho depois de comer o mingau – como ela nos informou.

E a nossa alemãzinha tomou assento com a gente para tomar conta que o doente realmente comesse o que ela preparara para ele.

– Como você foi parar aqui, em Reconquista, Anastasinha? – balbuciou o Zé do Mato com muita dificuldade. E isso só para desviar a atenção dela do mingau dele, pois já tínhamos ouvido a história da nossa padreira germânica durante várias ocasiões.

Mas a Anastasinha gostava de falar, e assim logo nos foi contar da sua vida mais uma vez.

Repetiu então que a família dela tinha originariamente um minifúndio no sul do Brasil. E apesar disso, um tio era dono de uma padaria em Blumenau, onde ela também trabalhara por meio horário.

Com o pai falecendo, a Anastasinha herdara o minifúndio junto com mais quatro irmãos. Mas como a padaria não ia tão bem e também não era possível dividir o pequeno sítio em mais partes ainda, resolveram por fim de vender tudo.

Naquele tempo, o governo brasileiro oferecia terrenos cultiváveis a colonos na bacia amazônica, a fim de fazer progresso em termos de povoar esta região ainda quase deshabitada.

Mudando-se para a região norte, a família realmente foi beneficiada com um terreno grande e começou sem perder tempo a desmatá-lo. Cultivaram a terra e obtiveram uma primeira colheita excelente. Mas com a temporada das chuvas vindo, a terra fértil se foi logo rio abaixo, com apenas areia sobrando.

De carona e em diferentes caminhoes, os membros da família então se puseram ao caminho para o sul do país. Mas imediatamente depois de ter passado Goiânia, o motor do caminhão no qual viajava a Anastasinha se pifou.

Por sorte, o chofer de um outro caminhão se ofereceu para dar carona á nossa padeirinha germânica. Mas o motorista, que admitiu ser um novato dirigindo profissionalmente pela primeira vez, logo se perdeu. E um pouco depois de Belo Horizonte, ainda acabou provocando um acidente de trânsito realmente sério.

Com ela esperando depois deste desastre num posto de gasolina, por coincidência chegou a conhecer o velho Antão. O dono da carpintaria, que tinha comprado material, estava justamente abastecendo a sua camionete. Após um bate-papo

curto, o homem ofereceu de levá-la na sua camionete para a sua casa em Reconquista. E tendo então parado aqui, na nossa vila, ela usou a sua parte da renda da colheita do terreno na Amazônia para finalmente abrir a sua própria padaria.

Terminando ela o seu relato, o Zé do Mato tinha acabado com o seu mingau também. Abria e fechava a boco como um peixe justamente tirado da água, de tanta dor que parecia estar sentindo na boca.

– Agora é a vez do chá de camomila, rapaz – ordenou a Anastasinha com um sorrisinho já quase carinhoso. – Você vai ver como ele lhe fará bem, menino.

E, acenando com a cabeça, ele fez uma careta que expressava a sua dor. Logo depois, o Zé do Mato já se apressava a seguir o conselho da nossa padeira.

Mas neste momento, a Anastasinha teve que deixar a nossa mesa, porque outra freguesia estava justamente chegando.

– E agora – começou o Professor, se referindo a mim e á Eva Maria assim que a padeira se foi, – me digam tudo o que se passou no escritório do advogado em Paraopeba, por favor!

E, com a nossa amiga loura já disparando numa risada novamente, eu lhe contei a história completa. Estando finalmente a par de tudo, o meu amigo acenou para mim, visivelmente satisfeito.

– Grande trabalho do ponto de vista criminalista – ele elogiou, e adicionando com testa franzida logo em seguida: – Embora tenha sido um desastre considerando-se as exigências mínimas requeridas por um encontro social de negócios.

Mas as palavras dele só levaram a Eva Maria a rir mais ainda.

– O que você pensa, Professor? – eu perguntei. – Será que foi mesmo o advogado aquele quem eu tenho visto aqui, na padaria, na manhã do roubo? E com o irmão dele, o capataz, se tornando com isso suspeito como o ladrão do bodinho de jade ao mesmo tempo?

– Mas então este senhor Estrada, que alegou ter ido á corte com o senhor Raúl Almeida aquele dia, teria com necessidade que ter tramado este álibi com o advogado – o meu amigo deu a entender. – O problema é que o senhor Raúl Almeida estava aguardando a sua mãe, Queijinho. Não sabia nada da Eva Maria fantasiada de senhora presidente se aproximando para interrogá-lo a respeito da manhã do roubo. Assim, também estava longe de poder ter tramado coisa alguma para esta eventualidade, e a presença deste Estrada se encontrando com vocês no

escritório não vai nos dizer nada. Não, foi nada mais do que uma coincidência, embora uma que já considero tamanho família.

– O senhor advogado também nunca teria aceitado um plano do irmão dele para o mesmo roubar o bodinho de jade – opinou a Eva Maria. – Um malandro qualquer talvez, mas não uma pessoa de respeito como este senhor estudado.

– Exatamente – acenou o Professor. – É o que penso também.

– Mas quem sobra então? – eu indaguei.

– Que tal o pintor? – sugeriu a Olinda, antes de encher as bochechas novamente com uma mordida no que tinha sobrado da sua fatia de *Rosinenstuten*. E antes de soltar um suspiro também ao gozar do delicioso petisco saboroso.

– O pintor – repetiu o meu amigo, pensativo.

– Não encontramos nenhuma marca dos pés da escada dele – lembrou a Olinda.

– Seria burro também se tivesse usado a sua escada – continuou o Professor, pensativo e com testa franzida. – Se tivéssemos encontrado as marcas dessa escada, teríamos certeza de justamente ele e ninguém outro ser o autor do roubo.

– Apesar disso, o Pintinho contou que o doutor Curvelo logo começou a zangar com esse pintor – comentou a Eva Maria. – E que o pintor foi embora momentos depois dessa discussão para buscar o seu material.

Olhou para mim, enquanto levantava a sua xícara para tomar mais um gole de chocolate quente.

– Talvez ele voltou logo depois do doutor desaparecer – começou o Professor vagarosamente a articular os seus pensamentos. – O problema é apenas que ele tem de ter se apoiado em alguma coisa para ser capaz de alcançar a janela no andar superior da casa.

– Possivelmente uma escada menor e mais estreita – a Olinda sugeriu. – Uma escada que ele trouxe com o material. E que deixou as marcas pequenas que nos encontramos lá.

– Agora ao motivo – continuou o meu amigo. – Pelo que eu sei, você conhece este pintor, não conhece, Olinda?

– Sim, ele pertence á família Andrade Antão também, mas não mora em Reconquista. Se trata de um primo do fazendeiro Roque Antão, ao menos pelo que eu ouvi contar.

O Professor tirou os óculos e piscou, enquanto banhava a sua cara no sol ameno da tardinha. – Quer dizer que o primo deste rico fazendeiro foi mesmo obrigado de trabalhar como pintor? – ele finalmente perguntou.

Olinda olhou para o último pedaço de *Rosinenstuten* no seu prato. – Eu me lembro agora de uma velha história – ela começou a expor devagarinho. – Pelo que ouvi contar, este pintor tinha começado como assistente do supervisor da fazenda Pindaíbas, onde, porém, acabou de fracassar clamorosamente. E então, como alvo da consequente raiva do fazendeiro Roque Antão que o tinha beneficiado, não lhe sobrou nada do que aceitar a ganhar a vida como pintor.

Tendo finalmente terminado com o meu *Rosinenstuten*, eu tomei a resolução de me intrometer.

– Mas, com este pintor passando como a ovelha negra da família, uma coisa me parece difícil de compreender – eu disse, olhando de um dos meus amigos para o outro. – Se ele terminou por fim praticamente sendo expulsado do clã, porque então se encarregar da vingança desses mesmos Andrade Antão?

– Talvez lhe ofereceram dinheiro – sugeri a Eva Maria.

– Como resultado das nossas considerações, podemos dizer que ele não tem álibi nenhum – concluiu a Olinda, enquanto que jogava a sua cabeleira para trás dos ombros com a mão direita.

– Realmente não – concordou o Professor, que estava ajustando novamente os seus óculos, visivelmente movido. – Pelo menos enquanto não encontrarmos uma testemunha que o observou no seu caminho de volta com o material.

– Difícil – eu comentei.

– Ainda nos sobram uns dez dias até o fim das nossas férias – finalizou o Professor com todos os sinais de estar profundamente preocupado. – Infelizmente, ainda não temos noção nenhuma a respeito da autoria do roubo.

– Que tal o Pintinho? – eu disse, brincando.

– Ah não, mas essa é demais – suspirou o meu amigo com um gemido.

– Mas porque? – perguntou a Eva Maria. – Pensem só: Enquanto o doutor Curvelo tratava o Heitor, o garotinho pode facilmente ter trepado nos ombros do pintor para roubar o bode de jade!

– Você está deixando estes buracos estranhos fora de consideração agora, querida amiga – avisou o Professor com grande seriedade. – Buracos deixados sem dúvida

pelo ladrão. E não se tratava das marcas dos sapatos do pintor de maneira nenhuma!

– Estamos nos movendo em círculos – eu concluí com um suspiro profundo.

Eva Maria esvaziou a sua xícara de chocolate.

– Concordo plenamente – ela disse por fim, acenando.

– Hey – chamou uma voz.

Olinda foi a primeira a virar a sua cabeça.

– A sua prima, Professor – ela constatou.

E realmente, quem estava se aproximando era a irmã mais velha dele, a Maria Aurélia. E mais uma vez, me veio á cabeça que ela de fato se parecia demasiadamente com a Cecília, este anjo de simpatia que brilhava no nosso jovem céu. Tinha o mesmo sorrisinho fascinante, com a linha de dentes pequenos cintilando como pérolas. E também olhos similares, grandes e da cor de amêndoas maduras.

– Seja bem vindo, priminha querida – disse o Professor um pouco reservado.

E a Maria Aurélia puxou uma cadeira, cumprimentando todos nos e juntando-se a gente no momento seguinte.

Eu sabia que ela trabalhava na farmácia, oblíquamente oposta do lado da Esplanada onde a gente sempre se encontrava, ou seja, da padaria.

– Talvez ela pode testemunhar algo? – sussurrou a Olinda bem baixinho para o Professor.

Mas ouvindo-a, a Maria Auréla prontamente sorriu.

– Testemunhar o quê? – ela quis saber.

– Pense no dia do roubo, priminha – sugeriu o meu amigo, coçando o seu cabelo curto e enrolado . – No dia no qual o bodinho de jade foi roubado.

– Me lembro da notícia do roubo sim senhor. Mas nem poderia dizer quando foi, e muito menos dar uma dica de quem esteve envolvido.

– O pintor, por exemplo? – avançou o Professor.

Maria Aurélia, e óbviamente para chamar a nossa atenção, levantou devagarinho o dedo indicador.

– Uma boa – ela disse, com olhos brilhantes. – Foram carregar demais, esses dois, com o troço todo caindo. E de dentro da farmácia, eu ouvi um grito alto e me lembro de ter saído correndo a fim de ajudar.

– Ajudar? – perguntou o Professor. – Mas a quem, maninha, dando uma mão ao pintor talvez?

– Ao pintor? – indagou a prima dele, visivelmente perturbada. – Naturalmente não, embora de ter sido a camionete dele que estava estacionada na frente da nossa farmácia.

– Sim, o automóvel é pesado demais para poder atravessar a ponte, não é? – a Olinda completou.

– Exato, disso eu sei também – o Professor disse acenando. – Mas quem foi o menino? O Pintinho talvez?

– Não, não – contestou a Maria Aurélia, que acentuava a negação dela gesticulando vigorosamente com o dedo indicador. – O Pintinho deve ter estado trabalhando para o velho Antão, na carpintaria. Mas o outro que acabo de mencionar costuma auxiliar o pintor, sem que eu seja capaz de me lembrar do nome dele agora.

– Sim, acho que já sei quem é esse fulano de tal do qual você está falando, Maria Aurélia – eu disse rapidamente. E, no fluxo das minhas palavras, me ví logo obrigado a dar uma recuada: – Só que também não me vem á mente o nome daquele rapaz.

– Ele ainda é pequenino e estava completamente coberto com latas de cores, diluintes e pincéis quando ocorreu aquele tropeço – explicou a prima do meu amigo. E adicionou: – Ainda me recordo que um dos rapazes da farmácia o ajudou de levar o troço todo para a ilha.

– Você também viu uma escada pequena ou algo semelhante? – a interrogou o Professor.

A Maria Aurélia juntou as mãos sobre a mesa, num gesto claramente compassivo.

– Não, realmente só latas e pincéis – ela insistiu. - Tadinho do rapazinho, hein? Pois mesmo isso se revelou sendo demais para ele.

De repente, o jipe da irmã simpática do meu amigo parou na frente da padaria. E a cara tão familiar da Cecília apareceu na janela, chamando:

– Beth nos convidou para jantar na casa dela, Maria Aurélia. Você já se esqueceu?

– Ah, mas como poderia! – retorquiu a prima do Professor.

E a Maria Aurélia se despediu da gente apressadamente, saindo correndo logo depois para se juntar então á Cecília no carro. Dando dois sinais de buzina, a irmã do meu amigo arrancou o jipe, e momentos depois já estavam sumidos.

Voltando-se para nos, a Olinda começou a falar.

– Mas onde estava este pintor danado na hora do crime? – ela quis saber. E isso já um pouco impacientemente. – Sabemos agora que ele mandou o seu menininho á camionete para buscar o material. Mas onde se encontrava ele mesmo?

– De qualquer maneira, quanto a essa escada menor que você supôs, ela parece nunca ter existido, Olinda – o meu amigo deu a entender. – Mas mesmo assim, o pintor ainda está na lista. Pois ao meu ver, ele não tem álibi absolutamente nenhum.

– Mas quanto a Daminha... – eu comecei.

Com um olhar sério, porém, o Professor logo começou a sacudir a sua cabeça negativamente.

– Eu tive a oportunidade nos últimos dias de falar com vários alunos do curso de teatro – ele avisou com o dedo indicador levantado da maneira como só um mestre escolar teria a habilidade de fazer. – Todos estes alunos se encontravam reunidos na frente do colégio em Paraopeba no dia do roubo. E todos se lembraram muito bem de ter visto a Daminha lá, no volante de seu automóvel.

– Eu não duvido disso – eu respondi. – Mas assim mesmo, há um problema em torno daquele capataz que trabalha para o fazendeiro Roque Antão.

O Professor expirou altamente.

– O cara que você viu na padaria – ele lembrou, e já visivelmente enervado.

– Ou o irmão dele – eu insistí com um certo grau de teimosia.

– O advogado! – exclamou a Eva Maria com uma risadinha maldosa.

– Vamos para casa agora – decidiu o Professor, cuja irritação agora parecia de se ter tornado num profundo desânimo. – Pois está faltando alguma coisa significativa. Uma coisa que não vamos encontrar hoje, e mesmo se fossemos capazes de juntar um esforço já expressamente titânico.

Um aniversário bagunçado e um papagaio traiçoeiro

O próximo incidente era então o convite da Olinda para festejar o aniversário na casa dela.

E quanto ás nossas moradias, ainda me falta esclarecer que atrás da Esplanada iam se alinhando mais duas ruas paralelas. No começo da primeira se localizava a casa da nossa amiga aniversariante, enquanto a do Professor se situava na segunda, com a minha se encontrando do lado exatamente oposto da dele.

Para não atrapalhar, os pais da Olinda tinham saído com amigos na noite da festa dela. E quem foi encarregado de tomar conta da casa durante a ausência deles foi a irmã mais velha da Olinda, a Alice.

Mas essa, no sentido de cuidar da gente, se revelou um fracasso completo. Enfadonhada com o bando enorme de visitantes entre oito e doze anos, ela se retirou. E isso na companhia da melhor amiga dela, que era nenhuma outra do que a minha irmã Isabel.

Enquanto a música ainda estava baixa, pudemos ouvir as risadas das duas lá de cima, onde provavelmente estavam mexendo com a maquiagem, o esmalte e os sapatos de salto alto da mãe da Olinda.

A Júlia e a Bernadete tinham deixado as filhas gêmeas do Ateu com as irmãzinhas, para terem a oportunidade de se juntar á gente. Quanto ao Pintinho, o velho Antão comprara roupa nova para o garotinho, e especialmente para este dia de festa.

Todos os nossos colegas do colégio vieram, e muitos carros pararam para trazer crianças dos povoados vizinhos.

Mas os nossos prazeres chegaram ao fim quando a Loloca invadiu o palco. Não era da nossa idade, e assim teve que fazer algum esforço para suceder em puxar também a sua amiga Flávia para dentro da casa da Olinda. E enquanto Flávia, a namorada do meu primo Túlio, logo foi-se juntar á Alice e á minha irmã lá em cima, a Maria Augusta teve nada melhor de fazer do que atrever-se a invadir a cozinha.

Preocupadíssimo, eu logo me precipitei a segui-la.

– Que temos aqui, boboca? – ela perguntou a Eva Maria, que também tinha ido atrás dela e aparentemente já estava presumindo as piores coisas. – Ah, uma garrafa de cachaça, que bom – ela continuou alegremente. – Pena só que alguém já esteve aí para esvaziá-la por mais que a metade!

E, com isso, levantou a bebida para o alto, tomando um gole que não acabava mais.

– Nossa! – eu exclamei tão involuntariamente como espantado também.

– Morrendo de sede aparentemente – comentou a Eva Maria numa ironia já exagerada. – Tadinha, hein, Queijinho?

– Quer também, boba? – gritou a Loloca, estendendo a garrafa já quase vazia para o lado da nossa amiga loura.

– Não, obrigada – esta retorquiu. – Não tomai nada dos famintos e dos que estão sedentos, dizem os livros sagradíssimos.

– Você não sabe o que é bom – bradou a Maria Augusta, que já estava deixando a cozinha com a garrafa. – E agora vamos ouvir música decente, seus bobalhões, e se vamos ouvi-la!

E, antes de nos sermos capazes de segui-la, já ouvimos a batucada da música vindo da sala, e essa a um grau extremamente alto.

– Oh meu Deus – gritou a Eva Maria.

E quando entramos no salão, a música estava quase arrebetando os nossos tímpanos, com os altofalantes tremendo e vibrando que nem macaco molhado nas friagens do sul.

– Quem convidou esta barangona para a festa – gritou o recém-chegado Zé do Mato, que estava já quase apertando a sua boca no meu ouvido para superar o barulho.

– Ela mesmo se convidou – eu berrei de volta.

Enquanto isso, a Loloca estava girando em torno de si, com os braços estendidos e ainda com a garrafa na mão. E durante esta dança enlouquecida, ela cantava, com voz feia e rouca: -

– Lalalalala, lalalalala...

– Você não quer ir para sua casa? – bradou o Professor, que chegara bem pertinho dela para se fazer audível.

– Vai você, bobo – ela respondeu ainda girando, com a garrafa passando e quase atingindo a cabeça do meu amigo. – Ah, que bom – ela exclamou logo depois, ao ter tomado mais um gole profundo. – Que coisinha mais maravilhosa!

Continuando rodando histericamente depois de ter bebido, ela conseguiu atingir com a garrafa uma das estantes cheias de louça de porcelana. Esta logo foi ao chão com um barulhão mesmo ainda claramente captável no meio da música alta, com tudo se indo para o brejo de uma vez.

A mão vazia da Loloca se abaixou gradualmente, até mostrar para toda a louça em mil pedaços que estava espalhada no chão.

– Veja que você fez, bobo – ela gritou para o Pintinho, que se encontrava bem ao lado dela.

– Você que é boba – o rapazinho bramiu de volta. – Boba e burra também, sua barangona sem cabeça!

Prontamente, a Maria Augusta sacudiu a garrafa para cima, na direção da cabeça dele. Mas o Pintinho se agachou, enquanto que a garrafa continuava voando para o

alto, até atingir o lustre lá no teto. E todo mundo saiu logo correndo, para se salvarem dos pedaços da lâmpada enorme que já choviam para baixo.

De repente, eu ouvi a voz da Olinda, que estava chamando da parte traseira da casa.

– Eva Maria, o telefone, venha rápido, venha.

E, acompanhado pelo Professor e nossa amiga loura, fui sair logo correndo na direção da voz que ainda estava chamando.

Olinda tinha puxado o telefone junto com a linha longa para dentro do seu quarto. Entramos, e quando um bando enorme de crianças quis seguir, a Olinda simplesmente fechou a porta atrás de si, e trancando-a á chave logo depois.

– A chamada é para mim? – a Eva Maria perguntou desconfiada, e ja quase um pouco incrédula.

– Sim, é uma menina telefonando de Belo Horizonte – a Olinda a informou. – Contou que tinha telefonado primeiro para a fazenda, onde os seus pais lhe disseram que você estaria aqui. E mencionou também que a sua tia tinha lhe dito que estávamos procurando o ladrão do bodinho de jade, e que ela quer lembrar você a um certo incidente.

– Como se chama esta menina? – a Eva Maria indagou.

Mas a Olinda simplesmente lhe entregou o fone em vez de responder.

E nos todos nos juntamos em torno dela. A música chegava até aqui, como uma batucada de martelos surdos e abafados.

– Alô? – perguntou a nossa amiga loura. E isso de um jeito de profunda suspeita e até um pouco receioso.

E a menina do outro lado da linha estava falando de maneira tão alta que fomos sem nenhum esforço capazes de acompanhar a conversa.

– É você afinal, Eva Maria? – perguntou a outra, num tom apressado e ofegante.

– Sim, mas quem é você?

– Carmen de Cejas Furtado. Não se lembra?

E a Eva Maria se virou para nos, puxando os ombros para cima num gesto claramente interrogativo enquanto sacudia a cabeça negativamente.

– Sinto muito, mas infelizmente não – ela disse para o auscultador.

– Pelo amor de Deus, querida! Pense bem, três anos atrás, no aniversário da Milena, onde aquele cara misterioso e fantasiado de... bem, de seréia se apresentou a nos!

E com estas palavras, a Eva Maria súbitamente arregalou os olhos azuis e se voltou para nos. Mas me parecia tão confusa que tive a impressão de que não era capaz de articular palavra nenhuma.

– Um tal de Heitor, do seu povoado, também estava lá – avançou a voz da outra.

A essa altura, o Professor tocou o ombro da nossa amiga loura, e isso com uma expressão visivelmente incentivadora.

– Que há com você, hein? – gritou a voz da Carmen do outro lado da linha agora, num tom súbitamente extremamente irritado.

– Ah, vá para as bandas do inferno, sua cabrona burra – ela ainda adicionou, notavelmente frustrada.

E desligou.

Mas com a Eva Maria desligando também, nos todos começamos prontamente a falar ao mesmo tempo.

– O que foi isso?

– Quem é essa menina, e o que ela queria?

– Mas você conhece ela, não conhece, Eva Maria?

E com essa última pergunta, a nossa amiga loura saiu logo nos contando tudo.

Três anos atrás, ela passara as suas férias de fim de ano na mansão de sua tia, em Belo Horizonte. A filha dos donos da casa vizinha à direita tinha aniversário e distribuíra convites na vizinhança, dois dias antes de Natal.

Naquele tempo, com o pai do Heitor ainda vivo, a família Barreto Antão também estava visitando parentes neste fim do ano na capital. Por coincidência, passaram os dias de feriado na imediata vizinhança da mansão da tia, com o Heitor também sendo convidado para a festa da já mencionada Carmen de Cejas Furtado.

Lá, todos foram fascinados pela exibição de um desconhecido dentro do belo e colorido costume de uma seréia. E, com todas as crianças brincando com a seréia e montando nela, ela, a Eva Maria, tinha notado a uma certa altura que não havia nada dentro do rabo da fantasia.

– Nada dentro do rabo? – nos todos prontamente saímos gritando, num surpreendimento agora chegado ao auge.

E a Eva Maria acenou vigorosamente com a cabeça. Sim, exatamente, era como se a pessoa não tivesse tido pernas.

Mais tarde, com aquela festa já quase terminada, ela – a nossa amiga loura – ainda tinha ido para a cozinha a fim de beber limonada. E lá, encontrara sentado numa cadeira um rapaz, com a fantasia de seréia já puxada para baixo, até a cintura.

– E ele não teve pernas? – indagou o Professor.

– Não sei, porque a parte onde deviam estar as coxas e os joelhos do cara ainda se mostravam cobertos pelo rabo da fantasia.

De repente, alguém bateu á porta, fazendo-nos todos virar e dar uma olhada para trás.

– Quem é? – perguntou a Olinda cautelosamente, aproximando-se na ponta dos pés até finalmente tocar a maçaneta.

– Sou eu, a Bernadete – veio uma voz baixinha passando pela madeira. – Abra, por favor.

Olinda virou a chave e deixou a menina entrar. Isso para tornar a trancar a porta novamente, e logo atrás dela.

A Bernadete era uma menina fofinha, que portava óculos e tinha arrumado o cabelo crespo e castanho numa trança abundante que lhe caía pelas costas.

– A Loloca está acabando com os móveis da sala – ela nos informou. – E nos parece estar completamente embriagada!

– Não me diga! – exclamou a Olinda, que de súbito dava a aparência de estar totalmente apavorada. E com a menina confirmando o que tinha dito e acenando com vigor também, a nossa >>índia<< continuou: – Onde está esta besta parada da minha irmã?

Pois cabía inteiramente a Alice de botar aquela maluca para fora da casa, não é verdade?

– Vou dizer pra ela – respondeu a Bernadete, se voltando para a porta.

Mas logo parou, ao ouvir o Professor que estava começando a falar.

– Quanto áquela seréia, me veio um novo raciocínio – disse o meu amigo, que me parecia devagarinho estar emergindo dos mais profundos pensamentos. – Pois talvez foi justamente esse desconhecido aquele que sustentou o pintor pra chegar á janela dos Palco Ferreira, vocês não acham?

– O pintor, você disse? – exclamou a Bernadete. – Saibam que é exatamente este sem-vergonha que está dando em cima da minha mãe que nem urubu no cadáver.

– Verdade? – gritou o meu amigo, acordando repentinamente. – Diga, querida, você viu esse pintor no dia do roubo também?

– Claro – disse ela. – Tínhamos levado as nossas mães para a missa, a Júlia e eu. E vendo o Landau do advogado parando, corremos para abrir as portas para o doutor Curvelo. E quando voltamos para casa, encontramos o pintor lá aguardando e tocando a campainha como um doido, bem na frente da porta de entrada.

– A que hora foi isso? – o Professor quis saber.

Mas a Bernadete não estava escutando, com a atenção dela estando voltada para o barulho atrás da porta novamente. E assim, a Olinda se pôs a falar.

– As irmãzinhas chegaram com atraso para a missa – ela lembrou. – Deve ter sido por volta das oito e dez quando o pintor se dirigiu á casa delas.

Ouvindo estas palavras, a Bernadete logo tornou, para então acenar vigorosamente.

– Quando fui voltar para casa com a Júlia, nos dois vimos o menino – ela confirmou. E prosseguiu: – Sim, sim, exatamente, esse tal de aprendiz do pintor. Ele estava justamente atravessando a ponte, com um homem ao seu lado, ajudando-o a carregar esse monte de latas e pincéis.

– Oito e dez – repetiu o Professor. – Isso é tarde demais. E quer dizer que o pintor ainda não tem álibi nenhum para o momento de um crime que necessariamente deve ter se passado antes das oito.

– Bem, vou chamar a sua irmã, Olinda – disse a Bernadete, virando a chave.

Mas quando abriu a porta, nos ouvimos uma gritaria terrível vindo da sala, no meio de toda essa batucada plenamente ensurdecete da música.

– Que é isso? – exclamou a Olinda, que súbitamente se presentava extremamente alarmada mais uma vez.

E saímos todos, para ver o que se passava na sala. Lá, na extensão de uma bagunça tremenda, o bando enorme dos visitantes estava reunido. E como torres se levantando no meio de águas rasas, no centro da multidão destacamos Alice, Isabel, Flávia e a Loloca.

– Vamos indo, querida Mariazinha – disse a Flavinha, desligando a música. – A festa acabou, Maria Augusta, vamos para casa.

– Para casa – repetiu a menina completamente bebada num tom balbuciante.

– Sim, vamos indo.

E com estas palavras, a Flávia tomou calmamente a mão da Loloca e a guiou rapidamente para fora da casa.

– Não ouviram? – gritou a Alice, que no meio desse silêncio súbito estava adressando a criançada ainda juntada na sala. – São todos surdos, ou o que há? A

festa acabou, vamos indo, gente, a festa está terminada, não há mais nada aqui a não ser essa bagunça horrível que vocês deixaram!

Indecisos e hesitantes, a massa dos convidados foi gradualmente se movendo para fora da casa. Quando Isabel finalmente fechou a porta atrás do último, a Alice se atirou numa poltrona. E escondendo o rosto nas mãos dela, ela começou a disparar num choro lacerante.

– Ah, mas o que os nossos pais vão dizer – ela balbuciou. – A casa toda arruinada, eles vão me matar, não vou sobreviver essa noite, mas não vou mesmo, gente!

– Vai sim – a consolou a minha irmã, que já estava voltando da porta. – Porque eu mais a sua irmã pequena vamos ajudar a arrumar tudo, não vamos, Olinda?

– Claro – essa respondeu prontamente.

– Nos também lhe vamos dar uma mão – exclamou a Eva Maria. – E o Professor mais o Queijinho também estão no nosso time, não é verdade?

E nos dois prontamente acenamos. Mas a Alice continuou choramingando:

– Ajudar mas como, gente, com tudo estando quebrado! A lâmpada, a porcelana, as louças... e com tudo se apresentando completamente destruído, tudo se tendo ido para o brejo, o que nos resta fazer, meu Deus!

Ignorando o lamentar dela, a minha irmã logo foi começando com o trabalho de arrumação.

– Vamos, vamos, gente – ela disse. – Os cacos jogamos no lixo, as manchas do tapete serão lavadas, e o resto vamos limpar e aspirar.

Tomou a mão da Alice, puxando-a para fora da poltrona.

E com todos nos ajudando, foi preciso menos de uma hora para limpar a casa. Por fim, só o lustre estava faltando, com a estante se apresentando vazia também.

– Ai de mim – soluçou a Alice. – O meu senhor, mas o que vai ser de mim.

– Essa Loloca vai ter que pagar pelos danos que causou – a consolou o Professor num tom repentinamente extremamente brusco e autoritário.

– Aquela? – exclamou a Eva Maria. – Pelo que ouvi, esse pai alcoólatra da Maria Augusta já tá devendo pra todo mundo, sendo que jamais pagou pelas contas dele.

– Este é o fim – lamentou a Alice. – Ah, se eu pudesse sumir da superfície desse planeta, e se fosse só para estes próximos dias!

– Vamos dar a culpa àquela Loloca maluca – disse a minha irmã. – Vou ficar aqui para testemunhar para você, querida!

– Venham – disse a Eva Maria para mim e para o Professor. – Vamos para casa, antes do toró sair pra descer aqui!

*

Chegou, uma semana mais tarde, aquela última sexta-feira antes do recomeço das aulas. Você, meu querido leitor ou minha querida leitora, talvez não possa imaginar o quanto estávamos todos desesperados! Afinal, tínhamos dado a nossa palavra ao Ateu que iríamos solucionar esse caso maldito e tirá-lo da custódia, em Sete Lagoas. E agora, este fracasso quão lamentável como também era vexatório para nos!

Na segunda-feira que se seguia a este último fim de semana, a aula também se reiniciaria para Júlia e Bernadete, as filhas das irmãzinhas. E isso significaria que estas não seriam mais capazes de cuidar das filhas gêmeas do Ateu.

Aparentemente já quase no fim da linha, o Professor marcou um último encontro na Via Galinácea Número Três. E o meu amigo lembrou a Eva Maria de bater o tambor com toda força na sua fazenda para chamar o Zé do Mato, já que iríamos necessitar a presença de cada um dos nossos soldados.

E já bem de tardinha, estávamos finalmente todos reunidos no nosso velho ponto de encontro.

– Espero uma boa dica agora – anunciou o Professor, com o dedo indicador levantado. – E não se atrevam de simplesmente me dizer que foi o pintor, por exemplo. Pois gostaria também de saber da maneira de como o crime foi cometido!

– Inútil, isso não vai dar em nada – respondeu a Olinda, visivelmente desanimada também. – Assim, nunca vamos chegar a sucesso nenhum.

– Um momento – avisou o Zé do Mato. E foi a primeira vez que o ouvi falar, desde que a sua boca estava inflamada. Sendo que o aniversário da Olinda não contava, já que a música estava tão alta que nada se ouvia além desta mesma.

– Vocês estão ouvindo este barulho? – perguntou o nosso amigo selvagem. – É o mesmo que chamou a nossa atenção na última vez.

E ele tinha razão. Era um barulho de como duas garrafas grossas de vidro fossem batidas uma contra a outra.

É o papagaio, mais uma vez – constatou o Zé do Mato com um sorriso e respondendo a si mesmo. – E eu agora também sei qual é o ruído que ele está imitando.

– E o que você pensa? – indagou a Eva Maria.

– É o bate-bec do qual o meu pai me falou!

Ele mal acabou a frase, quando nos todos pulamos para cima.

– Seu pai te falou? – nos saímos gritando de uma só boca.

– Sim, por que? Pois papai tinha me contado de um bom negócio o outro dia. Disse que o capataz do Roque Antão o pagou uma soma jóia para excavar um bate-bec que estava enterrado no Morro das Almas.

– No Morro das Almas? – nos berramos, e novamente todos juntos.

– Que há, gente, hein? – disse o Zé do Mato, que parecia agora visivelmente irritado e aborrecido. – É aquele brinquedo feito de uma corda com duas bolas duras nas extremidades. Só que papai disse que o capataz do Góis Serrano estava lá com a sua filharada, atrapalhando os negócios dele. E que por fim ainda foi atacado por aquele Banzé Predador, uma fera já quase lendária. Sorte do meu velho de ter sobrevivido tudo isso.

– Quando á filharada, se tratou da gente – confessou a Olinda, um pouco cabisbaixa e com uma voz mal audível.

Agora, foi a vez do Zé do Mato se surpreender.

– De vocês? – ele exclamou. – Lá, no meio do mato e á meia noite? Será que estou ouvindo direito?

Mas neste exato momento, ouvimos um barulho tremendo vindo lá de fora.

Por um instante, olhamos um para o outro, confusos e desnorteados por completo.

– Vamos ver o que é – decidiu finalmente o Professor. – Parece que é a voz do Roque Antão, e algo me diz que está havendo briga lá.

Rápidamente, deixamos o galinheiro e rodeamos a casa da viúva Barreto, até chegar ao quintal da casa dela. E lá, os quintais já estavam lotados por uma multidão impressionante .

Neste mesmo momento, o delegado Valentino, de Sete Lagoas, surgiu no palco acompanhado por dois policiais. E me parecia bastante chateado e enervado pelo simples fato de ter sido chamado.

– Olha, se não houver desculpa aí, eu vou levar todo mundo para a custódia – ele deu a entender. E isso com o jeito de se expressar decididamente autoritário e venerável.

Ouí uma vozinha, á minha esquerda. E era a Bernadete, que logo começou a me por a par de tudo.

O fazendeiro Roque Antão viera para casa com o seu capataz, quando foram surgir o cunhado e também o primo da dona Dalva, ambos da família Palco Ferreira. E a pequena contou que tinham chamado o capataz de ladrão, o que levava este a bater o cunhado, enquanto que o fazendeiro acertara um bom pontapé no primo. E, com o primo querendo responder com uma punhada, o capataz prontamente se pôs na frente, na intenção de proteger o seu patrão. Atingido no olho pelo soco do primo, a viúva veio correndo, para tratar com uma sacola de gelo o olho roxo e inchado do homem barbudo. A essa hora, já tinha se juntado muita gente, que tentava fazer as pazes entre os partidos inimizados. Mas o fazendeiro berrava dizendo que agora bastava, que fazia questão do delegado aparecer pessoalmente, para prender essa dupla de arruaceiros.

E agora, com a nossa estréia no palco, a viúva ainda estava tratando o olho do capataz. Mas o fazendeiro bramia que o olho do seu supervisor estava sangrando, que este precisava de tratado médico, e que ele fazia questão que os dois brutos ao menos pagassem a conta que o doutor Curvelo iria preparar.

Quanto ao delegado, ele deu a entender que estava farto dessa hostilidade permanente, e que com mais uma briga iria realmente prender todo mundo. E, dirigindo-se ao primo e ao cunhado da dona Dalva, ameaçou de tomá-los em custódia, se eles não pagassem as despesas do tratamento do capataz.

Foi então que os dois agressores aceitaram de corresponder ao que o senhor delegado estava exigindo.

E, olhando bem de perto, notei que a sacola de gelo da viúva ainda estava branca como neve recém-caída. Nada de uma ferida que estava sangrando, então. E, me virando, encarei os olhos escuros da Daminha.

E quem estava atrás dela? Pois quem estava abraçando-a de trás não era nenhum outro do que o Cacaoio mais uma vez, o filho daquele fazendeiro riquíssimo.

Confuso e já quase tonto, eu me virei para o lado oposto. Mas lá estava a Daminha também, e ao lado do pai dela, do fazendeiro Roque Antão.

Não entendi mais nada. Mas ao tornar mais uma vez, o par de amantes repentinamente tinha sumido.

E o capataz nunca esteve sangrando, eu pensei incongruentemente, já plenamente desnorteado.

Mas ainda assim, o delegado gritou para os policiais neste exato momento:

– Tudo resolvido aqui, colegas. Vamos voltar para a delegacia.

Porém, no entretanto, o Professor sucedera em forçar o seu caminho pela massa de expectadores, aparecendo neste instante ao lado do delegado.

– Um momento por favor, senhor delegado – o meu grande amigo pediu cordialmente. – Mas eu posso lhe mostrar o ladrão do bodinho de jade dos Palco Ferreira.

A essa altura, tudo já me pareceu estar se passando em camara lenta. Devagarinho, devagarinho, o delegado gradualmente se virou para ele.

– Você quer me acompanhar para Sete Lagoas, rapaz? – ele finalmente disse com severidade. – Pois lá, eu serei capaz de lhe mostrar o ladrão também.

– Não será preciso, senhor delegado – o Professor retrucou. – Pois não se trata do Ateu... bem, do seu Josías, eu queria dizer. Mas desta vez do ladrão verdadeiro.

– Do ladrão verdadeiro – repetiu o outro, agora visivelmente perturbado.

E, de repente, era como se caspas espessas fossem cair dos meus olhos. Por um momento, realmente me sentí capaz de entender tudo com uma clareza incrível. Mas já no instante seguinte, tornei a olhar de maneira mais incrédula do que nunca para o meu amigo.

– Senhor delegado, por favor me acompanhe para dentro da casa da viúva Barreto Antão – o Professor prosseguiu, prontamente se pondo em movimento.

E nos seguimos com o delegado, com toda a multidão começando a se mexer também, movendo-se atrás do nosso grupo.

– Para a casa da viúva – repetiu o senhor Valentino mecânicamente.

E franzia a testa, supostamente na tentativa de adivinhar o que se iria seguir.

Na sala da casa, o Professor olhou para três caixas que se encontravam em cima de uma estante.

– Seixas – disse o delegado calmamente, se dirigindo para o mais alto de seus dois policiais. – Me faz o favor de dar uma mão ao rapaz.

E o policial pegou a primeira caixa, que logo foi aberta pelo Professor. Nada, porém, absolutamente nada.

A segunda. Mas outra vez, nada.

Sendo aberta finalmente a terceira, o meu amigo disse:

– Eu sabia. O bate bec.

– Bate bec – repetiu o delegado, agora boquiaberto.

Um gemido passou pela multidão atrás de nos. E vi que a viúva Emília Barreto Antão tinha forçado seu caminho pela massa com o seu filho Heitor, com os dois alcançando a gente agora.

– Aqui está a escada para o porão – disse o Professor, que já tinha deixado a sala e se encontrava no corredor. – Por favor, Dona Emília, tome a chave e abra a porta!

– Eu – balbuciou a viúva, nervosa e com as mãos trêmulas – eu não tenho nada. Realmente não tenho chave nenhuma, rapaz!

– Dona Emília – bradou o delegado, com uma voz intimidante que lembrava a uma trovoadas. – A chave, Dona Emília. E para agora mesmo.

Acenando hesitantemente, a viúva se dirigiu á direita, tirando uma chave de uma das gavetas da estante segundos depois.

– Aqui – ela gaguejou, completamente perdida e com a chave na mão – aqui, estimado senhor delegado...

– Obrigado – disse aquele, tomando a chave e seguindo o Professor escada abaixo. E nos fomos rápidamente atrás deles, com os policiais, a viúva e o seu filho Heitor, deixando a multidão curiosa reunida lá em cima.

– Nos tivemos problemas – começou o Professor, com o delegado enfiando a chave na fechadura e virando-a. – Tivemos problemas com duas marcas fininhas deixadas pelo ladrão debaixo da janela em questão.

– Aberta – triunfou o delegado com um sorriso largíssimo.

E abrindo a porta com um pontapé, nos todos entramos. Mas logo depois, fomos forçados a piscar, tentando acostumar os nossos olhos á luz fraquíssima.

– Malvados – disse uma voz rouca. – Bando de guardas de cárcere miseráveis e desprezíveis.

– É o papagaio – explicou o Zé do Mato, que se encontrava á minha direita.

E de repente, nos encontramos todos capazes de destacar os nossos arredores.

– As marcas no solo vieram das pontas das muletas deste sujeito – exclamou o Professor, que chamava a nossa atenção com o seu dedo indicador para um rapaz apoiado em muletas, que se encontrava aguardando num profundo silêncio na parte traseira do porão.

– Este é o misterioso anãozinho – explicou o meu amigo. – Ou, se vocês quiserem, a seréia daquela festinha de aniversário em Belo Horizonte. O rapaz que fez tanto barulho com o bate-bec que a mãe dele finalmente mandou enterrar o brinquedo no pico do Morro do Cedro.

– Eu quase morri de tristeza – comentou o rapaz que ainda esperava parado como uma estátua no fundo do porão. – Chorei e chorei, com minha mãe acabando por me deixar sem o meu brinquedo favorito.

– O ladrão prometeu a ele que iria receber o bate bec de volta – explicou o Professor em voz muito alta. – E isso se o anão o ajudasse a roubar o bodinho de jade.

– O pintor – suspirou o Heitor.

– Não, não o pintor, querido Heitor – corrigiu o meu amigo. E, dirigindo se ao delegado: – Isso foi o mistério que constituía o maior problema para nos, senhor Valentino. Porque essa Daminha tinha uma dúzia inteira de estudantes testemunhando a sua estadia em Paraopeba na hora do roubo.

– E não estava lá? – perguntou o delegado.

– Quem estava em Paraopeba era esta pessoa – disse o Professor, que agora estava mostrando para a porta.

E lá, a Daminha estava entrando. Mas ainda – e que coisa mais biruta! – de braços dados com o filho daquele rico fazendeiro, esse tal de Cacaio!

– Esta é a prima da Daminha – esclareceu o Professor. – A Daminha tinha pedido a ela para substituí-la aquele dia, na ida a Paraopeba com a Maria Augusta.

– Sim, isso é verdade – disse a falsa Daminha. – Minha prima realmente me fez esse pedido aquele dia, dizendo que ela estava ocupada demais para poder dar a carona para o ensaio do teatro.

Atrás do Cacaio, eu vi agora que nesse instante a verdadeira Daminha também estava entrando no porão.

– Foi a Daminha que dirigiu o Anão com grande pressa para debaixo da janela aquele dia – explicou o Professor. – E, com o Anão se apoiando sobre as suas muletas, a Daminha magra e leve se ergueu nos ombros dele para roubar o bodinho de jade.

– Foi essa realmente a sua ação rapaz? – berrou o delegado bruscamente na direção da Daminha. – Aguardo a sua resposta, e para agorinha mesmo!

– Eu... eu.... balbuciou o filho efeminado do fazendeiro Roque Antão.

– Sim, é verdade – respondeu o Anãozinho nesse momento. – Foi exatamente essa a execução do plano desse sujeito. Sendo que ela me prometeu que iria me devolver o bate bec se eu participasse.

– Jovem senhor Roque Antão – começou o delegado a adressar a Daminha, com toda a autoridade de sua estatura impressionante. – O senhor está preso, e isso sob suspeita de ser o verdadeiro autor do roubo.

– O que tem a dizer? – se dirigiu Seixas, o maior dos dois policiais, com uma certa agressividade á Daminha. – Sem vergonha, deixando que um inocente sofra no seu lugar na custódia!

– Sim, eu.. eu confesso – gaguejou a Daminha, pálida e com uma voz trêmula. – Foi verdade o que disse o Anãozinho. Fui eu a pessoa que cometeu o roubo. E isso para me vingar dessa gente sem vergonha, desses Palco Ferreira.

Mas agora, o Delegado se virou para a viúva.

– Que diabo danado montou a senhora para atrever-se a prender o seu filho aqui no porão? – ele quis saber, num tom rude e já quase brávio. E adicionou: – E ainda por um prazo abrangendo mais de uma década, ao que parece....

– Vergonha – a dona Emília confessou balbuciando. – Vergonha por ter um anãozinho aleijado como filho homem. Eu... bem, senhor delegado, nos...nos fingimos de tê-lo enterrado em Pomerode, no sul do Brasil. Tudo melhor... melhor do que essa vergonha horrível.

– Desde quando se ousa ter vergonha por causa de uma vida presenteada pelo Criador – exclamou o delegado, já quase gritando. – É graças á sua velhice que não a levo presa, dona Emília. E veja bem: Realmente somente graças á este fato. Mas a senhora não vai escapar. Vai ter que se responsabilizar diante do tribunal criminal, assim que o promotor entrar com a acusação.

Depois, ele se virou para os seus dois policiais.

– Oficiais, vocês estão bem a par do que devem fazer agora.

– E se estamos – respondeu o policial Seixas.

E tomando a Daminha no meio, os dois saíram andando. – Com licença, com licença aí – eu ouvi o Seixas comandar. E, com a multidão dando passagem, os três se afastaram rápidamente.

– Não se esqueçam da indenização para o Josías antes de soltá-lo – o senhor Valentino gritou atrás deles. – Lembrem-se, vinte e sete dias inocentemente sob custódia!

– Entendido – respondeu a voz do Seixas.

Mas, com eles desaparecendo na massa, o delegado começou a se voltar devagarinho para a gente.

– Quando você vai se formar, meu jovem detetive? – ele se dirigiu com toda a autoridade que o seu cargo lhe concedia ao Professor. – Ainda temos trabalho para um investigador do seu calibre em Sete Lagoas.

E o Professor fechou um olho atrás dos óculos e cruzou os braços, olhando para o delegado e piscando com aquele que estava aberto, ouvindo o senhor Valentino adicionar:

– E necessitamos de um especialista como você com a máxima urgência, rapaz!

Ah, meu querido leitor, mas você tinha que ver a cara do meu amigo nesse momento! Pois um sorriso largíssimo começou a se estender de uma orelha dele até a outra!

Mas finalmente, o Professor também não deixou de conceder o que merecemos nos outros.

– Eu nunca teria sido capaz de solucionar este caso sem a ajuda dos meus quatro amigos aqui – ele acentuou. – Pois foram o Zé do Mato, a Olinda, a Eva Maria e o Queijinho aqueles que constantemente me aconselharam nas situações mais difíceis. Ah, senhor Valentino, mas nunca e jamais me deixaram na mão por um minuto sequer!

E, ouvindo isso, o delegado fez questão de cumprimentar cada um de nos.

– Um lance de mestre, gente – ele nos elogiou. – Nos infelizmente estivemos um pouco distantes do caso, lá em Sete Lagoas. Mas graças a vocês todos, um inocente foi poupado de ser condenado por um crime que nunca cometeu.

– Quando ele vai voltar? – perguntou a Eva Maria.

– Hoje ainda, minha princesinha lourinha – retrucou o delegado, enquanto passava a mão carinhosamente pela cabeleira sumptuosa dela. – Pois quanto a liberação do Josías, eu vou cuidar dela pessoalmente.

E, voltando-se para os expectadores em torno dele: – Para casa agora, gente, dissolvam-se por favor. Se houve um espetáculo aqui, já deve ter terminado a essa altura. Vão andando então.

Discutindo e comentando ainda agitadamente os acontecimentos, os habitantes de Reconquista foram se espalhando pouco a pouco.

*

E com este sucesso final terminaram as nossas férias de Julho também.

Quanto á discoteca no Morro Serrano, várias pessoas foram entrar com queixas contra o barulho emitido pela mesma. Até que finalmente um juiz de corte decidiu

que as horas de abertura do estabelecimento seriam limitadas às noites de sexta-feira e sábado.

Por último, veio o domingo que precedia a segunda feira, o dia do reinício das nossas aulas. Ouvindo que o Ateu estava de volta ao barracão dele, a Eva Maria prontamente bateu o tambor. E com o Zé do Mato chegando, fomos pegar o Anãozinho também, para então partirmos todo mundo para visitar o nosso comandante.

Ah, mas como foi bom ouvir a cadela Morceguinha latir para anunciar a nossa chegada á casebre. E prontamente a figura familiar do Ateu apareceu na porta, com suas filhinhas gêmeas nos braços, o chapéu de palha na cabeça e os olhos côm de âmbar brilhando como duas pedras preciosas.

– Jóia, mas que beleza – ele exclamou plenamente sorridente. – Que alegria de revê-los aqui, na frente desta casa humilde. Como estão, meus soldados valentes?

E respondemos em coro que nunca nos sentimos melhores.

– Estamos salvos – continuou o Ateu. – O fazendero Góis Serrano me prometeu que vai mandar uma empregada dele para cá todas as manhãs, a fim de eu ser capaz de trabalhar meio horário na carpintaria do velho Antão. Assim, vou poder pagar o aluguel e ganhar a vida para nos três, até que as minhas filhas crescerem. Não é maravilhoso?

Sim, e como era maravilhoso!

E então, o Ateu pôs as suas filhinhas gêmeas no chão. Ah, mas mal acreditamos o que vimos! Começaram mesmo a andar, cambaleando como marinheiros bêbados e rindo de boquinhas abertas que era um prazer!

– Missão cumprida, soldados – disse o Ateu. – Vocês são mesmo geniais, e isso está válido para cada um dos meus milicos aqui!

E com estas palavras, se aproximou e abraçou cada um de nos, enquanto exprimia os seus agradecimentos á gente repetidamente.

Preparou então seis xícaras de cacau no seu barracão. Enquanto isso, eu fitei uma estante velha no canto oposto, que se mostrava cheia de livros. Era a literatura típica do sertão, como por exemplo <<O último dos Cangaceiros>>, >>Rosinha, a flor mais bela do sertão>>, <<O bruto jagunço caolho>> e assim por diante.

– Eu também agradeço vocês, meus queridos amigos – balbuciou o Anãozinho, apoiando-se nas suas muletas. – Vocês não sabem de como foi horrível passar

todos estes anos naquele porão semi-escuro, só com este papagaio histérico ao meu lado, gargalhando e imitando o som do meu bate-bec.

– Nunca experimentamos passar um só dia no porão – concordou a Olinda. – Mas podemos muito bem imaginar o que significa passar uma vida lá, querido amigo.

– Sabia que havia galinhas do outro lado do muro – continuou dizendo o rapaz incapacitado. – E uma vez ouvi vozes de gente também, levantando prontamente a minha muleta tentando chamar a atenção dos vizinhos, mas infelizmente em vão.

– Eu me lembro disso – exclamou a Olinda, levantando o dedo. – Me lembro de ter visto um cano de aço azul cuja origem não conseguimos explicar.

– Posso ser um soldado também, Ateu? – perguntou o Anãozinho, com uma voz já quase trêmula do medo de ser rejeitado.

Mas quem respondeu foi o Professor, virando-se rapidamente para o pai das meninas gêmeas.

– Que você diz, Comandante? – ele perguntou.

– Concedido, meu capitão – disse o Ateu acenando bondosamente. – Você será o meu conselheiro especial daí em diante, meu querido Anãozinho.

E eu notei um verdadeiro lago de lágrimas inundarem os olhos emocionados do nosso novo colega, que era baixo de estatura de um lado, mas com tórax bem desenvolvido e braços até extremamente musculosos.

No entretanto, estávamos todos sentados no barracão, em cima de velhas caixas de laranja.

– Mal posso esperar as nossas férias de fim de ano – a Eva Maria finalmente desabafou, com as nossas xícaras já quase vazias. – Querido Ateu, vai haver outra missão para o esquadrão dos seus soldados, não vai?

– Haja Deus, princesinha! – exclamou o nosso Comandante, olhando de um para o outro com um sorrisinho estranhamente alargado. – Uma nova missão, ela diz. Qual é a opinião de vocês, meus queridos detetives?

– Sim, uma nova missão – nos todos berramos juntos, com tanto exalto que nossas cordas vocais permitiam.

Mas, ouvindo um ruído atrás de si, Olinda e Eva Maria se viraram. E logo depois, as meninas tiveram que apanhar as filhinhas do Ateu, que vinham cambaleando inseguramente, para então tropeçarem com um gritinho para dentro dos braços já abertos das nossas amigas.

– Bem vindos, suas bonequinhas – elas exclamaram alegremente.

– Então está prometido – concedeu o Ateu com um novo sorriso. – Uma nova missão para os meus soldados. E já nas próximas férias!

– Qual será? – o Anãozinho quis saber, já rubro de tanta curiosidade.

– Sim, qual será? – perguntou também o Zé do Mato.

– Haja Deus, minha tropa! – exclamou o Ateu mais uma vez. E com novamente também com essa jocosidade estranha. – Mas isso permanecerá uma...

– Surpresa – nos berramos todos juntos.

Esse berro parecia ter acordado o periquitinho Profeta também. Pois ele saiu da manga da camisa da Eva Maria para então gritar também:

– Surpresaaaaaaaaa.....

E abraçamo-nos, antes de despedir-nos, com alguns de nos rindo de felicidade e os outros com lágrimas tamanho família de um sentimento realmente transbordante nos olhos.

F I M